

The background of the cover is a photograph of the main altar of the Igreja Matriz do Divino Espírito Santo do Montijo. The altar is highly ornate, featuring a central niche with a statue of a saint in red and gold vestments, holding a cross. The statue is set within a complex, multi-tiered structure of white and gold carvings, including scrolls, floral motifs, and a central shield with a cross. The entire structure is flanked by blue and white painted columns with intricate carvings. The lighting is warm, highlighting the gold accents and the textures of the stone and wood.

**UNIVERSIDADE DO ALGARVE**  
**FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**  
Departamento de Artes e Humanidades

**OS RETÁBULOS DA IGREJA MATRIZ DO  
DIVINO ESPÍRITO SANTO DO MONTIJO**

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em História da Arte

Jorge Manuel dos Santos Manhita

FARO  
2012

**UNIVERSIDADE DO ALGARVE**  
**FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**  
Departamento de Artes e Humanidades

**OS RETÁBULOS DA IGREJA MATRIZ DO  
DIVINO ESPÍRITO SANTO DO MONTIJO**

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em História da Arte

Jorge Manuel dos Santos Manhita

FARO  
2012



**Nome**

Jorge Manuel dos Santos Manhita

**Departamento**

Artes e Humanidades

**Orientador**

Prof. Doutor Francisco Ildefonso da Claudina Lameira

**Data**

2012

**Título da Dissertação**

Os Retábulos da Igreja Matriz do Divino Espírito Santo do Montijo



## RESUMO

A presente dissertação versa sobre “Os retábulos da igreja matriz do Divino Espírito Santo do Montijo”. O seu objectivo, para além de ser um contributo para um estudo integrado deste templo, é principalmente o estudo e análise de uma das manifestações artísticas mais notáveis do Antigo Regime, contribuindo para a divulgação, valorização e salvaguarda deste património cultural através da elaboração do inventário.

O estudo divide-se em duas partes. A primeira pretende caracterizar/apresentar a evolução histórica da actual cidade de Montijo e o ‘lugar’ da igreja matriz do Divino Espírito Santo do Montijo; referenciam-se as expressões das vivências religiosas da comunidade com representação muito forte, ainda nos dias de hoje e é apresentada a arquitectura da igreja matriz do Divino Espírito Santo do Montijo, com espaço próprio para a azulejaria e para a pintura, manifestações artísticas com significativa presença no templo.

A segunda parte é dedicada aos retábulos da igreja matriz do Divino Espírito Santo do Montijo. Apresenta-se a análise/leitura de conjunto integrada, onde se abordam as seguintes questões: localização, usos e funções, iconografia, encomenda, tipologias e exemplares ímpares, materiais e técnicas, complementaridade das artes, periodização, produção artística e o estado de conservação; posteriormente é apresentado o catálogo dos retábulos recenseados. Nesta parte do estudo faz-se, ainda, uma breve incursão à vida e obra/oficina dos entalhadores Francisco Machado e de António Martins Calheiros, tendo como ponto de partida os exemplares identificados na igreja matriz do Divino Espírito Santo do Montijo.

**Palavras-chave:** Retábulo; Montijo; Igreja; Matriz; Espírito Santo.



## **ABSTRACT**

The theme of this dissertation is “The Altarpieces of the Parish Church of Divine Holy Spirit in Montijo”. Its purpose is not only to contribute for an integrated study of this temple but mainly to study and analyze one of the most notable artistic manifestations of the Ancient Regime, contributing for the promotion, improve the value and the safeguard of this cultural heritage through the elaboration of an inventory.

The study is divided in two parts. The first one pretends to characterize / present the historical evolution of the City of Montijo and the “place” occupied by the Parish Church of the Divine Holy Spirit. One enumerates the different ways how the community has expressed its religious experiences, which still have a very strong presence in our days, and presents the Parish Church of the Divine Holy Spirit’s architecture by making special reference to the artistic manifestations with more relevant presence in the temple, such as the tiles and painting.

The second part is dedicated to the altarpieces of the Parish Church of the Divine Holy Spirit. One presents an integrated analysis / reading of the set, where following questions are considered: location, uses and functions, iconography, order, typologies and unique specimens, materials and techniques, complementary of the arts, periodization, artistic production and condition report; then one presents the catalogue of the listed altarpieces. In this part of the study is also made a brief incursion to the life of and work / workshop of the carvers Francisco Machado and António Martins Calheiros, based on the examples found in the Parish Church of the Divine Holy Spirit.

**Key words:** Montijo, Altarpiece; Church, Parish Church; Holy Spirit



## **ÍNDICE**

### **A Igreja Matriz do Divino Espírito Santo do Montijo**

#### **I Parte**

Introdução

1. A Igreja Matriz do Divino Espírito Santo do Montijo: breve nota histórica
2. A Arquitectura
3. A Azulejaria
4. A Pintura

#### **II Parte**

5. Os retábulos da Igreja Matriz do Divino Espírito Santo do Montijo
  - 5.1. Usos e funções
  - 5.2 Iconografia
  - 5.3 Encomenda
  - 5.4 Tipologias e exemplares ímpares
  - 5.5 Materiais e técnicas
  - 5.6 Complementaridade das artes
  - 5.7 Periodização
    - 5.7.1 Barroco Pleno
    - 5.7.2 Revivalismo
  - 5.8 Produção artística
6. Catálogo
7. Conclusões
8. Bibliografia
9. Apêndice documental
10. Apêndice fotográfico



# I PARTE

## Introdução

O presente trabalho foi realizado no âmbito da unidade curricular de História do Retábulo em Portugal do Mestrado em História da Arte.

O tema escolhido surge na continuidade de trabalhos realizados nesta temática durante o percurso académico, designadamente o trabalho de final de Curso da Licenciatura em Património Cultural, apresentado em 2004 na Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve, em que o objecto de estudo do mesmo foi “A Retabulística Conventual de Serpa.

O presente estudo incide sobre os retábulos da igreja matriz do Divino Espírito Santo do Montijo; esta escolha surge, particularmente, sob a indicação do orientador desta investigação e pretende contribuir para um estudo integrado deste templo, sendo no entanto direccionado à temática dos retábulos de madeira entalhada.

De evidenciar, alguns trabalhos significativos de investigadores actuais, que versam directa e indirectamente sobre a igreja matriz do Montijo; este é o momento de os referir pela importância que tiveram na realização deste estudo: a edição *Património artístico-cultural do Montijo*, de Rosário Salema de Carvalho [et al.], de 2009; a publicação *O património azulejar no concelho de Montijo*, de Maria Alexandra Trindade Gago da Câmara e Rosário Salema de Carvalho, de 2008; o artigo *Francisco Machado e a Oficina de Retábulos do Arcebispo de Évora*, de António Celso Mangucci, publicado em 2007, no n.º 2 do *Cenáculo* - Boletim on-line do Museu de Évora; o artigo *O retábulo de S. Pedro na igreja matriz do Montijo. Breve notícia*, da autoria de Francisco José Oleiro Lucas, publicado na *ARTIS* - Revista do Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras de Lisboa, n.º 3, em 2004; a publicação de José de Sousa Rama, *Coisas da Nossa Terra – Breves Notícias de Aldeia Galega do Riba-tejo*, de

2001; *Subsídios para a História do Concelho do Montijo: Cronologia Geral*, de Isabel Maria Mendes Oleiro Lucas, editado em 1992, entre outras edições e artigos.

Os objectivos principais este estudo são: contribuir para valorização e salvaguarda deste património artístico, através da realização do inventário dos retábulos existentes na igreja matriz do Divino Espírito Santo do Montijo; contribuir para a realização de um estudo integrado do templo, dando particular enfoque aos retábulos.

Na metodologia adoptada foram desenvolvidas as seguintes etapas de trabalho: realização do levantamento fotográfico, recolha bibliográfica e documental e, por último o tratamento e análise dos elementos recolhidos, de modo a cumprir com os objectivos propostos.

O trabalho apresenta a seguinte estrutura:

A primeira parte pretende caracterizar/apresentar, de forma breve, a evolução histórica da actual cidade de Montijo e o 'lugar' da igreja matriz do Divino Espírito Santo do Montijo; são referenciadas as principais expressões das vivências religiosas da comunidade com representação muito forte, ainda nos dias de hoje, e é apresentada a arquitectura da igreja matriz do Divino Espírito Santo do Montijo com espaço próprio para a azulejaria e para a pintura, manifestações artísticas com expressividade e presença forte no templo.

A segunda parte é dedicada aos retábulos da igreja matriz do Divino Espírito Santo do Montijo. Primeiro, numa leitura de conjunto e integrada, são abordadas as questões dos usos e funções, da iconografia, da encomenda, das tipologias e exemplares ímpares, dos materiais e técnicas, da complementaridade das artes, da periodização e da produção artística. Nesta parte do estudo é feita uma breve abordagem à obra/oficina dos entalhadores Francisco Machado e de António Martins Calheiros, tendo como ponto

de partida os exemplares identificados na igreja matriz do Divino Espírito Santo do Montijo.

Por fim apresenta-se o catálogo dos retábulos recenseados composto por registos individuais com a descrição de cada um dos exemplares, acompanhados pela respectiva fotografia, onde os itens atrás referidos são tratados.

Seguem-se as conclusões e os apêndices documental e fotográfico.

Um agradecimento a todas as pessoas que, das mais diversas formas, directas ou indirectas, auxiliaram na materialização deste trabalho.

Primeiro, ao orientador Prof. Doutor Francisco Lameira pela força, pelas palavras de incentivo, pela dedicação, atenção e disponibilidade em todo o processo, e pelas sugestões correntes ao longo da elaboração do presente trabalho.

Agradeço a colaboração das diversas entidades que tornaram possível este estudo: à Câmara Municipal de Montijo, especialmente ao Dr. Joaquim Baldrico, pela dedicação, pela simpatia e pela disponibilidade na colaboração e pela cedência de documentação e informações. Ao Centro Paroquial do Montijo e ao Pároco da igreja matriz do Divino Espírito Santo do Montijo, pelas facilidades concedidas no acesso à igreja e no registo fotográfico.

Ao Arquivo Municipal do Montijo, na pessoa do Dr. Francisco Correia. À Biblioteca Municipal do Montijo e ao Museu Municipal do Montijo. Aos funcionários do Arquivo Distrital de Setúbal.

Agradeço aos amigos e colegas, pelas palavras de incentivo: Patrícia Afonso, Cristina Fé Santos, Fernanda Zacarias e Luís Santos.

Por último, um agradecimento à minha família pelo apoio, em especial à minha mãe e irmãos.

## 1 - A igreja matriz do Divino Espírito Santo do Montijo: breve nota histórica

As condições naturais da região foram, desde sempre, favoráveis à presença, ocupação e fixação humana, desde o período Paleolítico.

*“Em 1186 o rei D. Sancho I fez doação aos cavaleiros da Santiago da Espada, das terras onde se inscreve hoje o concelho de Montijo.”*<sup>1</sup>

Uma região de coutos, junto ao Tejo, herdada pelo mestre da Ordem de Santiago, D. Paio Peres Correia, começou a ser povoada em 1210.<sup>2</sup> Nesta região, então integrada no concelho do Ribatejo, existia um conjunto de póvoas em poder da Ordem de Santiago; durante os séculos XII e XIV, Montijo (não o actual), Samouco, Lançada, Sarilhos, Alcochete e **Aldeia Galega** dedicavam-se à pesca, exploração de salinas e ao culto da vinha.<sup>3</sup>

Se na sua génese Aldeia Galega terá sido uma povoação rural (integrada numa unidade agrícola), logo a sua vocação ribeirinha foi determinante no aproveitamento dos recursos do rio, tendo a exploração do sal como uma das mais importantes fontes de rendimento. É na frente ribeirinha que surge um importante conjunto de marinhas, cujas notícias da sua existência remontam a 1249.<sup>4</sup>

*“Em finais do século XIII existia o concelho de Riba Tejo formado por um conjunto de póvoas marinhas (...) em poder da Ordem de Santiago, formadas pela exploração de salinas (...):Montigio (1249), Samouco e Lançada (1241), Sarilhos (1309), Alcochete (1313), Aldeia Galega (...)”*<sup>5</sup> O concelho da Riba Tejo viria a desaparecer, como consequência do progressivo desenvolvimento de Alcochete e de Aldeia Galega; ao destacarem-se dos outros lugares, passaram a ser sedes de paróquias

---

<sup>1</sup> LUCAS, Isabel Maria Mendes Oleiro (1992) – *Subsídios para a História do Concelho do Montijo: Cronologia Geral*, Câmara Municipal de Montijo, p. 19.

<sup>2</sup> *Idem*, p.19.

<sup>3</sup> *Idem, Ibidem*, p.9.

<sup>4</sup> CARVALHO, Rosário Salema de... [et al.] (2009) - *Património artístico-cultural do Montijo*, Lisboa, Ed. Colibri, Câmara Municipal de Montijo, p.20.

<sup>5</sup> LUCAS, Isabel Maria Mendes Oleiro (1992) – *Subsídios para a História do Concelho do Montijo: Cronologia Geral*, Câmara Municipal de Montijo, p. 21.

distintas e mais tarde, ambas, foram contempladas com forais manuelinos. Em meados/finais do século XIV, a ermida de São Sebastião<sup>6</sup> foi a primeira sede de paróquia de Aldeia Galega.<sup>7</sup>

Aldeia Galega teve foral próprio em 15 de Setembro de 1414 (desaparecido) e juntamente com Alcochete, a 17 de Janeiro de 1515<sup>8</sup> (fig.1).

O século XV é significativo no desenvolvimento de Aldeia Galega. Uma nova e forte dinâmica atestada pela vitalidade económica e comercial no movimento de embarcações, de mercadorias e passageiros, faz do cais de Aldeia Galega – o Cais das Faluas (fig.2) – um local de extrema importância para o abastecimento da cidade de Lisboa e das embarcações que se encontravam fundeadas no rio Tejo.<sup>9</sup>

A vocação ribeirinha de Aldeia Galega no aproveitamento dos recursos que o rio proporciona, impulsionou o desenvolvimento de uma nova centralidade urbana. A atracção económica pelo rio constitui um dos factores determinantes da evolução urbana do Montijo. É neste contexto que Aldeia Galega ganha uma nova centralidade simbolizada e afirmada pela construção de um novo templo, entre a última década do século XIV e a primeira década do século XV.

Um acontecimento significativo para o desenvolvimento da terra foi o facto de em 1533 o “(...) *correio-mor Luís Afonso* (...)” estabelecer “(...) *a principal Posta do Sul em Aldeia Galega que passou a ser passagem obrigatória para o Alentejo e Espanha.*”<sup>10</sup> Em 1540 dá-se a confirmação do acordo de separação das paróquias de Alcochete e de Aldeia Galega por D. Jorge, mestre da Ordem de Santiago; a cisão definitiva viria a acontecer em 1559.<sup>11</sup>

---

<sup>6</sup> A primitiva construção remonta, possivelmente, ao século XIV, nada restando actualmente. “(...) *é a mais antiga de Aldeia Galega, mantendo-se em aberto a questão de ter sido, ou não, sede paroquial da vila durante o período de transição da paróquia de Sabonha para o Espírito Santo* (...)”. CARVALHO, Rosário Salema de... [et al.] (2009) - *Património artístico-cultural do Montijo*, Lisboa, Ed. Colibri, Câmara Municipal de Montijo, p.79.

<sup>7</sup> <http://www.igespar.pt>

<sup>8</sup> *Idem*, p.27.

<sup>9</sup> LUCAS, Isabel Maria Mendes Oleiro (1992) – *Subsídios para a História do Concelho do Montijo: Cronologia Geral*, Câmara Municipal de Montijo, p.10.

<sup>10</sup> *Idem*.

<sup>11</sup> *Idem, Ibidem*.

Encontrando-se em franco desenvolvimento, dá-se um conseqüente aumento da população, o que levou à demarcação dos limites das vilas de Aldeia Galega e Alcochete, em 1574.<sup>12</sup> Segundo as informações em *Subsídios para a História do Concelho do Montijo: Cronologia Geral*, da autoria da investigadora Isabel Maria Lucas, em 1620, Aldeia Galega contava duzentos e noventa fogos e duas mil novecentas e vinte pessoas (fig.2). Já as Memórias Paroquias de 1758, de *Aldea Gallega*, registam mais de mil fogos e três mil setecentas e três *almas* na paróquia do Espírito Santo.

Os acontecimentos naturais foram, também, dignos de registo na história do concelho: um terramoto em 1531; em 1755, ‘o’ terramoto de Lisboa deixou marcas fazendo com que as águas do rio chegassem à matriz, provocando (certamente) estragos pelo caminho; em 1857 um tremor de terra de forte intensidade fez deslocar “(...) a cruz da igreja matriz de Aldeia Galega fazendo tocar os sinos.”<sup>13</sup>

As mudanças aconteciam não só no espaço físico/geográfico (com contínuas e sucessivas alterações aos limites dos concelhos em 1908<sup>14</sup> e novamente em 1963<sup>15</sup>), económico e social, mas também ao nível da toponímia: a vila que até 1879 se chamava Aldeia Galega passou a denominar-se Aldegalega do Ribatejo;<sup>16</sup> uma nova mudança de nome ocorre em 1930, para o actual nome de Montijo (Dec. 18 434).<sup>17</sup>

Montijo é elevado a cidade no dia 14 de Agosto de 1985.<sup>18</sup>

Actualmente, o concelho de Montijo é um município territorialmente descontínuo (fig.3), estando geograficamente dividido em duas partes: a Zona Este/Oriental, que compreende as freguesias de Santo Isidro, Pegões e Canha, e a Zona

---

<sup>12</sup> *Idem*, p.29.

<sup>13</sup> LUCAS, Isabel Maria Mendes Oleiro (1992) – *Subsídios para a História do Concelho do Montijo: Cronologia Geral*, Câmara Municipal de Montijo.

<sup>14</sup> *Idem*, p.49.

<sup>15</sup> *Idem, ibidem*, p.55.

<sup>16</sup> *Idem, ibidem*, p.45.

<sup>17</sup> *Idem, ibidem*, p.55.

<sup>18</sup> Em 1986 são oficializados o brasão, a bandeira e o selo da cidade. LUCAS, Isabel Maria Mendes Oleiro (1992) – *Subsídios para a História do Concelho do Montijo: Cronologia Geral*, Câmara Municipal de Montijo, p.63.

Oeste/Ocidental, composta pelas restantes cinco freguesias do Concelho - Afonsoeiro, Atalaia, Alto Estanqueiro/Jardia, Montijo e Sarilhos Grandes<sup>19</sup> (fig.4).

## As Confrarias

As confrarias tiveram origem em movimentos associativos laicos. A partir do Concílio de Trento, ocorreu a divisão das confrarias entre laicas e eclesiásticas: as primeiras eram fundadas sem a intervenção da autoridade eclesiástica, enquanto as segundas deviam a sua fundação a um prelado.<sup>20</sup>

As misericórdias por exemplo, enquanto confrarias com protecção régia agregavam apenas membros das elites existentes a nível local: nobreza, clero, altos negociantes.<sup>21</sup>

O universo das confrarias paroquiais apresenta hierarquização em relação a rendimentos e competências: a do Santíssimo Sacramento e do Nome de Deus parecem ter sido as mais protegidas pelas autoridades eclesiásticas.<sup>22</sup>

As motivações por detrás de tal prática são várias: o culto a Deus ou a um santo, a protecção e a segurança em vida e após a morte, visibilidade social e ajuda profissional. *“O ingresso em Confrarias e Irmandades, existentes já desde a Idade Média, propagou-se na Idade Moderna em sequência dos apelos Tridentinos da Contra-Reforma. Para a sociedade do Antigo Regime era uma forma de adquirir segurança na vida social e profissional, mas sobretudo segurança no Além.”*<sup>23</sup>

---

<sup>19</sup> “A parte ocidental é formada basicamente pelo território do antigo Concelho de Aldeia Galega do Ribatejo, (...). A Parte Este formou-se a partir do território do antigo Concelho de Canha, extinto pela primeira vez a 6 de Novembro de 1836, altura em que foi integrado no Concelho de Montemor-o-Novo. A 2 de Janeiro de 1838 o Concelho de Canha volta a ser de novo restabelecido para, no entanto, ser definitivamente extinto no dia 17 de Abril do mesmo ano e integrar o Concelho de Aldeia Galega do Ribatejo.”. <http://www.mun-montijo.pt>

<sup>20</sup> OLIVEIRA, César de (Direcção) (1996) - *História dos Municípios e do Poder Local | Dos finais da Idade Média à União Europeia*, Círculo de Leitores, p.55.

<sup>21</sup> *Idem*, p.58.

<sup>22</sup> *Idem*, *Ibidem*, p.57.

<sup>23</sup> AFONSO, Patrícia Cristina dos Reis Fonseca (2009) - *O Retábulo em Setúbal*, Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em História da Arte – especialização em História da Arte Portuguesa, Universidade do Algarve, Faro, p.46.

Os líderes/administradores das confrarias, irmandades e ordens terceiras eram personalidades de elevado estatuto social e de maiores recursos financeiros, tornando-os os protagonistas e dinamizadores de actividades das confrarias tais como, a encomenda e o patrocínio de retábulos.

Em relação ao actual Montijo, as *Visitações e Provimentos da Ordem de Sant'Iago em Aldeia Galega de Ribatejo 1553-1571* indicam, na visitação efectuada em 1564, a relação das confrarias, ermidas e capelas<sup>24</sup> existentes em Aldeia Galega, sob a tutela da igreja do Espírito Santo enquanto matriz: Confraria do Santíssimo Sacramento, de Nossa Senhora da Atalaia dos Barqueiros, do Hospital do Espírito Santo, de Nossa Senhora do Rosário, de São Sebastião, dos Fiéis de Deus, de São Pedro, de Nossa Senhora da Atalaia. Um outro estudo<sup>25</sup> refere ainda a existência das confrarias de São João, da Misericórdia e da Purificação.

No total, no século XVI, contam-se onze confrarias, sobretudo devocionais, e algumas socioprofissionais. Grande parte dos habitantes estaria inserida em uma ou mais confrarias.

As escassas informações que chegam através das Memórias Paroquiais de 1758, de *Aldea Gallega*, registam que “*O seu povo chegava no tempo do Cardoso a quinhentos fogos mas hoje mil oitocentos e trinta, contando os moradores de sarilhos grandes, passam de mil os fogos com almas três mil setecentas e três: todas numa Parochia dedicada ao Espirito Sancto (...).*”<sup>26</sup>

Destacam-se em Aldeia Galega, como as confrarias mais importantes neste contexto, a da Misericórdia, pela sua importância ao nível social e devido, sobretudo, ao facto de terem protecção régia e a sua principal função/vocação: assistencial; no

---

<sup>24</sup> Das casas, enumeram-se a Ermida de Nossa Senhora da Atalaia, de São Sebastião, de Santiago; por último a Capela de São Jorge, de Sarilhos.

<sup>25</sup> CARVALHO, Rosário Salema de... [et al.] (2009) - *Património artístico-cultural do Montijo*, Lisboa, Ed. Colibri, Câmara Municipal de Montijo, p.36.

<sup>26</sup> Ver Documento 1 do Apêndice documental, Arquivo Nacional da Torre do Tombo, *Memórias Paroquiais de 1722/1832, Dicionário Geográfico de Portugal*, Tomo 42, Suplemento 1722/1758, Aldeia Galega (de Ribatejo), Ribatejo 1758, nº 11, p. 5, Lisboa.

entanto, a “(...) *multiplicidade de funções das misericórdias e a sua importância ao nível local transforma-as nas confrarias mais importantes do Antigo Regime português*”.<sup>27</sup> A do Santíssimo Sacramento, por ter a seu cargo as celebrações litúrgicas e por ser a responsável pela encomenda do retábulo da capela-mor da igreja matriz do Divino do Espírito Santo e a de São Pedro, padroeiro dos pescadores – sendo esta a vocação de parte significativa da população de Aldeia Galega deveria certamente de ter grande adesão entre os habitantes – e cuja dedicação de um altar surge desde o primitivo templo, do início do século XVI, mantendo-se até à actualidade.<sup>28</sup>

## As Festividades Religiosas

As festas do Montijo fundamentam-se em devoções religiosas, como ocorre em grande parte do país. As festividades do actual concelho de Montijo estão estruturadas em três grandes momentos: as festas de São Pedro, na cidade de Montijo, as festas de Nossa Senhora da Atalaia<sup>29</sup> que acontecem na povoação com a mesma denominação e as Festas em honra de Nossa Senhora da Oliveira<sup>30</sup> que têm lugar na Vila de Canha.

---

<sup>27</sup> OLIVEIRA, César de (Direcção) (1996) - *História dos Municípios e do Poder Local | Dos finais da Idade Média à União Europeia*, Círculo de Leitores, p.60.

<sup>28</sup> “Início do século XVI fundação da Confraria dos Pescadores de Aldeia Galega” [São Pedro (?)]. LUCAS, Isabel Maria Mendes Oleiro (1992) – *Subsídios para a História do Concelho do Montijo: Cronologia Geral*, Câmara Municipal de Montijo, p.25.

<sup>29</sup> “As Festas de Nossa Senhora da Atalaia realizam-se no ultimo fim de semana de Agosto. A festa tem uma grande componente religiosa, pois é conhecida pelos vários círios que ocorrem à Atalaia. Esta romaria teve início aquando de uma promessa feita em 1507, devido à peste que grassou na capital.

*Os pioneiros desta peregrinação foram os empregados da Alfândega de Lisboa, chegando mesmo a ter trinta círios. Actualmente, são cinco os círios que continuam a venerar a Nossa Senhora da Atalaia: Quinta do Anjo, Carregueira, Olhos d’Água (concelho de Palmela), Azóia (Sesimbra) e o Círio Novo da Jardia (Montijo). Uns chegam à quinta-feira e outros à sexta, altura em que cada círio dá três voltas ao Cruzeiro-Mor, subindo a escadaria até ao santuário e acompanhados pela imagem de Nossa Senhora da Atalaia com desfile das bandeiras que os identificam. No ponto alto da festa, Domingo, todos os círios participam na procissão colectiva. Chegada a noite procede-se à Arrematação das Bandeiras que simboliza promessas a cumprir, seguida dos vários bailaricos nas sedes dos círios.”. <http://www.mun-montijo.pt>*

<sup>30</sup> “As Festas de Nossa Senhora da Oliveira realizam-se no primeiro fim de semana de Setembro. Nestes festejos as ruas, de arquitectura alentejana e à semelhança de Campo Maior, encontram-se engalanadas com recortes de papel colorido e flores do mesmo material resultado de muita dedicação e perícia. Não falta o arraial, fogareiros para assados, nomeadamente, a famosa sardinha ou a carne de porco, charanga e muita música.

*Devido à proximidade do Ribatejo e do Alentejo realizam-se largadas, passeios equestres e uma Picaria na Praça de Touros. O ponto alto das festas surge aquando da procissão da Nossa Senhora da Oliveira. O andor com a imagem é colocado à entrada da igreja, com o mesmo nome, e ao final do dia de Domingo, a grande procissão sai percorrendo as principais ruas da vila. Esta imagem é acompanhada por outros santos também transportados em andor, homenageando assim todos os protectores da devoção da vila.”. <http://www.mun-montijo.pt>*

As que têm mais importância no contexto deste trabalho são as festas de São Pedro, ainda que todas estas festividades, na sua medida, sejam expressivas e significativas na história do concelho de Montijo.

As festas populares de São Pedro são também conhecidas por Festas dos Pescadores, cuja dinâmica gira em torno da homenagem ao padroeiro dos pescadores, ora não fosse este um segmento significativo da população, os pescadores, que caracterizava a Aldeia Galega do Ribatejo, o ‘antigo’ Montijo.

É a celebração popular/religiosa que tem um impacto mais significativo na população.

O perfil actual das Festas Populares de São Pedro remonta ao ano de 1856<sup>31</sup>, segundo Luís Garça no seu trabalho “Montijo: festas populares do concelho”, embora estas sejam mais antigas.<sup>32</sup> Após um hiato, as festas reactivam-se em 1949, com relançamento decisivo em 1951, fruto da vontade e trabalho de uma comissão.

As festas, com início no dia de São Pedro – 29 de Junho – compõem-se de procissão, ‘lavar da cara’ de elementos da classe piscatória e terminam, no dia seguinte, em grande confraternização.

Durante as festas, a igreja matriz do Divino Espírito Santo torna-se local de grande importância e veneração. É desta igreja que se desloca a imagem de São Pedro, santo padroeiro dos pescadores, e como tal, também da comunidade piscatória da cidade de Montijo.

A 29 de Junho, dia de São Pedro, destaca-se a procissão fluvial, acrescida mais tarde às festividades, onde várias embarcações de pesca engalanadas escoltam uma

---

<sup>31</sup> “*Ex.mo. Sr. Administrador do Concelho de Aldeia Galega do Ribatejo S. Ex.<sup>a</sup> o Sr. Governador Civil incumbe-me de dizer a Vossa Senhoria para seu conhecimento e devidos efeitos que concede aos Festeiros de S. Pedro dessa Vila licença para fazerem as festividades nos dias 28 e 29 do corrente, com música, arraial e fogo artificial, na inteligência de que é absolutamente proibido expor ao público bazares ou rifas de qualquer natureza que sejam. Deos Guarde Vossa Senhoria / Lisboa 26 de Junho de 1856 (...)*”. GRAÇA, Luís Maria Pedrosa dos Santos (2000) - Montijo: festas populares do concelho, Câmara Municipal do Montijo, p.11.

<sup>32</sup> “*(...)E pollo dito modo estaa em costume de se leuarem (os ornamentos) a aldeia gallega per dia de samt'isprito E per dia de sam Pedro, As quaes festas se fazem na villa d'aldea gallega o qual costume louuamos E aprouamos(...)*”. DIAS, Mário Balseiro (2006) - *Visitações e Provimentos da Ordem de Sant'Iago em Aldeia Galega de Ribatejo* - Volume I, 1486-1537, Ed. Autor, Montijo, p. 67-68.

principal que transporta a imagem do santo desde a ponta do Montijo (base aérea n.º6) até ao antigo cais cidadão (Cais das Faluas), terminando o cortejo na igreja do Divino Espírito Santo.

A 30 de Junho, dia de São Marçal, de manhã junto à capela do Senhor Jesus dos Aflitos<sup>33</sup> - Quinta do Saldanha - dá-se o ritual da “lavagem” da classe piscatória, seguindo-se a arrematação das bandeiras e da imagem de São Pedro. As festas culminam em almoço de confraternização.

## 2 - A Arquitectura

A actual igreja matriz do Divino Espírito Santo do Montijo é resultado da história de Aldeia Galega, hoje a cidade que se chama Montijo.

O crescimento populacional e a vocação ribeirinha de Aldeia Galega voltada para o aproveitamento dos recursos que o rio proporcionava, potenciaram o desenvolvimento de uma nova centralidade urbana mais próxima do rio, onde já seria local de fixação de uma boa parte da população. Este é um dos factores determinantes da evolução urbana do Montijo, a atracção económica pelo rio. Neste contexto Aldeia Galega ganha uma nova centralidade e o novo centro urbano é simbolizado e afirmado pela construção de um novo templo, entre a última década do século XIV e a primeira do século XV.<sup>34</sup>

---

<sup>33</sup> “A Ermida de Nosso Senhor Jesus dos Aflitos integrada na Quinta do Saldanha é um edifício do séc. XVIII, e que tinha uma função muito importante para os pescadores que aí acorriam em auxílio, bem como a todos os viajantes que faziam desta, um local de abrigo. No entanto, a imagem de Nosso Senhor Jesus dos Aflitos é, ainda hoje, alvo de grande devoção popular, sobretudo por parte dos pescadores, tanto assim é que, no dia de São Marçal, 30 de Junho, se realiza a cerimónia da “Lavagem” junto da Ermida, ritual que remete a antigas abluções ou banhos purificadores.”. <http://www.mun-montijo.pt>

<sup>34</sup> CARVALHO, Rosário Salema de... [et al.] (2009) - *Património artístico-cultural do Montijo*, Lisboa, Ed. Colibri, Câmara Municipal de Montijo, p.20.

“À semelhança do que acontecia (...) com a grande maioria das cidades do país, também Aldeia Galega estruturou a sua malha urbana em função da rua e do amplo terreiro da matriz”. Idem, p.49.

“O mais antigo núcleo do conjunto urbano parece definir-se através de dois eixos fundamentais – a denominada Rua Direita e a Rua Nova (Av. João de Deus -, que convergem na praça da Igreja Matriz do Espírito Santo, ambos ladeando o templo. Diante da igreja, um crescente rossio dispunha, naturalmente, de uma privilegiada ligação ao rio, que com o tempo se dividiu na (actual) Praça da República...”. Idem, ibidem, p.47 e 48.

O mestrado da Ordem de Santiago é assumido por D. Jorge em 1492 e em 1498 o tombo das propriedades da Câmara de Aldeia Galega refere a *igreja santi esprito*.<sup>35</sup> Dedicado ao Espírito Santo, o novo templo, “(...) *foi erguido a expensas da população, depois de D. Jorge, então mestre da Ordem de Santiago, ter recusado o projecto.*”.<sup>36</sup>

Certo é que, em 1511 a igreja do Divino Espírito Santo era já uma realidade no seio do quotidiano dos habitantes de Aldeia Galega do Ribatejo; tal facto é atestado na vontade expressa de Fernão Rodrigues Pimentel, em testamento, de ser sepultado na igreja do Espírito Santo.<sup>37</sup>

Segundo as descrições constantes nas *Visitações* da Ordem de Santiago (1512), o primitivo edifício seria estruturalmente de planta rectangular alongada, e capela-mor com pavimento ladrilhado; apresentava um altar em pedra e um retábulo pintado, de origem flamenga, representando o *Pentecostes*, e outras imagens que engrandeciam a decoração. De acordo com os visitantes, existiam dois altares colaterais, ambos com pinturas com representações da Santíssima Trindade (no lado do Evangelho) e de São Brás (no lado da Epístola). O altar do lado da Epístola era dedicado a São Pedro, padroeiro dos pescadores.<sup>38</sup> Este facto corrobora a antiguidade que o culto a São Pedro tem nas gentes de Aldeia Galega e certifica a vocação piscatória da vila.

O corpo da igreja apresentava outro altar, este dedicado a Santa Catarina, e uma pia baptismal atrás da porta principal.<sup>39</sup> As informações que nos chegam apresentam, ainda, um edifício com uma fachada que devia ser bastante sóbria, destacando-se somente pelo campanário existente.

---

<sup>35</sup> CARVALHO, Rosário Salema de... [et al.] (2009) - *Património artístico-cultural do Montijo*, Lisboa, Ed. Colibri, Câmara Municipal de Montijo, p.30.

<sup>36</sup> *Idem*, p.21. Tal iniciativa é significativa da extraordinária dinâmica e do envolvimento das gentes da terra. Mostra, ainda o carácter empreendedor da população que extravasava as limitações impostas e sujeitas pela Ordem.

<sup>37</sup> LUCAS, Isabel Maria Mendes Oleiro (1992) – *Subsídios para a História do Concelho do Montijo: Cronologia Geral*, Câmara Municipal de Montijo, p.27.

“*Em 1685, o pavimento da igreja encontrava-se totalmente preenchido por sepulturas, que totalizavam 130, incluindo a capela-mor, naves e guarda-vento. De facto, a tradição de enterrar os mortos no interior das igrejas, ou nos adros, prevaleceu em Aldeia Galega até à primeira metade do século XIX, e há memória da existência de várias ossadas encontradas exactamente no largo fronteiro ao templo, aquando das obras de remodelação (...) efectuadas, já no século XX.*”. CARVALHO, Rosário Salema de... [et al.] (2009) - *Património artístico-cultural do Montijo*, Lisboa, Ed. Colibri, Câmara Municipal de Montijo, p.72.

<sup>38</sup> CARVALHO, Rosário Salema de... [et al.] (2009) - *Património artístico-cultural do Montijo*, Lisboa, Ed. Colibri, Câmara Municipal de Montijo, p.30.

<sup>39</sup> *Idem*.

Com base nestas informações pode-se concluir que a planta da primitiva igreja do Espírito Santo cumpria o modelo de nave única. As *Visitações* de 1512 e 1534, relativamente às medições, indicam que o comprimento da nave se manteve inalterado, porém alguns investigadores sugerem que o primitivo templo seria mais reduzido que o actualmente conhecido.<sup>40</sup>

A vila e, conseqüentemente, o templo principal - a igreja do Divino Espírito Santo - crescem ao sabor da vontade e iniciativa da população; múltiplos melhoramentos são investidos com o objectivo de enobrecer um templo que se anunciava modesto. Uma vez mais a fonte principal de informações é o documento das *Visitações*: em 1534 as intervenções assinaladas abrangiam “(...) *um leque alargado de reformas* (...)”.<sup>41</sup>

Entre as sucessivas e constantes campanhas de obras, a capela-mor em 1534 já se encontrava “(...) *novamente feita d’abobada d’alluenaria com as chaves de pedraria* (...)”.<sup>42</sup> É a abóbada de alvenaria com chaves de pedraria, que hoje ainda se pode observar. “*A decoração esculpida nos fechos* (...)” apresenta-se do seguinte modo: “(...) *ao centro um vaso florido; nos oito bocetes secundários, e à excepção de um* (...) *uma flor central é rodeada por folhas, num motivo vegetalista que se repete nos fechos que ligam as nervuras aos panos murários da capela.*”<sup>43</sup>

Esta intervenção manuelina é representativa (tal como os diversos esforços envidados nas várias campanhas de obras) de uma experiência de actualização estética aos paradigmas que vigoravam.

---

<sup>40</sup> *Idem, ibidem*, p.31.

<sup>41</sup> CARVALHO, Rosário Salema de... [et al.] (2009) - *Património artístico-cultural do Montijo*, Lisboa, Ed. Colibri, Câmara Municipal de Montijo, p.32.

<sup>42</sup> DIAS, Mário Balseiro (2006) - *Visitações e Provimentos da Ordem de Sant'Iago em Aldeia Galega de Ribatejo* - Volume I, 1486-1537, Ed. Autor, Montijo, p. 137.

<sup>43</sup> CARVALHO, Rosário Salema de... [et al.] (2009) - *Património artístico-cultural do Montijo*, Lisboa, Ed. Colibri, Câmara Municipal de Montijo, p.32.

A primeira referência conhecida à igreja do Divino Espírito Santo do Montijo como matriz surge em 1564, apresentando a Visitação desse mesmo ano a relação de confrarias, ermidas e capelas sob a sua tutela.<sup>44</sup>

As imposições da Ordem de Santiago, e particularmente, a forte devoção dos habitantes de Aldeia Galega, mantiveram, durante todo o século XVI, a igreja matriz do Divino Espírito Santo em constante transformação.<sup>45</sup>

A data na inscrição «CONCE/LHO 1604», que se lê na lápide colocada sobre o janelão da fachada do templo, assinalará o término de uma vasta campanha de obras de ampliação da qual resulta a construção de uma segunda torre, a do relógio, uniformizando a fachada, pela abertura das duas portas laterais,<sup>46</sup> pelo guarda-vento e pela arcaria “(...) *que divide o espaço interior em 3 naves e 4 tramos de arcos de volta perfeita.*”<sup>47</sup> Resultou um templo com uma fachada imponente com o corpo central ladeado por duas torres robustas, cujo protótipo foi a igreja de Nossa Senhora da Graça de Setúbal.<sup>48</sup>

Foi neste início de século XVII “(...) *que se registou a remodelação total da igreja, dotando-a de uma arquitectura de tradição militar de grande eruditismo*” (...) conferindo “*o prestígio e dignidade que convinha à matriz de uma vila com a importância e o desenvolvimento económico que então se fazia sentir em Aldeia Galega.*”<sup>49</sup>

O edifício que hoje se observa tem enquadramento urbano (fig. 5 e fig. 6), estando implantado, no centro de um largo - na Praça da República (fig.7) - formado na

---

<sup>44</sup> *Idem, ibidem*, p.25.

<sup>45</sup> *Idem*, p.60.

<sup>46</sup> <http://www.igespar.pt>

<sup>47</sup> CARVALHO, Rosário Salema de... [et al.] (2009) - *Património artístico-cultural do Montijo*, Lisboa, Ed. Colibri, Câmara Municipal de Montijo, p.60.

<sup>48</sup> Para além da igreja Matriz do Montijo outros templos da época sebástica, sob a tutela da Ordem de Santiago, tiveram a igreja da Graça de Setúbal como protótipo: São Pedro de Peniche e também, São Pedro de Palmela. SERRÃO, Vítor - *História da Arte em Portugal: O Renascimento e o Maneirismo*, Editora Presença, Lisboa, 2002, p.192.

<sup>49</sup> CARVALHO, Rosário Salema de... [et al.] (2009) - *Património artístico-cultural do Montijo*, Lisboa, Ed. Colibri, Câmara Municipal de Montijo, p.60.

confluência de várias ruas estruturantes; o imóvel impõe-se volumetricamente sobre as construções envolventes. É um exemplar de arquitectura religiosa maneirista com uma campanha manuelina, onde destaca a capela-mor abobadada, e (fig.8).

De planta longitudinal é composta pelo rectângulo da nave, a que se justapõe o quadrado da capela-mor, à qual estão adossadas duas torres sineiras, capelas e altares laterais, sacristia e cartório (fig.9). Esta planimetria insere-se numa tipologia chã<sup>50</sup>, muito semelhante a grande parte das igrejas paroquiais do início do século XVII.<sup>51</sup>

A edificação apresenta volumes escalonados com coberturas diferenciadas em telhado de duas e três águas sobre a igreja e anexos, e em cúpula facetada sobre as torres sineiras (fig.10). A fachada principal, de remate rectilíneo, é dividida em três panos por pilastras e ladeada por duas torres sineiras, com fogaréus nos acrotérios (fig.11). O portal principal é de vão rectangular ladeado por colunas de fuste estriado sobre altos pedestais, com frontão triangular, com três pináculos (fig.12). O templo apresenta, ainda, dois portais laterais: um do lado Norte com vão rectangular e frontão saliente rectilíneo; o outro, no lado Sul (fig.13 e fig.14), de vão de verga em arco redondo, ladeado por colunas jónicas com o fuste estriado nos dois terços superiores sobre altos pedestais; o entablamento apresenta dentículos. No registo superior do portal, um frontão triangular com tímpano representando a pomba do Espírito Santo relevada ao centro e volutas; duas cabeças de anjos – querubins – ladeiam o tímpano<sup>52</sup> (fig.15). Este portal destaca-se por ter uma estrutura diferenciada do portal principal; apresenta um trabalho de escultura bastante minucioso, anunciando uma mão-de-obra muito apurada e especializada; o trabalho e iconografia apresentados, apesar de «relegados» para um

---

<sup>50</sup> “Um tempo novo surge então para a arquitectura nacional, marcada não só pelo maneirismo italiano (ou flamengo), como sobretudo e concomitantemente por um estilo vernacular e original, profundamente acentuado pela cultura arquitectónica de base tratadística e pela prática da arquitectura militar e onde se evidenciam os valores de simplicidade, austeridade, limpidez, clareza e funcionalidade.”. CORREIA, José Eduardo Horta (1986) – “A Arquitectura – maneirista e estilo chã”, *História da Arte em Portugal*, Vol. 7, p. 93.

<sup>51</sup> <http://www.igespar.pt>

<sup>52</sup> <http://www.monumentos.pt>

portal lateral, não negligenciam a importância do orago do templo e da freguesia. As naves e os portais principal e lateral Sul apresentam traçado maneirista.<sup>53</sup>

É uma igreja paroquial com três naves (inicialmente coberta por tectos em madeira) de quatro tramos, “(...) *separados por arcos de volta perfeita sobre colunas cilíndricas toscanas com altos pedestais, truncadas no encosto da capela-mor, com abóbada em berço redondo sobre a nave central, em quarto de círculo sobre as laterais; coro-alto entre as torres sobre arco rebaixado, subcoro em abóbada de berço.*”<sup>54</sup> Adossado a uma das colunas da nave central, do lado do Evangelho observa-se um púlpito redondo com porta-voz. As capelas laterais “(...) *abrem para as naves por portais com frontão triangular e interrompido; capela baptismal sob a torre sineira Norte. A “Capela-mor é mais baixa abrindo para a nave principal por arco redondo, com a pomba do Espírito Santo no fecho, coberta por abóbada estrelada, descarregando em mísulas.*”<sup>55</sup> (fig.16 e fig.17).

A igreja apresenta dois retábulos colaterais no frontispício da nave - sob a invocação actual das Chagas de Cristo e com imagem do Sagrado Coração de Jesus, e São Pedro, nos lados do Evangelho e Epístola, respectivamente - e quatro capelas laterais: no lado do Evangelho Nossa Senhora da Piedade e Madre de Deus/Nossa Senhora da Conceição (capela instituída pelos mareantes da vila, segundo inscrição na mesma, data de 1575). No lado da Epístola a capela do Senhor Jesus dos Passos e a de Nossa Senhora da Purificação (capela instituída pelos homens trabalhadores da vila, data de 1607, também de acordo com a inscrição). Os retábulos são em talha dourada com policromia de Estilo Nacional (segundo a cronologia definida por Robert Smith<sup>56</sup>)

---

<sup>53</sup> «a renovada Igreja do Espírito Santo deriva do Maneirismo de raiz classicizante, em que se destaca o domínio da tradicional, nomeadamente os Livros de Sebastiano Serlio, conjugados com elementos da engenharia militar. (...) insere-se na escola de António Rodrigues (...) responsável pela traça da igreja de Nossa Senhora da Graça de Setúbal, que se tornaria protótipo para outros templos dependentes da ordem de S. Tiago(...)». CARVALHO, Rosário Salema de... [et al.] (2009) - *Património artístico-cultural do Montijo*, Lisboa, Ed. Colibri, Câmara Municipal de Montijo, p.62.

<sup>54</sup> *Idem.*

<sup>55</sup> <http://www.monumentos.pt>

<sup>56</sup> SMITH, Robert (1962) – *A talha em Portugal*, Ed. Livros Horizonte, Lisboa, p.69-89.

na capela-mor, altares colaterais e capelas laterais, à excepção do altar dedicado ao Senhor Jesus dos Passos, que é do século XIX (fig.18 e fig.19).

*“Nos espaços menos significativos, como a sacristia ou o coro, surgem (azulejos com) motivos vegetalistas e esquemas enxaquetados, respectivamente.”*<sup>57</sup> Em 1645 teve lugar a campanha de obras do revestimento azulejar do subcoro (a parte superior). *Na parte superior das paredes e a abóbada do subcoro figuram azulejos de padronagem seiscentista (enxaquetado compósito) em azul, amarelo e branco, integrando um registo figurando Nossa Senhora do Rosário, datado de 1645.”*<sup>58</sup> A igreja do Espírito Santo, entre o final do século XVII e o início do século XVIII, sofreu uma nova intervenção, desta feita, de âmbito decorativo; como tal, perderam-se algumas das soluções interiores e anteriores, tais como os azulejos enxaquetados, sobrevivendo escassos registos destes.

No corpo da igreja observa-se o revestimento azulejar *“(...) figurado em silhar em azul e branco, na nave, capela baptismal e subcoro (cenas da vida de Cristo e da Virgem, período da grande produção joanina (...))”* (fig.20).

O revestimento azulejar da capela-mor, de 1708, (fig.21) e da capela lateral Sul datam do 1º quartel do século XVIII; o restante data do 2º quartel, deste mesmo século. A igreja no seu todo apresenta uma uniformização e unidade forte, perceptível nas molduras, cimalhas, frisos, arcos, capitéis, quer no exterior, quer no interior.<sup>59</sup>

As referências à Ordem de Santiago são várias e estão visíveis, em diferentes registos: nas vieiras nos remates dos arcos da nave (fig.22), no cruzamento com o arco

---

<sup>57</sup> <http://www.igespar.pt>

<sup>58</sup> <http://www.monumentos.pt>

<sup>59</sup> CARVALHO, Rosário Salema de... [et al.] (2009) - *Património artístico-cultural do Montijo*, Lisboa, Ed. Colibri, Câmara Municipal de Montijo, p.60.

triunfal e, de um período mais tardio, na iconografia da pintura do tecto da sacristia numa exaltação da Ordem.<sup>60</sup>

A construção das abóbadas estucadas das naves é de 1898<sup>61</sup> (fig.23).

O imóvel que se ergue nos dias de hoje, é classificado como IIP - Imóvel de Interesse Público, por Decreto n.º 45/93, DR n.º 280, de 30/11/1993 e, actualmente, mantém a sua função inicial: religiosa.

### 3 - A Azulejaria

O azulejo é um elemento da identidade da cultura portuguesa; a sua utilização é comum a muitos outros países (Espanha, Itália, Holanda, Turquia, Irão ou Marrocos), mas em Portugal assume especial importância no âmbito da criação artística por diversas razões: a longevidade do seu uso, sem interrupção durante cinco séculos; o modo de aplicação, como elemento que estrutura as arquitecturas, através de grandes revestimentos no interior dos edifícios e em fachadas exteriores; o modo como foi entendido ao longo dos séculos, não só como arte decorativa, mas também como suporte de renovação do gosto e de registo de imaginário.

*“Os portugueses revelaram um expedito sentido prático, no uso de um material convencionalmente pobre, o azulejo, como meio de qualificação estética dos espaços interiores dos edifícios e dos espaços urbanos. Uma específica sensibilidade que, em Portugal, se orienta mais para valores de Sensualidade do que de Conceito, manifesta logo pela preferência de um material colorido, reflector de luz, pela expressão imediata da pintura (...).”<sup>62</sup>*

---

<sup>60</sup> CARVALHO, Rosário Salema de... [et al.] (2009) - *Património artístico-cultural do Montijo*, Lisboa, Ed. Colibri, Câmara Municipal de Montijo, p.60.

<sup>61</sup> <http://www.monumentos.pt>

<sup>62</sup> <http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/exposicoes-virtuais/a-arte-do-azulejo-em-portugal>.

A riqueza da história da azulejaria em Portugal deu origem a muitos e significativos testemunhos dessa nobre e tão originalmente usada manifestação artística, de Norte a Sul do país. A igreja matriz do Divino Espírito Santo do Montijo é um expressivo exemplar no contexto nacional.

A azulejaria da igreja matriz do Divino Espírito Santo do Montijo está estudada e tratada em publicação própria.<sup>63</sup>

Uma vez que a azulejaria não é o objecto de estudo deste trabalho, será feita uma abordagem cronológica, sumária, que passará por elencar e identificar: a época/cronologia, os locais no templo onde está presente esta manifestação artística (em cada época), a iconografia dos painéis e a(s) autoria(s), sempre que possível.

**Século XVI** - As informações mais remotas chegam através das *Visitações* realizadas pela Ordem de Santiago, a esta igreja, onde a 6 de Junho de 1534 é referido que “(...) *os alltares nella contheudos estão ora forrados d’azullejos* (...)”.<sup>64</sup>

Deste período são os exemplares hispano-mouriscos oriundos do templo, e, que actualmente integram o espólio do Museu Municipal do Montijo (fig.24).

Desconhece-se o autor dos mesmos.

**Século XVII** - Após a conclusão da intervenção arquitectónica na igreja (data patente no janelão da fachada: 1604), têm continuidade as campanhas decorativas no interior, onde cabe a azulejaria, de esquema enxaquetado e posteriormente a de azulejos

---

<sup>63</sup> Ver: CÂMARA, Maria Alexandra Trindade Gago da (Coord. Cient.); CARVALHO, Rosário Salema de; PIRES, Isabel (2008) - *O património azulejar no concelho de Montijo*, Lisboa, Ed. Colibri, Câmara Municipal de Montijo e CARVALHO, Rosário Salema de... [et al.] (2009) - *Património artístico-cultural do Montijo*, Lisboa, Ed. Colibri, Câmara Municipal de Montijo.

<sup>64</sup> DIAS, Mário Balseiro (2006) - *Visitações e Provimentos da Ordem de Sant'Iago em Aldeia Galega de Ribatejo* - Volume I, 1486-1537, Ed. Autor, Montijo, p.138.

de padrão. Provavelmente o revestimento cerâmico da primeira década do século XVII seria mais abrangente que os vestígios que hoje ainda se observam.<sup>65</sup>

Presentemente, subsistem registos de azulejos de esquema enxaquetado na escada de acesso ao coro (fig.25), cujo esquema de grande simplicidade é composto por exemplares brancos enquadrados por dupla barra verde de contorno, e também na capela da Madre de Deus, sendo este esquema mais complexo<sup>66</sup> (fig.26).

Quanto ao azulejo de padrão este reveste na íntegra o espaço do guarda-vento (fig.27). É um “(...) *revestimento de caixilho, em tons de azul e amarelo sobre fundo branco (...)*”<sup>67</sup>, tendo sido inventariado e estudado pelo investigador Santos Simões. Ao centro, numa moldura rectangular, apresentando as mesmas tonalidades, figura inscrita numa cartela elíptica a representação de Nossa Senhora do Rosário.<sup>68</sup> Este registo que exhibe, ainda, o ano de 1645, permite avançar esta data como cronologia para a execução do revestimento cerâmico do tecto do guarda-vento (fig.28).

Desconhece-se o autor.

**Século XVIII** – A azulejaria deste século, maioritariamente em azul e branco, manifestou-se de forma efusiva nas várias campanhas da igreja. O azulejo organiza-se em painéis figurativos com representações de episódios religiosos, envoltos e separados por cercaduras arquitectónicas ou ornamentais. A função catequética e de suporte à pregação/sermão, das narrativas azulejares resultam de um programa iconográfico

---

<sup>65</sup> “Assim o indicam as Visitações de 1607 e 1614, a primeira referindo-se à obra do azulejo já iniciada e a segunda descrevendo a igreja muito bem ornada de azulejos. Cremos que as paredes do templo beneficiaram de um revestimento azulejar de enxaquetado, depois retirado no século XVIII.” CÂMARA, Maria Alexandra Trindade Gago da (Coord. Cient.); CARVALHO, Rosário Salema de; PIRES, Isabel (2008) - *O património azulejar no concelho de Montijo*, Lisboa, Ed. Colibri, Câmara Municipal de Montijo, p.30.

<sup>66</sup> “(...) A composição geométrica resulta da aplicação de placas lisas, em tons de verde e branco, de diferentes dimensões, organizadas numa quadrícula oblíqua que procede da intersecção das placas, apresentando ao centro mas pontualmente, um módulo de padrão com quatro azulejos e a s faixas respectivas. No último registo, as barras surgem dispostas na vertical e na horizontal. Em toda a volta foi aplicada uma barra de motivos geométricos em tons de amarelo, azul e branco, que se repete na divisão dos registos horizontais.” *Idem*, p.31.

<sup>67</sup> *Idem*, *ibidem*, p.33.

<sup>68</sup> “Foi uma das grandes devoções do século XVII. (...) Não há certezas quanto à justificação para a presença desta invocação à entrada e saída da igreja, mas é possível que se relacione com a existência de uma confraria dedicada a nossa Senhora do Rosário, documentada na Visitação de 1564.” CÂMARA, Maria Alexandra Trindade Gago da (Coord. Cient.); CARVALHO, Rosário Salema de; PIRES, Isabel (2008) - *O património azulejar no concelho de Montijo*, Lisboa, Ed. Colibri, Câmara Municipal de Montijo, p.33.

previamente definido pelo encomendador, considerando o espaço e os percursos dentro da igreja, oferecendo diversos níveis de leitura ao fiel.

Esta solução, em conjunto com as características iconográficas, desfrutava das propriedades inerentes ao próprio material tais como, a qualidade reflectora dos azulejos feitos à mão, que respondiam de forma muito eficaz às necessidades cenográficas da arte e da liturgia barroca, no apelo aos sentidos.

“*O revestimento da Igreja do Espírito Santo é bem um exemplo do carácter assumido pela azulejaria do século XVIII.*”<sup>69</sup>

A capela de Nossa Senhora da Purificação (lado da Epístola) foi a primeira a exhibir painéis figurativos. Foi instituída em 1607, pelos *Homens trabalhadores desta vila*, conforme se lê no arco.

Hoje observam-se os dois painéis que revestem as paredes laterais: um representa a *Fuga* (para o Egipto) (fig.29) e o outro a *Sagrada Família pescando*<sup>70</sup> (fig.30).

O estudioso José Meco atribui esta obra à fase inicial da actividade do pintor Manuel dos Santos, classificando a mesma em data anterior a 1708.<sup>71</sup>

A capela-mor apresenta um programa iconográfico que foi estruturado em função do espaço; enquanto “(...) *palco do Mistério Eucarístico e da espacial devoção ao Santíssimo, que caracterizou a época barroca* (...)”<sup>72</sup> apresenta dois painéis do *ciclo de Moisés* e do *Êxodo do Egipto*. Do lado do Evangelho a *Apanha do maná no deserto* (fig.31), que representa o pão caído do céu que alimentou o povo de Moisés, no deserto.

---

<sup>69</sup> *Idem*, p.38.

<sup>70</sup> “*De tratamento ingénuo, os painéis inscrevem-se no ciclo da Fuga para o Egipto, representando a própria Fuga e a Sagrada Família pescando. Este último tema, que pode ser equiparado ao episódio do Descanso, é muito raro, tendo sido pintado com especial suavidade, facto menos comum ao espírito cenográfico e feérico do período barroco, embora representativo de um momento de idílio e felicidade.*” CÂMARA, Maria Alexandra Trindade Gago da (Coord. Cient.); CARVALHO, Rosário Salema de; PIRES, Isabel (2008) - *O património azulejar no concelho de Montijo*, Lisboa, Ed. Colibri, Câmara Municipal de Montijo, p.40.

<sup>71</sup> MECO, José (1980) – *O pintor de azulejos Manuel dos Santos - Definição e análise da obra*, *Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa*. Lisboa, 3.ª Série, n.º 86, p.113.

<sup>72</sup> CÂMARA, Maria Alexandra Trindade Gago da (Coord. Cient.); CARVALHO, Rosário Salema de; PIRES, Isabel (2008) - *O património azulejar no concelho de Montijo*, Lisboa, Ed. Colibri, Câmara Municipal de Montijo, p.41.

No lado da Epístola a *Serpente de Bronze* (fig.32). Esta cena apresenta um paralelo com a Crucificação de Jesus.<sup>73</sup>

A data de 1708, que figura nas cartelas sobre as portas laterais de acesso à sacristia, atesta a cronologia destes painéis. Quanto à autoria têm vindo a ser atribuída, pelos investigadores José Meco e Vítor Serrão, inicialmente ao pintor Manuel dos Santos e, posteriormente, a António Pereira. As cercaduras e rodapé são atribuídos (ainda que com reservas) a Gabriel del Barco e ao Mestre P.M.P., respectivamente.<sup>74</sup>

A nave, o guarda-vento e a capela baptismal encontram-se revestidos com painéis que aludem a uma mesma campanha azulejar, já da década de 1740; representam na sua maioria “(...) *episódios da vida da Virgem, que se complementam nos símbolos das litánias presentes nas cartelas do rodapé.*”<sup>75</sup>

Dando início ao percurso a partir do guarda-vento, na nave, as temáticas presentes são: no lado do Evangelho o *Casamento da Virgem*, a *Apresentação no Templo*, a *Anunciação*, a *Arca da Aliança* e a *Fuga para o Egipto* (fig.33 e fig.33a). No lado da Epístola observam-se, a partir do arco triunfal, a *Virgem, o Menino e São José*, a *Sagrada Família com São João Baptista*, *Santa Ana ensinando a Virgem a ler*, o *Pentecostes*, a *Morte de São José* e, já no guarda-vento, a *Coroação da Virgem* (fig.34 e fig.34a). Ladeando a porta principal, na parede do fundo, *São Pedro e São Tomás de Aquino* (fig.35). Segundo os autores do estudo *O património azulejar no concelho de Montijo*, parece não existir um sentido cronológico na distribuição dos painéis no espaço, face à coexistência de episódios bíblicos com outros apenas referidos nos Evangelhos Apócrifos. Também é afastada a possibilidade de uma narrativa habitual do ciclo da vida da Virgem, devido à multiplicidade de outras referências presentes.

---

<sup>73</sup> “(...) pois a serpente enroscada num pilar deveria anular o efeito das outras serpentes enviadas antes, curando quem olhasse para ela, tal como Jesus representa a Nova Ordem, capaz de remir o pecado. O bronze, metal de grande resistência, de que a serpente é feita, alude à eternidade do reino de deus.”. *Idem.*

<sup>74</sup> CÂMARA, Maria Alexandra Trindade Gago da (Coord. Cient.); CARVALHO, Rosário Salema de; PIRES, Isabel (2008) - *O património azulejar no concelho de Montijo*, Lisboa, Ed. Colibri, Câmara Municipal de Montijo, p.40.

<sup>75</sup> *Idem*, p.42.

O elemento unificador de todo o programa iconográfico, segundo os mesmos autores, prende-se com a invocação do templo: o Espírito Santo. Este aparece na sua tradicional forma de Pomba, em todos os painéis, até nos que a presença desta entidade da Santíssima Trindade é pouco habitual. As cercaduras arquitectónicas que envolvem as cenas, em conjunto com o tratamento barroco e teatral dado às composições consolidam a cenografia destas representações no espaço.

Na capela baptismal surge a cena do *Batismo* (fig.36) com evocação do Espírito Santo, que desce sobre Jesus, achando-se presentes as três entidades da Santíssima Trindade.

Este imenso conjunto esteve atribuído a Bartolomeu Antunes ou à sua oficina. Estudos posteriores, baseados em documentação encontrada, descartaram a possibilidade de atribuição directa a este autor, dado que era azulejador e não pintor. *“Permanece, assim, em aberto, a autoria deste magnífico revestimento, embora possa e deva ser avaliado no âmbito da oficina de Bartolomeu Antunes, ou seja, dos pintores que se moviam na sua órbita.”*<sup>76</sup>

A sacristia e o coro alto estão revestidos com alguns painéis de vasos floridos e albarradas; estes apresentam cercaduras de separação de folhagem de cardo, com vasos floridos (no coro) envoltos por dragões, anjos (cabeças) e volutas. Na sacristia, anjos e volutas envolvem as albarradas (fig.37 e fig.38). Quanto a cronologia, esta deverá ser contemporânea da campanha do corpo da igreja. Na sacristia estão, ainda, presentes soluções originais, (provavelmente) mais recentes, e que poderão resultar de aproveitamento de material de revestimento; estas utilizam azulejos de «figura avulsa», nomeadamente na lareira, escada de acesso ao piso superior e um painel na parede atrás da porta (fig.39, fig.40 e fig.41). No guarda-vento também o aproveitamento deste tipo

---

<sup>76</sup> CÂMARA, Maria Alexandra Trindade Gago da (Coord. Cient.); CARVALHO, Rosário Salema de; PIRES, Isabel (2008) - *O património azulejar no concelho de Montijo*, Lisboa, Ed. Colibri, Câmara Municipal de Montijo, p.46.

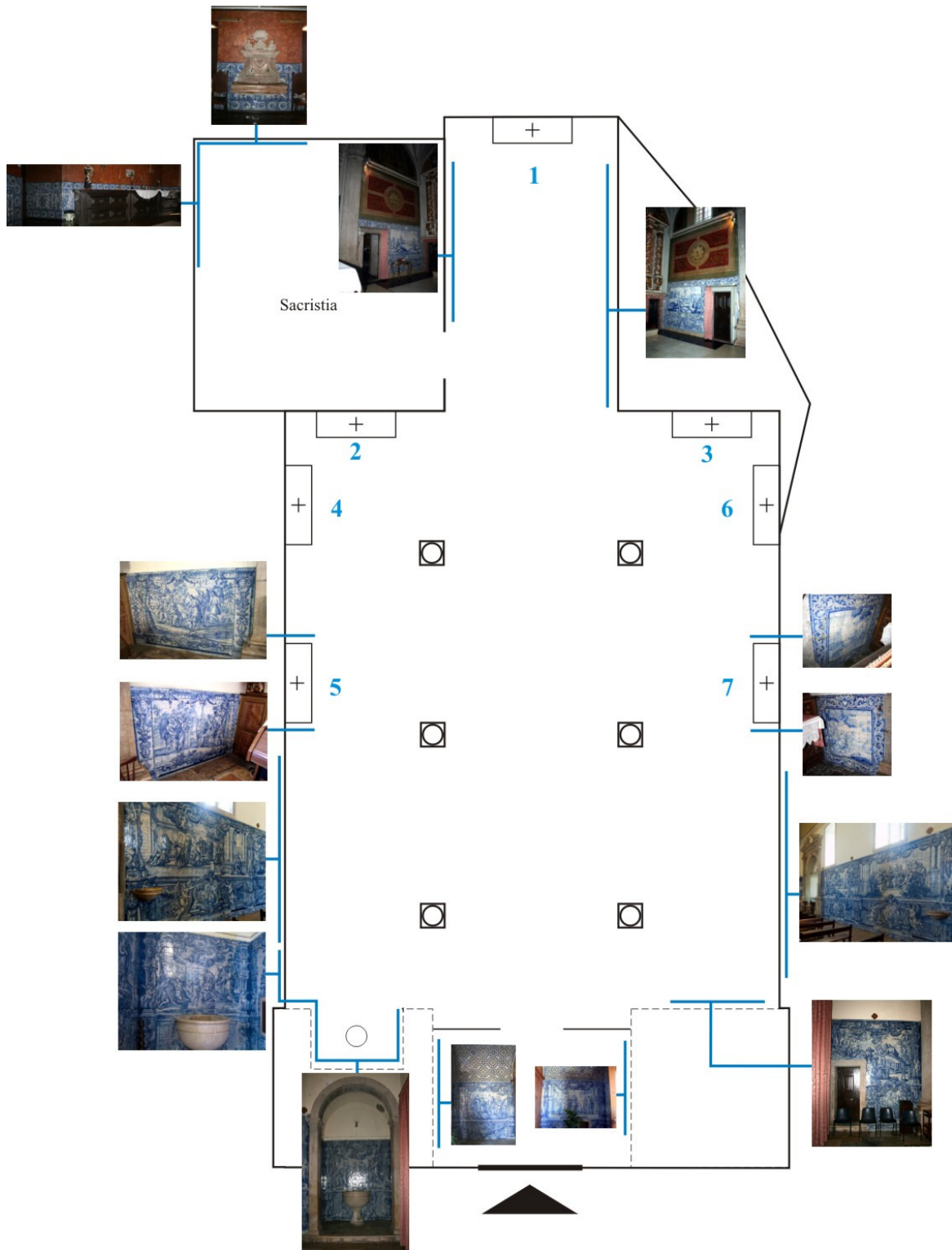
de azulejos resultou numa solução original, utilitária e decorativa – uma floreira (fig.42).

A capela da Madre de Deus sofreu uma renovação estética, que não eliminou na totalidade a campanha anterior (como já referido no item dedicado ao século XVII), articulando a talha com o azulejo, solução tão ao gosto da época. Assim, observam-se dois painéis que revestem as paredes laterais da capela, e que representam dois episódios do *Cântico dos Cânticos*.<sup>77</sup> O conjunto é datável, pelos autores do estudo *O património azulejar no concelho de Montijo* de meados do século XVIII, pelo tratamento observado ao nível das figuras e das cercaduras que anunciam já um gosto rococó; quanto à autoria o nome de Nicolau de Freitas surge como atribuição sem qualquer suporte documental associado.

---

<sup>77</sup> “...um dos Livros Sapienciais do Antigo Testamento, em que o amor do Esposo e da Esposa tem sido interpretado, desde o início do cristianismo, como Cristo e a Virgem, ou, de forma mais consensual como o “amor mútuo de Cristo com a Igreja.”. CÂMARA, Maria Alexandra Trindade Gago da (Coord. Cient.); CARVALHO, Rosário Salema de; PIRES, Isabel (2008) - *O património azulejar no concelho de Montijo*, Lisboa, Ed. Colibri, Câmara Municipal de Montijo, p.47-48.

# Planta esquemática de localização dos principais painéis de azulejos na igreja matriz do Divino Espírito Santo do Montijo





## 4 - A Pintura

A igreja matriz do Divino Espírito Santo do Montijo sofreu diversas campanhas de obras, mantendo-se em constante transformação no decorrer de todo o século XVI, fruto da devoção e iniciativa dos habitantes de Aldeia Galega e das exigências da Ordem de Santiago, à qual o templo pertencia; “(...) só no início do século XVII é que se registou a remodelação total da igreja, dotando-a de uma arquitectura de tradição militar e grande eruditismo, capaz de conferir (...) a dignidade que convinha à matriz (...)”.<sup>78</sup>

Entre as diversas intervenções, cabe aqui dedicar um espaço à pintura que se manifesta em duas (significativas) utilizações em espaços, suportes e aplicações distintos: a tela da capela-mor e o tecto da sacristia.

A primeira referência à existência de uma pintura no retábulo da capela-mor surge na Visitação da Ordem de Santiago, à Aldeia Galega, realizada no dia 20 de Julho de 1512, por D. Jorge.<sup>79</sup> A igreja tem na capela-mor um altar “(...) de huuma pedra grande sobre dous esteyos de pedra, E estaa detras delle huum Retavollo pymtado de pymtura de framdes E nelle o esprito samto quando decemdeo sobre os apostollos (...)”.<sup>80</sup>

Nova alusão ao retábulo da capela-mor, que é pintado de novo, é feita por Afonso Rodrigues, provedor das igrejas e capelas do Mestrado de Santiago, no rol de itens referentes à visitaçãõ efectuada no dia 2 de Junho de 1528 à igreja do Espírito

---

<sup>78</sup> CARVALHO, Rosário Salema de... [et al.] (2009) - *Património artístico-cultural do Montijo*, Lisboa, Ed. Colibri, Câmara Municipal de Montijo, p.60.

<sup>79</sup> “(...) filho del Rej dom Yoham o 2º mestre de santiago e d’avis duque de cojmbra...”. DIAS, Mário Balseiro (2006) - *Visitações e Provimientos da Ordem de Sant’Iago em Aldeia Galega de Ribatejo* - Volume I, 1486-1537, Ed. Autor, Montijo, p.15.

<sup>80</sup> A descrição da capela refere um altar de uma pedra grande com duas colunas de pedra. *Um retábulo significava, então geralmente, uma estrutura de madeira, agregada a um altar, através da qual se distribuía painéis pintados.* A pintura, que era de Flandres, representava o Pentecostes (descida do Espírito Santo sobre os Apóstolos). *A pintura portuguesa do início do século XVI é marcada pela influência flamenga, para o que terá contribuído: o predomínio da Flandres e do Brabante no comércio externo português.*”. DIAS, Mário Balseiro (2006) - *Visitações e Provimientos da Ordem de Sant’Iago em Aldeia Galega de Ribatejo* - Volume I, 1486-1537, Ed. Autor, Montijo, p.16.

Santo: “(...) *huum Retauollo do esprito samto pimtado de novo muy homrrado que estaa no altar moor*”.<sup>81</sup>

Na visitação da Ordem de Santiago, efectuada no dia 6 de Junho 1534, à igreja do Espírito Santo da vila de Aldeia Galega, “(...) *a capella moor (...) estaa ora novamente feita d’abobada d’alluenaria (...) tem o altar d’alluenaria E sobre elle o rretauollo contheudo na visitação passada E estaa ora pintado rreformado de novo (...)*”.<sup>82</sup>

A Visitação de 1553, efectuada no dia 12 de Setembro, elenca de forma detalhada o que se acha nos vários espaços que compõem a igreja, aludindo à capela-mor, entre outras coisas “(...) *sobre o alltar humm Retauollo antigo E velho de madeira de hum painel grande que mall se emxergão as penturas do esprito samto cujo orago he a dita Jgreja (...)*”.<sup>83</sup>

As sucessivas reformas ao nível da representação pictórica patente no retábulo da capela-mor mantiveram sempre inalterada a sua temática: o *Pentecostes*.

Assim, a tela que hoje se acha no retábulo da capela-mor, e que cobre a tribuna do retábulo nas alturas do ano litúrgico em que não se faz a exposição do Santíssimo Sacramento, representa a *Descida do Espírito Santo sobre os Apóstolos* (fig.43) e é atribuída à oficina de Diogo Teixeira, sendo datada de cerca de 1607, pelo investigador Vítor Serrão; esta cronologia é coincidente com o período da grande campanha de remodelação da igreja. “*Quer isto dizer que o Pentecostes se encontrava integrado num retábulo maneirista contemporâneo, posteriormente substituído pelo que hoje conhecemos (...)*”<sup>84</sup> devendo, provavelmente, esta tela ter substituído o painel que é referido na Visitação de 1528.

---

<sup>81</sup> DIAS, Mário Balseiro (2006) - *Visitações e Provimentos da Ordem de Sant'Iago em Aldeia Galega de Ribatejo* - Volume I, 1486-1537, Ed. Autor, Montijo, p.126.

<sup>82</sup> *Idem*, p.137.

<sup>83</sup> DIAS, Mário Balseiro (2006) - *Visitações e Provimentos da Ordem de Sant'Iago em Aldeia Galega de Ribatejo* - Volume II, 1553-1571, Ed. Autor, Montijo, p.11.

<sup>84</sup> CARVALHO, Rosário Salema de... [et al.] (2009) - *Património artístico-cultural do Montijo*, Lisboa, Ed. Colibri, Câmara Municipal de Montijo, p.66.

Vítor Serrão na análise efectuada chama a atenção não só para a dimensão da tela como para a representação da arquitectura de fundo da cena, “(...) *que segue com grande fidelidade um modelo difundido por Hans Vredeman de Vries no tratado Scenographie sive perspectivae ut aedificia (Antuérpia, 1560) (...)*”.<sup>85</sup>

Tal como em outras manifestações das campanhas de obras da matriz, esta encomenda é significativa anunciando, uma vez mais, os esforços e tentativas de actualização estética e cultural de Aldeia Galega, recorrendo a artistas dos grandes centros produtores, como Lisboa, face à proximidade geográfica.

O outro espaço da igreja matriz do Divino Espírito Santo do Montijo em que a pintura ganha significado e expressão, e cujo programa iconográfico assume fortes referências à Ordem de Santiago, é o tecto da sacristia.

“*E junto deste alltar da mão direita estaa humma samcristia a qual he madeirada de madeira de castanho (...)*”.<sup>86</sup> Esta é a primeira referência ao espaço da sacristia e surge nas *Visitações*, em 1512.

Na visitação efectuada no dia 2 de Junho de 1528 é anotada a má localização da sacristia, havendo necessidade de mudá-la de lugar: “(...) *a samcristia esta caize no meo da JgreJa E a seruentia della he deshonesto por os seçerdotes hirem por amtre os leigos a çelebrarem suas missa ao altar moor E asy aos outros / E muy nesessario que se mude pera a capella moor por mais onestidade E melhor seruentia /*”.<sup>87</sup> Em 6 de Junho de 1534, a sacristia acha-se ainda “(...) *mall Repayrada (...)*”.<sup>88</sup>

Em 1553, na visitação efectuada a 12 de Setembro, a sacristia é descrita como estando já “(...) *da banda do avangelho E emtrão a ela por hum portado coadrado de pedraria humas portas nouas de bordo bem fechadas que esta pegado ao arco do*

---

<sup>85</sup> “(...) mais precisamente segundo o gravado de Jerónimo Cook – uma estampa que fora já utilizada por Gaspar Dias na célebre tábua da Aparição do Anjo a São Roque da Igreja de são roque em Lisboa, e em outras pinturas da época.”. *Idem*, p.67.

<sup>86</sup> DIAS, Mário Balseiro (2006) - *Visitações e Provimientos da Ordem de Sant'Iago em Aldeia Galega de Ribatejo* - Volume I, 1486-1537, Ed. Autor, Montijo, p.19.

<sup>87</sup> *Idem*, p.126.

<sup>88</sup> *Idem, ibidem*, p.138.

*cruzeiro em entrando a mão esquerda (...)*”<sup>89</sup>, sendo esta a sua actual localização. Mais informações sobre a sacristia referem este espaço como “(...) *huma casa coadrada ao norte (...)*”<sup>90</sup> com paredes de alvenaria, madeirada de castanho e com telhado de valadio de quatro águas. Pela visitação de 20 de Julho de 1609, foi ordenado que fosse acrescentada “(...) *a samchristia duas varas de medir entrando nellas a largura da parede*”.<sup>91</sup>

A sacristia data de 1634 (data inscrita), devendo esta obra assinalar o final das obras da igreja. O espaço apresenta-se equipado com lavatório<sup>92</sup> em mármore rosa igual ao utilizado no púlpito e arcaz de madeira de pau do Brasil; outras características e manifestações artísticas estão presentes, porém a abordagem que ora cabe é sobre a pintura do tecto.

O tecto, em madeira, está dividido em quatro painéis com pinturas apresentando cada um ao centro emblemas da Ordem de Santiago: o escudo e a espada, sendo o punho em forma da cruz da ordem; a capa de romeiro com as vieiras; a palma bordão e cabaça; um escudo/cartela da Ordem de Santiago (fig.44 à fig.47). Toda esta iconografia de exaltação da Ordem de Santiago pressupõe um maior envolvimento desta na reforma da igreja, contrariamente ao que se passou na edificação do templo.<sup>93</sup>

Com a obra da sacristia chegava ao fim o principal capítulo da história da matriz de Aldeia Galega. O modesto templo erguido a expensas da população, entre finais do século XVI e a década de 30 do século XVII, foi transformado num dos mais importantes e eruditos monumentos do território da Ordem de Santiago.<sup>94</sup>

---

<sup>89</sup> DIAS, Mário Balseiro (2006) - *Visitações e Provimentos da Ordem de Sant'Iago em Aldeia Galega de Ribatejo* - Volume II, 1553-1571, Ed. Autor, Montijo, p.10.

<sup>90</sup> *Idem*, p.11.

<sup>91</sup> VALDEZ, José Joaquim d'Ascensão (coord.) (1909) - *Descrição da Igreja do Espírito Santo parochial da Villa de Aldeia Galega do Riba-Tejo*, Lisboa, Typ. da Casa da Moeda, p.9.

<sup>92</sup> Este equipamento poderá ser o lavatório referido na Escritura de obrigação e ajuste entre o Prior, o Procurador dos Officiais da Igreja, com Manuel Pinheiro, mestre pedreiro para a de pequenas obras de pedraria na Igreja Matriz, nomeadamente o arco da capela do Nome de Jesus e um lavatório, no ano de 1698. Arquivo Distrital de Setúbal, *Cartório Notarial de Aldeia Galega*, Livro de Notas n.º 12, fl. 232.

<sup>93</sup> CARVALHO, Rosário Salema de... [et al.] (2009) - *Património artístico-cultural do Montijo*, Lisboa, Ed. Colibri, Câmara Municipal de Montijo, p.60.

<sup>94</sup> *Idem*, p.72.

## II PARTE

### 5 - Os retábulos da igreja matriz do Divino Espírito Santo do Montijo

Desde a sua génese que a igreja matriz do Divino Espírito Santo do Montijo, entre os factores e conjunturas próprias, empreendeu na sua história diversos esforços e experiências de actualização estética, à luz dos paradigmas que vigoravam e que emanavam da cidade de Lisboa (centro artístico de Portugal de onde provinham as novidades).

A localização geográfica próxima de dois grandes centros urbanos com diversas oficinas – Lisboa e Évora – somada com o facto de ser um templo sob a tutela da Ordem de Santiago e a relevante vontade, envolvimento e dinâmica da população, foram factores decisivos na edificação e ornamentação do templo, ao longo dos séculos.

*“Os retábulos atingem em toda a Europa um grande desenvolvimento nos séculos XIII, XIV e XV”.*<sup>95</sup> Enquanto elemento arquitectónico e litúrgico, o retábulo *“(...) teve um papel (...) importante no interior das igrejas (...) e (...) foi uma das manifestações artísticas mais utilizada (...)”.*<sup>96</sup>

Os sete exemplares recenseados neste estudo situam-se cronologicamente, entre os séculos XVII e XIX.

Apresenta-se, de seguida, a análise dos exemplares identificados, abordando as seguintes questões: usos e funções, iconografia, encomenda, tipologias e exemplares ímpares, materiais e técnicas, a complementaridade das artes, a periodização e,

---

<sup>95</sup> LAMEIRA, Francisco (2005) – *O Retábulo em Portugal – Das origens ao declínio*, Promontoria Monográfica – História da Arte 01, Departamento de História, Arqueologia e Património da Universidade do Algarve e Centro de História da Arte da Universidade de Évora, Faro, p.68.

<sup>96</sup> AFONSO, Patrícia Cristina dos Reis Fonseca (2009) - *O Retábulo em Setúbal*, Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em História da Arte – especialização em História da Arte Portuguesa, Universidade do Algarve, Faro, p.42.

finalmente, a produção artística. Posteriormente, seguir-se-á o catálogo com fichas individuais dos retábulos da igreja matriz do Divino Espírito Santo do Montijo.

## 5.1 - Usos e funções

Os retábulos respondiam às necessidades - litúrgicas e estéticas - de uma comunidade, como suporte às suas vivências. Neste sentido, tinham usos e funções específicos e diferenciados. Divergiam, também, na localização no interior do templo – na «cabeça» ou no «corpo» em ambos dos lados seguindo uma hierarquia - não só pela função, como pela vontade (diga-se importância) da entidade patrocinadora.

As funções que se podem diferenciar são cinco: didáticos ou narrativos, eucarísticos, devocionais (a um ou a vários temas), relicários e com múltiplas funções, quando acumulavam mais que uma função.

Ao longo da história os retábulos manifestaram diferenças ao nível formal, por um lado fruto dos distintos períodos artísticos, por outro e principalmente, devido aos usos e funções que lhes eram atribuídos.

Os primeiros exemplares de retábulos eucarísticos surgiram na sucessão do Concílio de Trento, sendo que a partir do século XVII tiveram grande aceitação. Destinados à exposição do Santíssimo Sacramento nos Jubileus, eram restringidos aos templos mais importantes, tais como catedrais, igrejas monásticas, igrejas matrizes e igrejas das ordens terceiras.<sup>97</sup> Localizados comumente na capela-mor podiam, por vezes, também situar-se noutras capelas, mais frequentemente na capela colateral do lado do Evangelho.

---

<sup>97</sup> LAMEIRA, Francisco (2005) – *O Retábulo em Portugal – Das origens ao declínio*, Promontoria Monográfica – História da Arte 01, Departamento de História, Arqueologia e Património da Universidade do Algarve e Centro de História da Arte da Universidade de Évora, Faro, p. 12.

Dos elementos que compõem estes retábulos destacam-se a tribuna<sup>98</sup> com um trono piramidal em degraus destinado à exposição solene do Santíssimo Sacramento, efectuada através de uma custódia, e o sacrário monumental localizado ao centro da mesa do altar, podendo ter por vezes individualidade arquitectónica.

Foi identificado na igreja matriz do Divino Espírito Santo do Montijo um espécimen com usos e funções eucarísticas: o retábulo localiza-se na capela-mor e apresenta tribuna com trono piramidal em degrause sacrário monumental individualizado arquitectonicamente.

Os retábulos devocionais foram os mais utilizados; o seu uso remonta ao século XVI, difundindo a partir do século XVII. Podiam ser dedicados a um ou a três temas, estes últimos, uma variante dos dedicados a um único tema.

Quer fossem cristíferos (culto ao Senhor Crucificado), marianos (culto à Virgem Maria) ou hagiográficos (culto aos santos), os retábulos devocionais a um único tema tinham como principal objectivo concentrar a atenção dos fiéis na representação de um único tema iconográfico, ainda que pudesse ser composto por várias figuras. Deste modo, o retábulo era entendido como uma composição unitária. Os exemplares dedicados a um só tema adquirem, normalmente, a composição de corpo único e um só tramo, ostentando na parte central a imagem do orago de grandes dimensões, na maioria dos casos, em escultura (e outras vezes em pintura); nos tramos laterais, imagens de devoção secundárias, normalmente de menores dimensões.

Na igreja matriz do Divino Espírito Santo do Montijo foram inventariados, seis exemplares de retábulos devocionais, todos a um único tema: localizam-se no corpo da igreja, três no lado do Evangelho – um cristífero (Chagas de Cristo) e dois marianos

---

<sup>98</sup> A tribuna, ocupada no seu interior por um trono piramidal em degraus, teve uma grande aceitação enquanto elemento formal, sendo bastante utilizada em retábulos destinados a outras funções (sobretudo devocionais) a partir do último quartel do século XVII.

(Nossa Senhora da Piedade e Nossa Senhora da Conceição) - e três no lado da Epístola – um hagiográfico (São Pedro), um cristífero (Senhor Jesus dos Passos) e um mariano (Nossa Senhora da Purificação).

Os retábulos com múltiplas funções existiram em todas as épocas, sendo mais frequentes no século XVII. Este tipo de retábulos acumulava duas ou mais funções, ainda que cumpridas em momentos distintos do ano litúrgico, e com equipamentos adequados.

As mais frequentes eram a eucarística e a devocional e aconteciam quer em retábulos de um tema, quer de três temas. Quando não tinha lugar a exposição solene do Santíssimo Sacramento, a boca da tribuna poderia estar preenchida com uma tela pintada.

Na igreja matriz do Divino Espírito Santo do Montijo, identificou-se o retábulo da capela-mor como provável exemplar a integrar esta categoria: sendo predominantemente de função eucarística, uma tela representando o Pentecostes, filiado da Oficina de Diogo Teixeira (século XVI)<sup>99</sup>, cobre a tribuna durante todo o ano à excepção do período em que se faz a exposição solene do Santíssimo Sacramento. Esta dinâmica durante o ano litúrgico confere ao retábulo, também, uma função devocional ao Divino Espírito Santo, orago do templo.

## 5.2 - Iconografia

Os temas iconográficos, apanágio do carácter religioso dos retábulos, apresentam-se hierarquizados, segundo os retábulos, sendo o topo desta hierarquia os

---

<sup>99</sup> LUCAS, Francisco (2004) - O retábulo de S. Pedro na Igreja Matriz do Montijo. Breve notícia, in *ARTIS*, Revista do Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras de Lisboa, n.º 3, p. 372.

temas existentes no retábulo principal, na capela-mor: exposição solene do Santíssimo Sacramento e/ou o orago do templo. Nas restantes capelas encontram-se os menos relevantes, sendo os do lado do Evangelho mais importantes que os do lado da Epístola, tanto na localização das capelas nos dois lados do corpo da igreja, como na proximidade destes em relação à capela-mor; verifica-se, ainda, no próprio retábulo hierarquia entre o tramo central e os tramos laterais e nestes últimos um lado em relação ao outro (Evangelho e Epístola).

É no centro do retábulo que o investimento é maior, pois esse é o local onde figura o orago, sendo os temas mais habituais os seguintes: Santíssimo Sacramento, Cristíferos, Marianos, Hagiográficos e Purgatório.

Na igreja matriz do Divino Espírito Santo do Montijo assinalaram-se os seguintes temas: um dedicado ao Santíssimo Sacramento - retábulo principal com os elementos compositivos tribuna com trono piramidal em degraus para exposição do Santíssimo Sacramento e sacrário para guardar as hóstias (a Eucaristia) e cuja iconografia alude à eucaristia (fig.50);

Três cristíferos – retábulo colateral, actualmente, dedicado a Cristo, cuja iconografia na cartela central é alusiva às (cinco) Chagas de Cristo (fig.51); o retábulo de invocação actual da Nossa Senhora da Piedade, em que a iconografia alusiva a Cristo nas iniciais IHS, as três primeiras letras do nome ‘Jesus’ em grego «IHSOUS», figuram na cartela ao centro do frontão da capela (fig.52) e o retábulo lateral sob a invocação actual do Senhor Jesus dos Passos<sup>100</sup> (fig.53);

Dois marianos – o retábulo dedicado a Nossa Senhora da Conceição/Madre de Deus cuja iconografia está patente na pintura do tecto da capela e na cartela central o monograma de Maria ‘MA’ encimado por coroa real e uma estrela, atributo da Virgem (fig.54) e o retábulo de Nossa Senhora da Purificação que exhibe na pintura do tecto da

---

<sup>100</sup> Este altar, anteriormente dedicado a Nossa Senhora do Rosário, aparece sob a invocação do Senhor Jesus dos Passos, em 1 de Outubro de 1818. LUCAS, Francisco (2004) - *O retábulo de S. Pedro na Igreja Matriz do Montijo. Breve notícia*, in *ARTIS*, Revista do Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras de Lisboa, n.º 3, p. 370.

capela monograma de Maria 'MA' e na cartela central representação do Sol, atributo da Virgem (fig.55).

Um hagiográfico – retábulo dedicado a São Pedro, invocação mais antiga do templo, cujo ático, ao centro, apresenta um medalhão representando «A Barca de Pedro» (fig.56). Na tribuna, sobre uma peanha expõe-se a imagem de vulto perfeito de São Pedro, vestido de Pontifical (fig.65).

### 5.3 - Encomenda

“Apesar do carácter predominantemente religioso dos retábulos (...)”<sup>101</sup> a encomenda destes advinha de um leque de entidades, que se pode identificar, que não era exclusivamente religioso.

O clero secular – representado pelas igrejas matrizes e igrejas da Sé, tinha à sua responsabilidade a prestação dos serviços religiosos elementares à população, sendo o elo de ligação entre a comunidade e o divino. “*Os dirigentes destas igrejas tinham como principal objectivo instruir a doutrina, levando as pessoas a adquirir os Sacramentos.*”;<sup>102</sup>

A sociedade civil – que compreendia a maior parte da população (dos diversos estratos sociais) estava organizada em confrarias ou irmandades e ordens terceiras, em função do estatuto sócio-profissional, social ou simplesmente devocional;

Por último, enumeram-se os instituidores privados – estes tanto podiam pertencer ao clero secular ou regular, como à sociedade civil e eram indivíduos com um estatuto social e económico privilegiado, diga-se elevado, que financiavam a ornamentação de capelas em espaços religiosos públicos e privados (capelas privadas, localizadas em casas de habitação particulares, ou capelas de igrejas matrizes, capelas de igrejas das ordens terceiras, Sés ou de igrejas conventuais) destinadas a servir de sepultura para o próprio e da sua família.

Enquanto igreja matriz, o templo do Divino Espírito Santo do Montijo, tinha um responsável, o Prior, e uma Comissão Fabriqueira que tinha a seu cargo a ornamentação da capela-mor e da sacristia. As obras, geralmente administradas por essa comissão,

---

<sup>101</sup> LAMEIRA, Francisco (2005) – *O Retábulo em Portugal – Das origens ao declínio*, Promontoria Monográfica – História da Arte 01, Departamento de História, Arqueologia e Património da Universidade do Algarve e Centro de História da Arte da Universidade de Évora, Faro, p.19.

<sup>102</sup> AFONSO, Patrícia Cristina dos Reis Fonseca (2009) - *O Retábulo em Setúbal*, Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em História da Arte – especialização em História da Arte Portuguesa, Universidade do Algarve, Faro, p.43.

eram financiadas pela população em geral, que contribuía com esmolas, pelas confrarias do Santíssimo Sacramento.<sup>103</sup>

A encomenda do retábulo da capela-mor terá sido efectuada pelos responsáveis da Confraria do Santíssimo, juntamente com o Prior da matriz, tal como foi feito o ajuste do douramento do mesmo.<sup>104</sup> Aos dias de hoje, chega-nos o documento da escritura de arrematação ajustada entre o mestre dourador José de Sousa Figueiredo, e esta confraria, relativa ao douramento deste retábulo.<sup>105</sup>

A ornamentação das restantes capelas dos templos - colaterais e laterais - podiam ser entregues à sociedade civil, geralmente estruturada em confrarias ou irmandades e ordens terceiras. Também os instituidores particulares cabem neste segmento de potenciais encomendadores de retábulos para as restantes capelas do templo, a troco de um lugar para a sua sepultura e da sua família.

As confrarias ou irmandades constituídas sob a devoção de um santo protector tinham uma componente religiosa forte, alicerçando-se em função da prestação de caridade e/ou assistência (a doentes, a viúvas, a órfãos, a pobres, etc.), da entreajuda profissional e social, ou meramente devocional. Face à diversidade de funções que apresentavam, pertencer a mais que uma confraria era frequente. Este era o meio de alcançar uma vivência mais activa da religiosidade, na sociedade civil; os confrades participavam activamente nos cultos da igreja (baptismos, missas, procissões...) e ainda contribuía na administração de uma capela, onde a sua confraria ou irmandade se encontrava sedeadada. Geralmente estavam sedeadas em capelas de igrejas matrizes, igrejas da Sé, igrejas conventuais e ermidas.<sup>106</sup>

---

<sup>103</sup> A primeira referência à Confraria do Santíssimo Sacramento surge nas *Visitações e Provimentos da Ordem de Sant'Iago em Aldeia Galega de Ribatejo 1553-1571*, na visitação efectuada em 1564. É elencada a relação das confrarias, ermidas e capelas existentes em Aldeia Galega, sob a tutela da igreja do Espírito Santo enquanto matriz.

<sup>104</sup> Ver páginas 17 e 18.

<sup>105</sup> Ver Documento 2 do Apêndice documental, Arquivo Distrital de Setúbal, *Cartório Notarial de Aldeia Galega*, Livro de Notas n.º 11, folio 68 v.º. (inédito).

<sup>106</sup> AFONSO, Patrícia Cristina dos Reis Fonseca (2009) - *O Retábulo em Setúbal*, Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em História da Arte – especialização em História da Arte Portuguesa, Universidade do Algarve, Faro, p.47.

Para a ornamentação das respectivas capelas que administravam contratavam mestres entalhadores para execução de retábulos, pintores ou douradores para os acabamentos finais. A figura do administrador<sup>107</sup> da confraria tinha, neste processo, um papel importante.

Na igreja matriz do Divino Espírito Santo do Montijo salienta-se, entre as confrarias socioprofissionais: um retábulo colateral dedicado a São Pedro (padroeiro dos pescadores) que se localiza no frontispício da nave, do lado da Epístola. Foi mandado executar no dia 24 de Fevereiro de 1701, tendo sido feita a escritura de contrato da obra entre a Confraria do Bem-Aventurado São Pedro e o mestre António Martins Calheiros;<sup>108</sup> a edificação de uma capela lateral da nave, do lado do Evangelho, custeada pelos mareantes (datada de 1575)<sup>109</sup>, preenchida com um retábulo dedicado a Nossa Senhora da Conceição e a instituição de uma outra capela lateral da nave, do lado da Epístola, edificada em 1607 pelos *homens trabalhadores da vila*.<sup>110</sup>

Das confrarias e irmandades devocionais apresenta-se o retábulo dedicado a Nossa Senhora da Conceição, encomendado pela Irmandade de Nossa Senhora da Conceição da igreja matriz de Vila Galega ao mestre entalhador Francisco Machado.<sup>111</sup> Localiza-se numa capela lateral, da nave, do lado do Evangelho. Da responsabilidade da Confraria da Purificação<sup>112</sup> deverá ser o retábulo dedicado a Nossa Senhora da Purificação, localizado na capela lateral da nave, do lado da Epístola, defronte da capela anterior mencionada.

---

<sup>107</sup> Ver item «Confrarias», p.17.

<sup>108</sup> Ver Documento 5 do Apêndice documental – *Escritura de obrigação que faz António Martins Calheiros de fazer a tribuna de Sam Pedro desta Villa.*

<sup>109</sup> Ver páginas 92 a 94.

<sup>110</sup> Ver páginas 100 e 101.

<sup>111</sup> Ver Documento 6 do Apêndice documental - *Escritura de fiança de obra por parte do mestre carpinteiro Manuel Cardoso, o qual fica por fiador de Francisco Machado na obra do retábulo de N.ª Sr.ª da Conceição da Igreja Matriz de Vila Galega.*

<sup>112</sup> CARVALHO, Rosário Salema de... [et al.] (2009) - *Património artístico-cultural do Montijo*, Lisboa, Ed. Colibri, Câmara Municipal de Montijo, p.36.

Os restantes retábulos, o primitivamente dedicado a Nossa Senhora da Piedade e actualmente sob a invocação do Sagrado Coração de Jesus, localizado no frontispício da nave, do lado do Evangelho; o exemplar inicialmente de dedicado ao Nome de Jesus, actualmente sob a invocação da Nossa Senhora da Piedade, localizado numa capela lateral, do lado do Evangelho e o retábulo que anteriormente era dedicado a Nossa Senhora do Rosário e aparece sob a invocação do Senhor Jesus dos Passos em 1 de Outubro de 1818, foram provavelmente encomendados pelas respectivas confrarias, outrora existentes e sedeadas no templo.<sup>113</sup>

Ao longo do século XVI e seguintes as invocações dos altares foram sendo modificadas, não só em consonância com as campanhas de obras sofridas no templo, tanto de ampliação como de adequação ao gosto estéticos das várias épocas, mas também com as modificações e dinâmicas associadas ao surgimento e desaparecimento de irmandades e confrarias.

#### **5.4 - Tipologias e exemplares ímpares**

Na igreja matriz do Divino Espírito Santo do Montijo a tipologia utilizada, quer no retábulo de função eucarística, quer nos de funções devocionais, é a de corpo único e um só tramo.

O retábulo da capela-mor e os exemplares das capelas colaterais apresentam especificidades, sendo em comum aos três a apresentação de um esquema compositivo pouco usual no ático (fig.57, fig.58 e fig.59). Apesar da existência de diversas opções e

---

<sup>113</sup> Relação das confrarias existentes em Aldeia Galega, sob a tutela da igreja do Espírito Santo enquanto matriz: Confraria do Santíssimo Sacramento, de Nossa Senhora da Atalaia dos Barqueiros, do Hospital do Espírito Santo, de Nossa Senhora do Rosário, de São Sebastião, dos Fiéis de Deus, de São Pedro, de Nossa Senhora da Atalaia. DIAS, Mário Balseiro (2006) - *Visitações e Provimentos da Ordem de Sant'Iago em Aldeia Galega de Ribatejo* - Volume II, 1553-1571, Ed. Autor, Montijo, p. 81.

possibilidades no ático, obtém grande aceitação, no período em que se enquadram estes exemplares, uma solução exclusivamente portuguesa em que se usam dois ou mais arcos torsos, de volta perfeita e concêntricos, cortados transversalmente por aduelas (fig.60).

O retábulo colateral localizado no frontispício da nave, do lado do Evangelho, apresenta ainda um elemento decorativo na parte inferior das pilastras, cujo remate da folhagem de cardo aparece sob a forma de cabeça de animal - cão (?) (fig.61).

No retábulo colateral localizado, também no frontispício da nave, mas do lado da Epístola, dedicada a São Pedro, Padroeiro dos Pescadores, a especificidade que se assinala é também ao nível do vocabulário decorativo, designadamente um elemento ornamental presente nos painéis que ladeiam o sacrário, cujo remate da folhagem de cardo surge sob a forma de um peixe – golfinho (?) – nos cantos inferiores dos painéis, junto à porta do sacrário (fig.62).

## **5.5 - Materiais e técnicas**

Na execução de um retábulo podiam ser empregues vários materiais e técnicas, diversificando de país para país, sendo um factor significativo as matérias-primas tradicionalmente usadas e a mão-de-obra profissional.

Todos os retábulos da igreja matriz do Divino Espírito Santo do Montijo são de madeira. *“A madeira era um material largamente utilizado na Península Ibérica pelo facto de se tratar de uma matéria-prima abundante, de custos reduzidos e de fácil transporte.*

*Era um material muito procurado, existindo por isso um grande número de profissionais (entalhadores, escultores, imaginários, carpinteiros, ensambladores, (...)) que se dedicava à sua transformação.”*<sup>114</sup>

Verifica-se o uso da madeira como material privilegiado; conforme se lê, por exemplo, no contrato ajustado para a feitura do retábulo de São Pedro, para o mestre “(...) *lhe haver de fazer na Capella do ditto Santo huma tribuna de emtalho de madeira de Bordo (...)*”.<sup>115</sup> Neste sentido, pensa-se que esta seria a madeira mais utilizada e que os restantes espécimes identificados na matriz, também deverão ser de madeira de bordo, entalhada.

A feitura de um retábulo era fruto das várias etapas de um processo pelo qual passava a obra: o *risco* ou *traça*, o entalhe e os acabamentos. As técnicas eram bastantes diversificadas, merecendo destaque neste estudo as que convêm nos retábulos recenseados na igreja matriz do Divino Espírito Santo do Montijo.

O *risco* ou *traça* eram o projecto da obra a executar; as situações mais comuns eram a solicitação do mesmo a um arquitecto ou engenheiro, tratando-se de encomendadores mais abastados (nobreza); noutro caso expunha-se ao artista que ia executar o retábulo as suas aspirações relativas à encomenda, e este desenhava no papel.

Reunida a matéria-prima e demais condições de realização da obra, o mestre entalhador procedia ao entalhe dos vários elementos que compunham o retábulo. Posteriormente eram transportados para o local de destino para aí serem montado. A fase final eram os acabamentos, que na maioria das vezes ficavam confiados aos pintores.

Entre as técnicas utilizadas, as que se verificam na matriz do Montijo são o douramento – capela-mor – e a pintura a fingir pedraria/marmoreados (fig.63) presente

---

<sup>114</sup> AFONSO, Patrícia Cristina dos Reis Fonseca (2009) - *O Retábulo em Setúbal*, Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em História da Arte – especialização em História da Arte Portuguesa, Universidade do Algarve, Faro, p.52.

<sup>115</sup> Ver Documento 5 do Apêndice documental – *Scriptura de obrigação que faz António Martins Calheiros de fazer a tribuna de Sam Pedro desta Villa.*

no retábulo de actual invocação à Nossa Senhora da Piedade (capela lateral do lado do Evangelho).

Os restantes exemplares, apesar de hoje surgirem com policromia com registos dourados, esta deverá ser uma solução posterior, pois segundo as características dos mesmos, originalmente deveriam ser dourados na quase totalidade, à semelhança do exemplar da capela-mor.

Outras manifestações artísticas, complementares dos retábulos da matriz do Montijo, interessam aqui referir pelas técnicas de pintura que utilizavam. Trata-se da imaginária, onde eram aplicadas a carnação<sup>116</sup> e o estofamento<sup>117</sup>, apresentando-se como exemplo a imagem de vulto perfeito de Nossa Senhora da Piedade, do século XVII (fig.64).

## 5.6 - Complementaridade das artes

A decoração no interior dos templos capta a atenção de quem visita, desde o fiel devoto ao mero visitante. A igreja, com esta ornamentação, tinha como principal objectivo criar um ambiente atraente e estimulante que inflamasse os sentimentos e os sentidos dos fiéis. *“Os retábulos, enquanto equipamentos arquitectónicos e sobretudo litúrgicos, detinham uma importância muito grande, na medida que enquadravam a mesa do altar – local imprescindível no interior de um templo para a oração e celebração dos jubileus.”*<sup>118</sup>

Essa ambiência era conseguida através do olfacto, recorrendo a incenso e velas; da audição, através da música e dos cânticos e da visão, por intermédio do uso de artes

---

<sup>116</sup> Técnica de pintar sobre madeira ou barro, com o objectivo de imitar as carnes. Era sobretudo utilizada no rosto e nas mãos.

<sup>117</sup> Técnica de pintar sobre madeira ou barro, com o objectivo de imitar os tecidos das vestes.

<sup>118</sup> AFONSO, Patrícia Cristina dos Reis Fonseca (2009) - *O Retábulo em Setúbal*, Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em História da Arte – especialização em História da Arte Portuguesa, Universidade do Algarve, Faro, p.65.

decorativas. A utilização destas artes, ao serviço da ornamentação do interior dos templos complementava o forte apelo sensorial/visual dado pela talha dourada e que se associavam e interagiam com os retábulos, despertando sentimentos e emoções.

Tais acções resultam da conjuntura social e religiosa num dado período da história, e no âmbito das sessões do Concílio do Trento.

Na igreja matriz do Divino Espírito Santo destacam-se as seguintes modalidades artísticas: o azulejo, a pintura a fingir pedraria, a pintura sobre tela, a imaginária e pinturas parietais. Seguidamente, elenca-se a aplicação de cada uma destas modalidades:

- O azulejo é sem dúvida ‘rei’ na matriz do Montijo, sendo empregue em várias épocas, espaços e circunstâncias, no templo<sup>119</sup>:

:: Do século XVI subsistem os exemplares de azulejaria hispano-mouriscos, oriundos do templo, e, que actualmente integram o espólio do Museu Municipal do Montijo;

:: Do século XVII, hoje sobrevivem das campanhas decorativas no interior, a azulejaria de esquema enxaquetado e a de azulejos de padrão. Actualmente, observam-se registos de azulejos de esquema enxaquetado na escada de acesso ao coro e, também, na capela da Madre de Deus. Quanto ao azulejo de padrão este surge a revestir, na íntegra, o tecto do guarda-vento;

:: Do século XVIII perduram os painéis em azul e branco, que se manifestam de forma efusiva no templo. A saber: na capela de Nossa Senhora da Purificação (lado da Epístola), na capela-mor, na nave (espaço que apresenta o conjunto mais imponente), guarda-vento, capela baptismal, sacristia e coro alto.

---

<sup>119</sup> Para informações mais completas *vide* capítulo A Azulejaria.

Quanto à autoria conhecem-se atribuições feitas, pelos investigadores José Meco e Vítor Serrão, ao pintor Manuel dos Santos, a António Pereira, a Gabriel del Barco, ao Mestre P.M.P., a Bartolomeu Antunes (à sua oficina) e a Nicolau de Freitas.

- A pintura a fingir pedraria/marmoreado, no retábulo com actual dedicação a Nossa Senhora da Piedade, com o intuito de dignificar o retábulo e enobrecê-lo com um material nobre e dispendioso – a pedra.
- No que respeita a pintura sobre tela<sup>120</sup> e à imaginária, destacam-se as que se inserem nos próprios retábulos, nesta última as imagens vulto perfeito de Nossa Senhora da Piedade (do século XVII) e a de São Pedro (fig.65).
- As obras de pedraria eram também igualmente utilizadas como modalidades artísticas interactivas. A pesquisa documental efectuada revelou que «Manuel Pinheiro, mestre pedreiro, morador na cidade de Lisboa, ajusta a feitura de pequenas obras de pedraria na Igreja Matriz, nomeadamente o arco da capela do Nome de Jesus e um lavatório, no ano de 1698 aos vinte e três dias do mês de Maio.»<sup>121</sup>

*As Visitações dos Freires da ordem e Sant'Iago – 1609*<sup>122</sup> referenciam o não cumprimento de certas determinações da Ordem, para o templo, tendo sido as mesmas renovadas nesta data; entre elas contam-se a execução de um lavatório e de um púlpito. Este último, o púlpito, deverá corresponder com o que hoje se acha adossado a uma coluna na nave, do lado do Evangelho.<sup>123</sup>

---

<sup>120</sup> Tema desenvolvido neste estudo no capítulo A Pintura.

<sup>121</sup> Arquivo Distrital de Setúbal, *Cartório Notarial de Aldeia Galega*, Livro de Notas n.º 12, fl. 232.

<sup>122</sup> CARVALHO, Rosário Salema de... [et al.] (2009) - *Património artístico-cultural do Montijo*, Lisboa, Ed. Colibri, Câmara Municipal de Montijo, p.70

<sup>123</sup> Púlpito “*De planta circular, suportado por coluna, apresenta balaústres de bronze, acedendo-se-lhe através de uma escada que circunda a coluna da igreja*”. CARVALHO, Rosário Salema de... [et al.] (2009) - *Património artístico-cultural do Montijo*, Lisboa, Ed. Colibri, Câmara Municipal de Montijo, p.209, Nota 193.

Dos registos em mármore assinalam-se actualmente, no âmbito do equipamento litúrgico, o púlpito<sup>124</sup> (fig.66 e fig.66a) e o lavatório da sacristia (fig.67), ambos feitos do mesmo mármore rosa.

## 5.7 - Periodização

Cabe aqui desenhar a (possível) história dos retábulos/altares que antecederam os actuais exemplares através da que é, sobretudo, a grande fonte de informação: as Visitações quinhentistas da Ordem Militar de Santiago.<sup>125</sup>

Segundo as mesmas, a igreja matriz do Divino Espírito Santo do Montijo apresentava, em 1512, por detrás do altar-mor um retábulo de pintura da Flandres representando a descida do Espírito Santo sobre os Apóstolos. Existiam, ainda, mais quatro: um (pequeno) altar no lado do Evangelho com a Santíssima Trindade pintada; do lado da Epístola um altar dedicado a São Pedro e por cima deste, uma pintura de São Brás; um retábulo de madeira, no cruzeiro, com uma imagem de Jesus Cristo; por último na parte sul do corpo da igreja, um altar de Santa Catarina com a imagem da santa ‘bem’ pintada.

Em 1525 decorriam as obras de ampliação da capela-mor. Dois anos mais tarde é indicada, na visitação, a necessidade de se mudar de local o altar de Santa Catarina, pois “(...) onde esta esta muyto deslauado E desonesto he nesesareo mudar-se (...)”.<sup>126</sup>

---

<sup>124</sup> “Púlpito – No mobiliário eclesiástico, designa a tribuna do predicador ou a cadeira do leitor no refeitório dos mosteiros. Substituiu o ambão das primeiras basílicas cristãs. É a tribuna em mármore, pedra ou madeira, erguida acima do solo e geralmente adossada a um pilar do alto da qual os pregadores instruem os fiéis; a sua tribuna, à qual se sobe por uma escada, é sobrepujada por um sobrecéu ou quebra-voz, em forma de dossel ou pirâmide. (...) O Púlpito surge e difunde-se na Idade Média avançada, quando o ambão rigidamente reservado para certas funções (canto, leitura de textos sacros, predicação do bispo) e confinado ao presbitério, se revela inadequado para satisfazer as novas exigências de uma predicação mais ampla e mais directamente apontada a influenciar os fiéis.”. SILVA, Jorge Henrique Pais da; CALADO, Margarida (2005) - Dicionário de Termos de Arte e Arquitectura, Editorial Presença, Lisboa, p.307.

<sup>125</sup> DIAS, Mário Balseiro (2006) - *Visitações e Provimientos da Ordem de Sant'Iago em Aldeia Galega de Ribatejo* - Volume I, 1486-1537 e Volume II, 1553-1571, Ed. Autor, Montijo.

<sup>126</sup> DIAS, Mário Balseiro (2006) - *Visitações e Provimientos da Ordem de Sant'Iago em Aldeia Galega de Ribatejo* - Volume I, 1486-1537, Ed. Autor, Montijo, p.110.

Em 1528, refere o mesmo documento “(...) *mais huum Retauollo do esprito santo pintado de novo muy homrrado que esta no altar moor*”.<sup>127</sup>

Em 1531 o “(...) *altar de santa caterina que (ainda) esta no meyo da Igreja faz aly mujto pejo sem dele aver necessidade (...)*”.<sup>128</sup> É ainda ordenado que se retire a imagem de Santa Catarina que está no altar para um outro altar, para que o mesmo seja retirado daquele lugar.

A visitação de 1534 ‘encontrou’ uma nova capela-mor, com abóbada de alvenaria e novas grades de madeira.

O mesmo documento, na visitação de 1553, menciona um sacrário que está no meio do altar-mor e uma charola de madeira *meã* quadrada, toda dourada por dentro e na dianteira lavrada ao *Romano*, referência ao formulário do Primeiro Renascimento.

Quanto aos altares refere, na capela-mor um altar de madeira “(...) *asemtado sobre huum tauoleiro lageado de pedraria (...) sobre o alltar huum Retauollo antigo E velho de madeira de hum painel gramde que mall se emxergão as pemturas do esprito santo (...)*”.<sup>129</sup> Os restantes altares localizam-se nas paredes do cruzeiro da seguinte forma: do lado da epístola três retábulos pequenos velhos de flandres – São Pedro, Santo André e São Miguel; do lado do Evangelho dois retábulos de madeira, antigos, pequenos e velhos: um de Nossa Senhora da Piedade e outro de Nossa Senhora do Rosário.<sup>130</sup>

As informações constantes no artigo sobre o *Retábulo de São Pedro na Igreja Matriz do Montijo* (2004) da autoria de Francisco Lucas referenciam, nos Livros de Óbito existentes na secção Paroquial do Arquivo Distrital de Setúbal, as obras realizadas desde o século XVI ao século XIX. Assim, no século XVI noticiam-se os altares de Nossa Senhora da Piedade (1574), de Nossa Senhora do Rosário (1577) e o

---

<sup>127</sup> *Idem*, p.126.

<sup>128</sup> *Idem, ibidem*, p.133.

<sup>129</sup> DIAS, Mário Balseiro (2006) - *Visitações e Provimentos da Ordem de Sant'Iago em Aldeia Galega de Ribatejo* - Volume II, 1553-1571, Ed. Autor, Montijo, p.10.

<sup>130</sup> *Idem*, p.11.

do Nome de Jesus (1570).<sup>131</sup> Este último à data de 1698 ainda existia conforme atesta o resumo do contrato de ajuste de pequenas obras de pedraria mencionado no capítulo deste trabalho dedicado à Complementaridade das artes.

Pela sinopse apresentada, percebe-se que o historial antecedente dos retábulos existentes na que é hoje a igreja matriz do Divino Espírito Santo do Montijo é bastante dinâmico e desencadeou-se sob as orientações da tutela do templo – a Ordem de Santiago – em conjunto com a força e vontade do povo de Aldeia Galega.

Dos exemplares elencados, à excepção do que respeita ao orago do templo na capela-mor, apenas uma invocação perdura desde a fundação do templo: a dedicação de um altar a São Pedro. Os restantes, a sua inexistência poderá dever-se a várias causas, entre as quais se podem assumir, desde substituições por exemplares mais inovadores/actualizações estéticas, a desmantelamentos, alteração de invocação e/ou simplesmente destruídos.

Sabe-se, contudo, que ao longo do século XVI as invocações dos altares foram sendo modificadas.<sup>132</sup> A invocação de São Pedro, no retábulo colateral localizado no frontispício da nave, no lado da Epístola, é das mais importantes, mantendo-se desde a origem do templo.

Relativamente aos exemplares que hoje se apresentam, as informações existentes surgem de estudos realizados por outros investigadores/autores (mencionados no início deste trabalho), pela pesquisa documental efectuada e pelas referências documentais, ainda que algumas delas escassas em informação: as *Visitações da Ordem de Sant'Iago*,

---

<sup>131</sup> LUCAS, Francisco (2004) – *O retábulo de S. Pedro na igreja matriz do Montijo. Breve notícia*, in *ARTIS*, Revista do Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras de Lisboa, n.º3, p.370.

<sup>132</sup> “...ao longo do século XVI, há notícias de altares nos Livros de Óbito, cujas invocações foram sendo modificadas, o que nos permite perceber a importância das diferentes devoções existentes no templo.”. CARVALHO, Rosário Salema de... [et al.] (2009) - *Património artístico-cultural do Montijo*, Lisboa, Ed. Colibri, Câmara Municipal de Montijo, p.34-35.

as *Memórias Paroquiais de 1757* e de alguns contratos notariais celebrados, entre a entidade que encomenda e o artista, e que surgem nos Livros de Notas dos tabeliães.

Os retábulos da igreja matriz do Divino Espírito Santo do Montijo serão classificados, neste estudo, no âmbito da periodização proposta pelo Professor Doutor Francisco Lameira em *O Retábulo em Portugal – Das origens ao declínio*.

Foram recenseados sete retábulos, os quais se inserem nos seguintes períodos artísticos: seis no Barroco Pleno e um no Revivalismo.

### 5.7.1 - Barroco Pleno

Este período corresponde, de um modo geral, à época de D. Pedro II enquanto regente e monarca (1668-1706). O uso da madeira entalhada e dourada foi a tendência que vigorou e disseminou o país de Norte a Sul; os retábulos desta fase tiveram uma aceitação jamais ocorrida em Portugal.<sup>133</sup>

Dos retábulos recenseados na igreja matriz do Montijo, existem seis que pertencem a este período: o retábulo da capela-mor, três na nave no lado do Evangelho (dois em capelas laterais e um colateral) e no lado da Epístola dois, também da nave, sendo um colateral e o outro numa capela lateral.

O único exemplar cuja datação está corroborada é o retábulo colateral localizado no frontispício da nave, no lado da Epístola, dedicado a São Pedro, tendo sido contratada a obra em 1701.<sup>134</sup>

Porém, é possível datar o retábulo principal, localizado na capela-mor do templo, de antes de 1689<sup>135</sup>, pois neste ano a 11 de Abril foi feita a escritura de arrematação de ajuste do douramento do retábulo.

---

<sup>133</sup> LAMEIRA, Francisco (2005) – *O Retábulo em Portugal – Das origens ao declínio*, Promontoria Monográfica – História da Arte 01, Departamento de História, Arqueologia e Património da Universidade de Algarve e Centro de História da Arte da Universidade de Évora, Faro, p.94.

<sup>134</sup> Arquivo Distrital de Setúbal, *Secção Notarial de Aldeia Galega (Montijo)*, Livro 13, 1.º Ofício, Tabelião Francisco Cardoso e outros, de 14 de Julho de 1698 a 27 de Junho de 1701: fl. 242ª fl. 243 v., publicado em LUCAS, Francisco (2004) - *O retábulo de S. Pedro na igreja matriz do Montijo. Breve notícia*, in *ARTIS*, Revista do Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras de Lisboa, n.º 3, p.376-378. Ver ficha de inventário do Catálogo, p.84-85.

Enquadram-se também neste período: o retábulo de Nossa Senhora da Piedade<sup>136</sup>, actualmente dedicado às Chagas de Cristo (localizado no frontispício da nave do lado do Evangelho) e que serviu de modelo à feitura do de São Pedro, sendo possível data-lo de antes de 1701;

- O retábulo da capela lateral do lado do Evangelho, dedicada ao Nome de Jesus mas, actualmente sob a inovação de Nossa Senhora da Piedade;

- O retábulo de Nossa Senhora da Conceição, cuja escritura de fiança da obra foi feita em 1695<sup>137</sup>, inserido numa capela lateral da nave do templo, do lado do Evangelho, edificada em 1515 sendo dedicada à ‘Madre de Deus’;<sup>138</sup>

- O retábulo inserido na capela lateral, da nave no lado da Epístola, edificada em 1607, dedicado a Nossa Senhora da Purificação<sup>139</sup>, contemporâneo do exemplar de Nossa Senhora da Conceição (cerca 1695).

Muito embora as estruturas das capelas da nave tenham sido progressivamente edificadas desde o século XV, estes retábulos terão sido integrados no decorrer da grande campanha decorativa que o templo foi alvo entre o final do século XVII e o início do século XVIII.

Entre as várias características formais deste período, referem-se as apresentadas pelos retábulos da igreja matriz do Divino Espírito Santo do Montijo:

- Predomínio de plantas dinâmicas, côncavas e convexas, sendo o uso da perspectiva em planta côncava a que mais se observa na matriz do Montijo;

---

<sup>135</sup> Arquivo Distrital de Setúbal, *Cartório Notarial de Aldeia Galega*, Livro de Notas n.º 11, folio 68 v.º. *Escritura de arrematação e obrigação que faz José de Sousa de Figueiredo, dourador e morador na cidade de Lisboa*. (inédito). Ver ficha de inventário do Catálogo, p.77-78.

<sup>136</sup> Ver ficha de inventário do Catálogo, p.80-82.

<sup>137</sup> Arquivo Nacional da Torre do Tombo, *Cartório Notarial de Lisboa*, n.º 11 (actual n.º 3), caixa 91, Livro 362, fls. 30-30v.º.20 de Junho de 1695; Escritura de fiança de obra por parte do mestre carpinteiro Manuel Cardoso, o qual fica por fiador de Francisco Machado na obra do retábulo de Nossa Senhora da Conceição da Igreja Matriz de Vila Galega. Ver ficha de inventário do Catálogo, p.92-94.

<sup>138</sup> Ver ficha de inventário do Catálogo, p.92-93.

<sup>139</sup> Ver ficha de inventário do Catálogo, p.100-101.

- Composições com corpo único e um só tramo;
- Tribunas preenchidas por tronos piramidais em degraus, destinadas à exposição do Santíssimo Sacramento (fig.68);
- Camarins ou tribunas presentes nos retábulos devocionais destinados à exposição de imagens de vulto perfeito do orago; enquadramento arquitectónico a envolver o camarim;
- Tribunas preenchidas por telas com pinturas alusivas ao orago (fig.69);
- Uso de colunas torsas com sete espiras com fuste totalmente revestido por cachos de uvas, parras, fénix, etc. e de pilastras revestidas de ornatos com predomínio de vocabulário com carácter naturalista, com destaque para a folhagem de cardo (acanto) (fig. 70 a fig.74);
- Ático com a solução exclusivamente portuguesa, em que são usados dois ou mais arcos torsos (salomónicos), de volta perfeita e concêntricos, cortados transversalmente por aduelas (fig. 75, fig.76 e fig.77);
- Revestimento dourado aplicado na quase totalidade do retábulo (fig.78);
- A aplicação nos retábulos de madeira de revestimentos pictóricos a fingir pedraria, em casos pontuais (fig.79);
- Complementaridade de outras modalidades artísticas com os retábulos.

De referir que, originalmente, todos os retábulos - capela-mor, altares colaterais e capelas laterais – eram apenas em talha dourada, sendo que a policromia que actualmente apresentam é de época posterior, alterando significativamente a leitura de conjunto e o impacto do mesmo no contexto do interior do templo.

### 5.7.2 - Revivalismo

Considera-se, no âmbito da cronologia empregue para a classificação dos exemplares recenseados neste estudo, o período que se inscreve desde a última década do século XVIII, e que se prolonga por todo o século XIX, até à primeira metade do século XX.

A igreja matriz do Divino Espírito Santo do Montijo apresenta apenas um retábulo que se integra nesta cronologia, que se localiza numa capela lateral da nave, do lado da epístola, sob a invocação do Senhor Jesus dos Passos.<sup>140</sup> Este altar, anteriormente dedicado a Nossa Senhora do Rosário (1577), mudou a sua invocação e aparece dedicado ao Senhor Jesus dos Passos, em 1 de Outubro de 1818<sup>141</sup> (fig.80).

Entre as várias características formais deste período, referem-se as apresentadas pelo retábulo inventariado, apesar de não ser um exemplar erudito nem significativo desta época:

- Continuação do uso da madeira na feitura dos retábulos;
- Predomínio das plantas planas ou rectas;
- Estrutura linear com grande contenção/sobriedade;
- Preferência pelos elementos arquitectónicos clássicos;
- Continuação do uso da pintura a fingir pedraria.

---

<sup>140</sup> Ver ficha de inventário do Catálogo, p.96-97.

<sup>141</sup> LUCAS, Francisco (2004) - O retábulo de S. Pedro na Igreja Matriz do Montijo. Breve notícia, in *ARTIS*, Revista do Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras de Lisboa, n.º 3, p. 370.

## 5.8 - Produção artística

A execução de um retábulo era fruto das diversas etapas de um processo pelo qual passava a obra e várias mãos intervinham no seu processo de produção.

O primeiro passo era a execução do *risco* ou *traça*, isto é, o projecto da obra. Este podia envolver gente com mais ou menos formação, sendo as situações mais comuns a solicitação do mesmo a um arquitecto ou engenheiro, tratando-se de encomendadores mais abastados (nobreza); por outro lado expunha-se a outros profissionais (pedreiros, escultores, carpinteiros, ensambladores, pintores, entalhadores) ou ao artista que ia executar o retábulo, por exemplo, as aspirações relativas à encomenda e este desenhava no papel.

*“No que diz respeito à execução da obra, esta era realizada pelos profissionais provenientes de ofícios mecânicos ou mesteirais, como é o caso dos pedreiros e escultores para trabalhar a pedra; carpinteiros, ensambladores, marceneiros ou entalhadores para trabalhar a madeira, cujo acabamento era ainda efectuado por pintores douradores (...)”*.<sup>142</sup>

Pela sua localização geográfica, o Montijo inseria-se no centro produtivo da Estremadura<sup>143</sup> com um único grande centro urbano – Lisboa – onde se localizava a corte e todos os serviços administrativos, logo também com a maior dinâmica produtiva. Dada a proximidade geográfica com esta cidade, recorre aos artistas

---

<sup>142</sup> AFONSO, Patrícia Cristina dos Reis Fonseca (2009) - *O Retábulo em Setúbal*, Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em História da Arte – especialização em História da Arte Portuguesa, Universidade do Algarve, Faro, p.68-69.

Durante a pesquisa realizada no Arquivo Distrital de Setúbal, foi encontrado, e publicado no Apêndice Documental deste estudo, o resumo de um contrato relativo a uma obra de douramento Escritura de arrematação e obrigação que faz José de Sousa de Figueiredo, dourador e morador na cidade de Lisboa. Cartório Notarial de Aldeia Galega, Livro de Notas n.º 11, fl. 68 v.º. Inédito.

Foi também consultado um documento relativo a uma escritura de obrigação com Manuel Pinheiro mestre pedreiro, morador na cidade de Lisboa, que ajusta a feitura de pequenas obras de pedraria na Igreja Matriz, nomeadamente o arco da capela do Nome de Jesus e um lavatório, no ano de 1698. Cartório Notarial de Aldeia Galega, Livro de Notas n.º 12, fl. 232.

<sup>143</sup> Existiam oito centros produtivos em Portugal (continental e insular) que correspondiam às seguintes regiões administrativas: Estremadura, Alentejo, Algarve, Beira, Minho, Trás-os-Montes, Madeira e Açores. A província da Estremadura abrangia o bispado de Lisboa e Leiria. Ver LAMEIRA, Francisco (2005) – *O Retábulo em Portugal – Das origens ao declínio*, Promontoria Monográfica História da Arte 01, Departamento de História, Arqueologia e Património da Universidade do Algarve e Centro de História da Arte da Universidade de Évora, Faro, p. 53-54.

conceituados de Lisboa, para a realização de obras em diversas manifestações artísticas como a talha, a pintura e o azulejo.

Apesar de se desconhecer a existência de oficinas locais, verifica-se a presença exclusiva de profissionais da cidade de Lisboa.

No decorrer da análise dos contratos notariais consultados, facultados e encontrados (e também da pesquisa bibliográfica) identificaram-se na igreja matriz do Divino Espírito Santo do Montijo trabalhos da autoria de dois mestres entalhadores, Francisco Machado e António Martins Calheiros; a obra de dois douradores: José de Sousa de Figueiredo e Santos Marques, e presumivelmente, de um mestre pedreiro, Manuel Pinheiro.

:: Entalhadores ::

Francisco Machado é o autor do retábulo dedicado a Nossa Senhora da Conceição localizado na capela lateral da nave da igreja matriz do Divino Espírito Santo do Montijo, do lado do Evangelho, conforme escritura de fiança da obra deste retábulo por parte do mestre carpinteiro Manuel Cardoso, o qual fica por fiador de Francisco Machado, ajustada em 20 de Junho de 1695<sup>144</sup> com a Irmandade de Nossa Senhora da Conceição da igreja matriz de Vila Galega (actual Montijo).

Da autoria, comprovada, de António Martins Calheiros é o retábulo colateral localizado no frontispício da nave da igreja matriz do Divino Espírito Santo do Montijo, do lado da Epístola, de dedicado a São Pedro. Foi mandado executar no dia 24 de Fevereiro de 1701, tendo sido feita a escritura de contrato da obra entre a Confraria do Bem-Aventurado São Pedro e o

---

<sup>144</sup> Arquivo Nacional da Torre do Tombo, *Cartório Notarial de Lisboa*, n.º 11 (actual n.º 3), caixa 91, Livro 362, fls. 30-30v.º.

mestre António Martins Calheiros, morador na cidade de Lisboa.<sup>145</sup> Tendo o exemplar localizado no frontispício da nave, do lado do Evangelho servido de modelo para a execução do anterior, é possível atribuir a autoria deste a António Martins Calheiros.<sup>146</sup>

Quanto aos restantes retábulos – da capela-mor, da capela lateral do lado do evangelho (retábulo com actual dedicação a Nossa senhora da Piedade), o retábulo lateral do Lado da Epístola (sob a invocação actual do Senhor Jesus dos Passos) e o de Nossa Senhora da Purificação (também no lado da Epístola) desconhece-se a autoria dos mesmos; supõe-se que, à excepção do exemplar do século XIX (Senhor Jesus dos Passos) terão os outros retábulos sido executados por mão-de-obra com o nível técnico e a qualidade dos realizados pelos artistas identificados.

É, apenas, possível considerar que o exemplar dedicado a Nossa Senhora da Purificação é contemporâneo do retábulo executado por Francisco Machado.

**Francisco Machado**, mestre entalhador nascido em Lisboa “(...) *nos primeiros anos do século XVII (...)*”<sup>147</sup>, fixa a sua oficina em Évora no último quartel do século XVII.

Os primeiros patrocinadores do trabalho (e talento) de Francisco Machado foram os jesuítas, mas o grande mecenas foi um prelado, o arcebispo de Évora D. Frei Luís da Silva Teles. O mecenato pautou-se pelo papel activo do prelado na encomenda e supervisão dos trabalhos, numa

---

<sup>145</sup> Arquivo Distrital de Setúbal, *Secção Notarial de Aldeia Galega (Montijo)*, Livro 13, 1.º Ofício, Tabelião Francisco Cardoso e outros, de 14 de Julho de 1698 a 27 de Junho de 1701: fl. 242ª fl. 243 v. publicado por LUCAS, Francisco (2004) - *O retábulo de S. Pedro na Igreja Matriz do Montijo. Breve notícia*, in *ARTIS*, Revista do Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras de Lisboa, n.º 3, p. 376-378.

<sup>146</sup> Ver Documento 5 do Apêndice documental. Arquivo Distrital de Setúbal, *Secção Notarial de Aldeia Galega (Montijo)*, Livro 13, 1.º Ofício, Tabelião Francisco Cardoso e outros, de 14 de Julho de 1698 a 27 de Junho de 1701: fl. 242ª fl. 243.

<sup>147</sup> TEODORO, Miguel Ángel Vallecillo, (sd), *Retabística Alto Alentejana (Elvas, Villaviciosa y Olivenza) en los Siglos XVII-XVIII*, Universidad Nacional de Educación a Distancia, Centro Regional de Extremadura, Mérida, p.151-152.

relação privilegiada com este arquiteto-entalhador; foi também a oportunidade de Francisco Machado executar os seus principais trabalhos, sendo essas obras cuidadosamente escolhidas para edifícios emblemáticos da cidade e das vilas do arcebispado.<sup>148</sup>

A 18 de Novembro de 1684, Francisco Machado, residia na Rua de Alconchel, em Évora.<sup>149</sup>

Nesse sentido é possível elencar as seguintes obras documentadas, da sua autoria:

- Antes de 1684 - Retábulo dedicado a São Sebastião (inexistente)
  - capela da Quinta dos Apóstolos, arredores de Évora;<sup>150</sup>
- 1684 - Retábulo para a capela da Confraria de São Francisco Xavier (inexistente) - igreja do Colégio do Espírito Santo de Évora;<sup>151</sup>
- Antes de 1688 - Retábulo colateral da invocação de Nossa Senhora da Conceição - igreja da Casa Professa de São João Evangelista de Vila Viçosa;<sup>152</sup>
- 1688 - Retábulo colateral da invocação de São Francisco Xavier - igreja da Casa Professa de São João Evangelista de Vila Viçosa;<sup>153</sup>
- 1692 - Retábulo da igreja de Montemor-o-Novo;<sup>154</sup>

---

<sup>148</sup> MANGUCCI, António Celso (2007) – Francisco Machado e a Oficina de Retábulos do Arcebispo de Évora, in *Cenáculo*, Boletim on-line do Museu de Évora, n.º 2, em Dezembro de 2007. <http://museudevora.imc-ip.pt/pt-PT/Boletim/Cenaculo2/ContentDetail.aspx?id=129>

<sup>149</sup> TEODORO, Miguel Ángel Vallecillo, (sd), *Retablística Alto Alentejana (Elvas, Villaviciosa y Olivenza) en los Siglos XVII-XVIII*, Universidad Nacional de Educación a Distancia, Centro Regional de Extremadura, Mérida, p.151-152.

<sup>150</sup> MANGUCCI, António Celso (2007) – Francisco Machado e a Oficina de Retábulos do Arcebispo de Évora, in *Cenáculo*, Boletim on-line do Museu de Évora, n.º 2, em Dezembro de 2007. <http://museudevora.imc-ip.pt/pt-PT/Boletim/Cenaculo2/ContentDetail.aspx?id=129>

<sup>151</sup> TEODORO, Miguel Ángel Vallecillo, (sd), *Retablística Alto Alentejana (Elvas, Villaviciosa y Olivenza) en los Siglos XVII-XVIII*, Universidad Nacional de Educación a Distancia, Centro Regional de Extremadura, Mérida, p.151-152.

<sup>152</sup> LAMEIRA, Francisco (2006) – *O Retábulo da Companhia de Jesus em Portugal: 1619-1759*, Promontoria Monográfica – História da Arte 02, Departamento de História, Arqueologia da Universidade do Algarve, Faro, p.137.

<sup>153</sup> TEODORO, Miguel Ángel Vallecillo, (sd), *Retablística Alto Alentejana (Elvas, Villaviciosa y Olivenza) en los Siglos XVII-XVIII*, Universidad Nacional de Educación a Distancia, Centro Regional de Extremadura, Mérida, p.151-152.

<sup>154</sup> MANGUCCI, António Celso (2007) – Francisco Machado e a Oficina de Retábulos do Arcebispo de Évora, in *Cenáculo*, Boletim on-line do Museu de Évora, n.º 2, em Dezembro de 2007. <http://museudevora.imc-ip.pt/pt-PT/Boletim/Cenaculo2/ContentDetail.aspx?id=129>

- 1695 - Retábulo lateral dedicado a Nossa Senhora da Conceição
- igreja matriz do Divino Espírito Santo do Montijo;<sup>155</sup>
- 1699 - Retábulo dedicado a Nossa Senhora dos Anjos - Sé de Évora;<sup>156</sup>
- 1701 - Retábulo da capela-mor da igreja de Santo Antão<sup>157</sup>e retábulo da igreja de São Pedro, Lisboa (desaparecido);<sup>158</sup>
- 1703/1704 - Retábulo da Senhora da Boa Morte - igreja do Colégio do Espírito Santo de Évora.<sup>159</sup>

Para além das obras documentadas têm sido feitas as seguintes atribuições:

Na igreja do antigo Colégio do Espírito Santo de Évora:

- Princípios do século XVIII - Retábulo colateral dedicado a Nossa Senhora do Socorro; retábulo lateral da invocação de Santo António; retábulo lateral dedicado a Santa Úrsula; retábulo lateral dedicado a São Francisco Xavier;<sup>160</sup>
- 1702 - Retábulo colateral dedicado a Nossa Senhora da Assunção;<sup>161</sup>
- Antes de 1703 - Retábulo lateral dedicado a Santo Inácio;<sup>162</sup>

<sup>155</sup> Arquivo Nacional da Torre do Tombo, *Cartório Notarial de Lisboa*, n.º 11 (actual n.º 3), caixa 91, Livro 362, fls. 30-30v.º. 20 de Junho de 1695; Escritura de fiança de obra por parte do mestre carpinteiro Manuel Cardoso, o qual fica por fiador de Francisco Machado na obra do retábulo de Nossa Senhora da Conceição da Igreja Matriz de Vila Galega. Documento 6 do Apêndice documental.

<sup>156</sup> Tal a importância da obra e o nível de envolvimento do mecenas que o contrato deste retábulo apresenta uma cláusula especial que determina que o retábulo seria esculpido em "*Caza do dito Ilmo. Sr.º Arcebispo*", para melhor inspeção do trabalho. TEODORO, Miguel Ángel Vallecillo, (sd), *Retablística Alto Alentejana (Elvas, Villaviciosa y Olivenza) en los Siglos XVII-XVIII*, Universidad Nacional de Educación a Distancia, Centro Regional de Extremadura, Mérida, p.151-152.

<sup>157</sup> Arquivo Distrital de Évora, Livro 1026, fl. 32. Documento 4 do Apêndice documental.

<sup>158</sup> MANGUCCI, António Celso (2007) – *Francisco Machado e a Oficina de Retábulos do Arcebispo de Évora*, in *Cenáculo*, Boletim on-line do Museu de Évora, n.º 2, em Dezembro de 2007. <http://museudevora.imc-ip.pt/pt-PT/Boletim/Cenaculo2/ContentDetail.aspx?id=129>

<sup>159</sup> TEODORO, Miguel Ángel Vallecillo, (sd), *Retablística Alto Alentejana (Elvas, Villaviciosa y Olivenza) en los Siglos XVII-XVIII*, Universidad Nacional de Educación a Distancia, Centro Regional de Extremadura, Mérida, p.151-152.

<sup>160</sup> LAMEIRA, Francisco (2006) – *O Retábulo da Companhia de Jesus em Portugal: 1619-1759*, Promontoria Monográfica – História da Arte 02, Departamento de História, Arqueologia da Universidade do Algarve, Faro, p.107, 119, 121 e 125, respectivamente.

<sup>161</sup> *Idem*, p.109.

<sup>162</sup> *Idem, ibidem*, p.127.

- 1703/1704 - Revestimento em talha da capela de Nossa Senhora da Boa Morte;<sup>163</sup>
- 1707 - Retábulo lateral dedicado ao Senhor Santo Cristo;<sup>164</sup>
- Princípios do século XVIII - *risco* e o entalhe do retábulo principal da igreja da Misericórdia de Fronteira.<sup>165</sup>

Pelas cronologias acima elencadas, os anos noventa do século XVII e o início do século XVIII são a prova da vitalidade da sua actividade artística, desenvolvida a partir de uma oficina qualificada, dando resposta às exigências e imposições de um mecenas - o arcebispo de Évora D. Frei Luís da Silva Teles - que com o “(...) *seu autoritarismo e paternalismo atávicos impôs a realização da forma que mais lhe convinha: no Paço Episcopal, sob a sua supervisão, em prazos rigorosos.*”<sup>166</sup>

**António Martins Calheiros**, mestre entalhador com oficina aberta em Lisboa, conta também no seu trabalho com obra para a Companhia de Jesus, ainda que de forma menos intensa.

Da sua obra elencam-se mais alguns exemplares:

- 1701 - Retábulo colateral dedicado a São Pedro - igreja matriz do Divino Espírito Santo do Montijo;<sup>167</sup>
- 1705 - Retábulo da capela-mor - Ermida de Nossa Senhora da Assunção, Calçada do Combro;<sup>168</sup>

<sup>163</sup> *Idem, ibidem*, p.111.

<sup>164</sup> *Idem, ibidem*, p.123.

<sup>165</sup> LAMEIRA, Francisco (2009) – *Retábulos das Misericórdias Portuguesas*, Promontoria Monográfica – História da Arte 04, Departamento de História, Arqueologia da Universidade do Algarve, Faro, p.103.

<sup>166</sup> MANGUCCI, António Celso (2007) – *Francisco Machado e a Oficina de Retábulos do Arcebispo de Évora*, in *Cenáculo*, Boletim on-line do Museu de Évora, n.º 2, em Dezembro de 2007. <http://museudevora.imc-ip.pt/pt-PT/Boletim/Cenaculo2/ContentDetail.aspx?id=129>

<sup>167</sup> LUCAS, Francisco (2004) - *O retábulo de S. Pedro na Igreja Matriz do Montijo. Breve notícia*, in *ARTIS*, Revista do Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras de Lisboa, n.º 3, p.369-378.

<sup>168</sup> FERREIRA, Sílvia Maria Cabrita Nogueira Amaral da Silva (2009) – *A Talha Barroca de Lisboa (1670 - 1720). Os Artistas e as Obras*, Doutoramento em História (Especialidade Arte, Património e Restauro), Vol. 2, Departamento de História, Faculdade de Letras Universidade de Lisboa, p.111.

- 1705 - Retábulo dedicado a Nossa Senhora da Glória – igreja do antigo Colégio de Nossa Senhora da Conceição, Santarém;<sup>169</sup>
- 1711 - Retábulo destinado à capela de Santa Ana - igreja do Convento do Carmo, Lisboa.<sup>170</sup>

:: Douradores ::

O douramento do retábulo da capela-mor da igreja matriz do Divino Espírito Santo do Montijo é da responsabilidade de José de Sousa de Figueiredo, dourador e morador na cidade de Lisboa, conforme documento da escritura de arrematação e obrigação realizada no ano de 1689, aos onze dias do mês de Abril com o Prior da Matriz, juntamente com os responsáveis da Confraria do Santíssimo, onde ajusta com o referido mestre a obra do douramento da tribuna da igreja matriz.<sup>171</sup>

Santos Marques, dourador residente em Lisboa, figura como fiador do mestre entalhador António Martins Calheiros, no contrato de ajuste para a obra do retábulo dedicado a São Pedro<sup>172</sup>, sendo o autor do douramento do referido retábulo.

:: Pedreiro ::

Manuel Pinheiro, mestre pedreiro morador na cidade de Lisboa, é referenciado numa escritura de obrigação e ajuste que faz com o Prior e o Procurador dos Oficiais da Igreja, tendo em vista a realização de pequenas obras de pedraria na Igreja Matriz, nomeadamente o arco da capela do Nome

---

<sup>169</sup> Este retábulo será acabado em 1709 pela oficina de Matias Rodrigues de Carvalho. LAMEIRA, Francisco (2006) – *O Retábulo da Companhia de Jesus em Portugal: 1619-1759*, Promontoria Monográfica – História da Arte 02, Departamento de História, Arqueologia da Universidade do Algarve, Faro, p.97.

<sup>170</sup> ANTT, *C.N.L.*, n.º 12A (actual n.º 1), Cx. 83, L.º 362, fls. 25 v.º-26, publicado por CARVALHO, Ayres de (1974) - *Documentário Artístico do Primeiro Quartel de Setecentos*, Exarado nas Notas dos Tabeliães de Lisboa, Braga, p.41.

<sup>171</sup> Arquivo Distrital de Setúbal, *Cartório Notarial de Aldeia Galega*, Livro de Notas n.º 11, fl. 68 v.º. Inédito. Documento 2 do Apêndice documental.

<sup>172</sup> Ver Documento 5 do Apêndice documental. Arquivo Distrital de Setúbal, *Secção Notarial de Aldeia Galega (Montijo)*, Livro 13, 1.º Ofício, Tabelião Francisco Cardoso e outros, de 14 de Julho de 1698 a 27 de Junho de 1701: fl. 242ª fl. 243

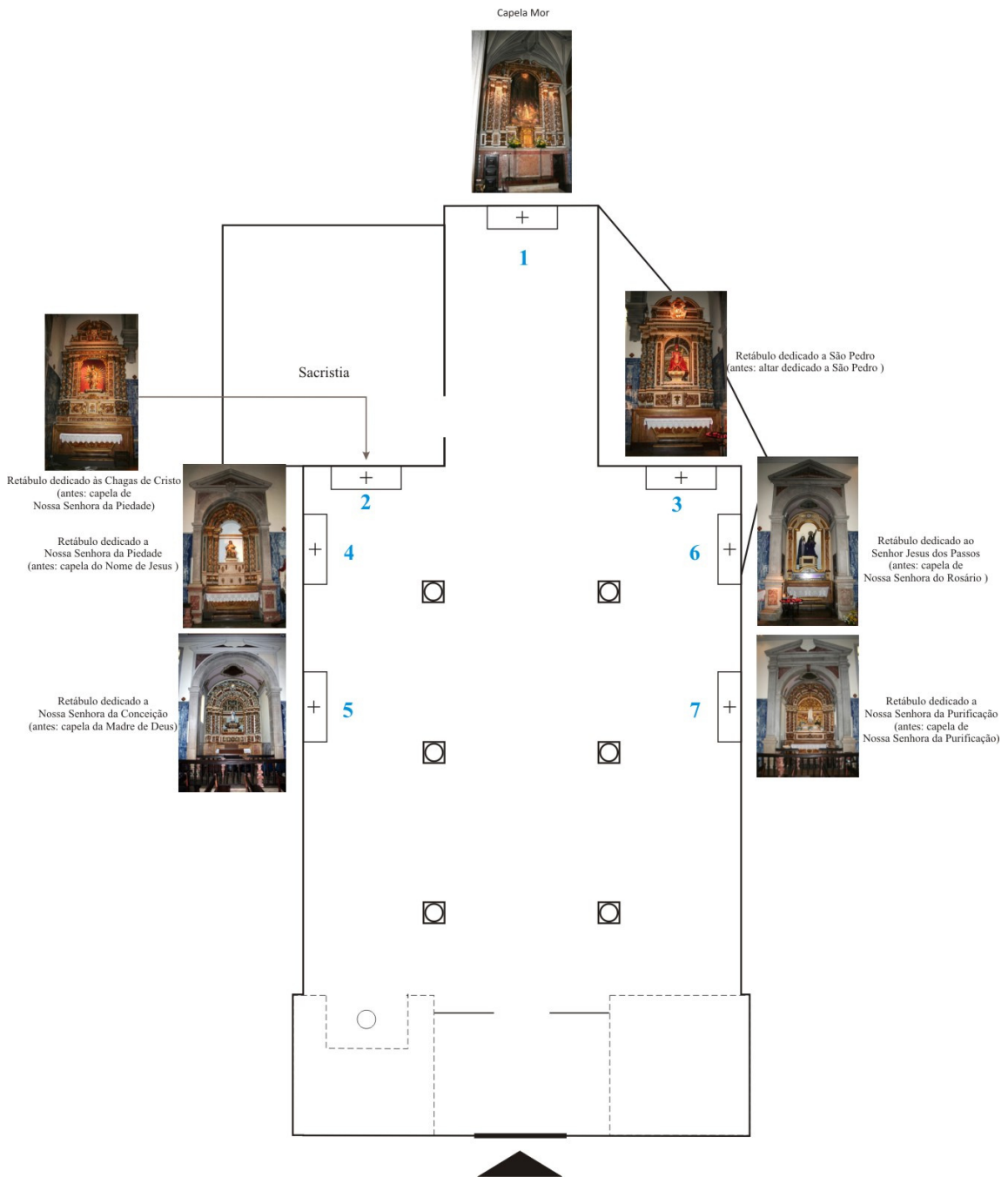
de Jesus – onde actualmente acolhe um retábulo sob a invocação de Nossa Senhora da Piedade – e um lavatório.

Apesar da sacristia da matriz do Montijo se apresentar acabada em 1634, o lavatório mencionado no documento de 1698 poderá ser o que hoje se acha neste espaço.

## **6 - CATÁLOGO**

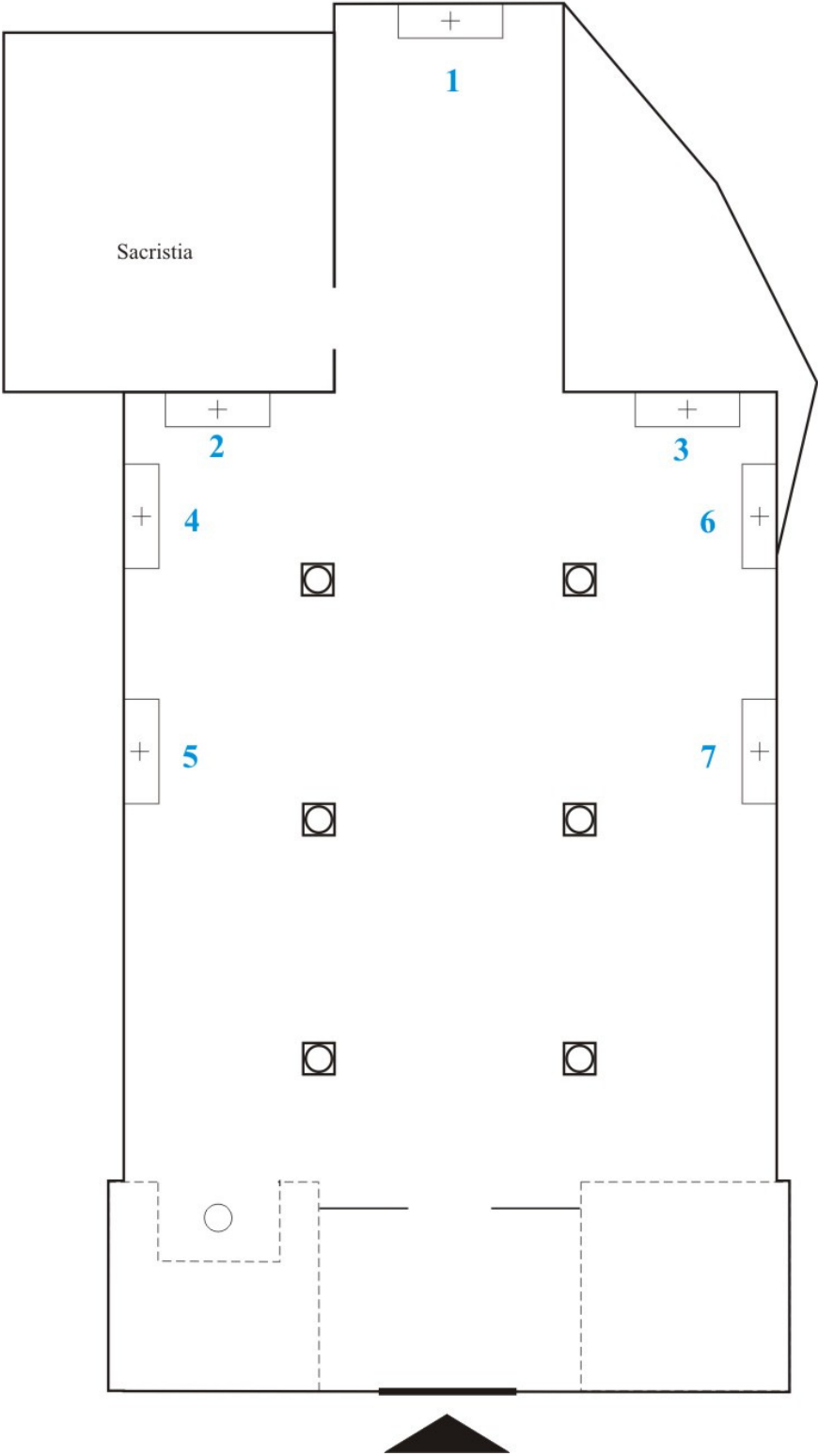


# Planta esquemática da igreja matriz do Divino Espírito Santo do Montijo





1 - Retábulo principal da igreja matriz do Divino Espírito Santo do Montijo





## **Retábulo principal da igreja matriz do Divino Espírito Santo do Montijo**

**Entalhe: Antes de 1689; douramento: 1689 – José de Sousa Figueiredo<sup>173</sup>**

Ocupa a totalidade da parede testeira da capela-mor. Foi executado pouco tempo antes de 1689. A 11 de Abril de 1689 foi feita a escritura de arrematação de ajuste da obra do douramento da tribuna da matriz entre o Prior da Matriz, juntamente com os responsáveis da Confraria do Santíssimo, e o mestre dourador José de Sousa Figueiredo, morador na cidade de Lisboa.

Exemplar eucarístico, que se integra na tipologia mais frequente: a de corpo único e um só tramo. Como especificidade, apresenta-se o ático cujo esquema compositivo é pouco usual.

De madeira entalhada, dourada e pintada de branco, apresenta planta plana, compondo-se de embasamento com duplo registo, de corpo único, um só tramo e ático.

Sotobanco em pedraria, mármore rosa e branco, cujas ilhargas são preenchidas por duas portas de madeira de acesso ao camarim.

No banco sobressai o sacrário monumental de planta em perspectiva convexa, avançado em relação à estrutura do retábulo, definido por dois pares de colunas torsas com cinco espiras totalmente revestidas por parras e cachos de uvas; a porta do sacrário exhibe uma cruz envolta em videira com cachos de uvas. O banco apresenta dois pares de mísulas que sustentam dois pares e colunas.

O corpo é definido por colunas torsas com sete espiras, revestidas por parras, cachos de uvas e fénix. Entre as colunas situam-se painéis decorados com folhagem de cardo. Ao centro destaca-se uma tribuna, com moldura decorada com parras e cachos de uvas, preenchida por um trono piramidal em degraus destinado à exposição do Santíssimo Sacramento; interior da tribuna com painéis entalhados e decorados com

---

<sup>173</sup> Arquivo Distrital de Setúbal, *Cartório Notarial de Aldeia Galega*, Livro de Notas n.º 11, folio 68 v.º. (inérito).

flores e outros elementos vegetalistas. Um painel pintado representando o Pentecostes, filiada da Oficina de Diogo Teixeira (séc. XVI)<sup>174</sup>, cobre a tribuna durante todo o ano à excepção do período Pascal para exposição solene do Santíssimo Sacramento, sendo depois novamente colocado.

O entablamento é interrompido pela tribuna, sendo o ático definido por um par de consolas e composto por segmentos de frontão curvo, com duas volutas, e cartela ao centro; as ilhargas apresentam um florão, um cacho de uvas e pintura de elementos vegetalistas. Friso que une os capitéis à cornija é profusamente decorado com folhas de cardo e pequenas cabeças de anjo.

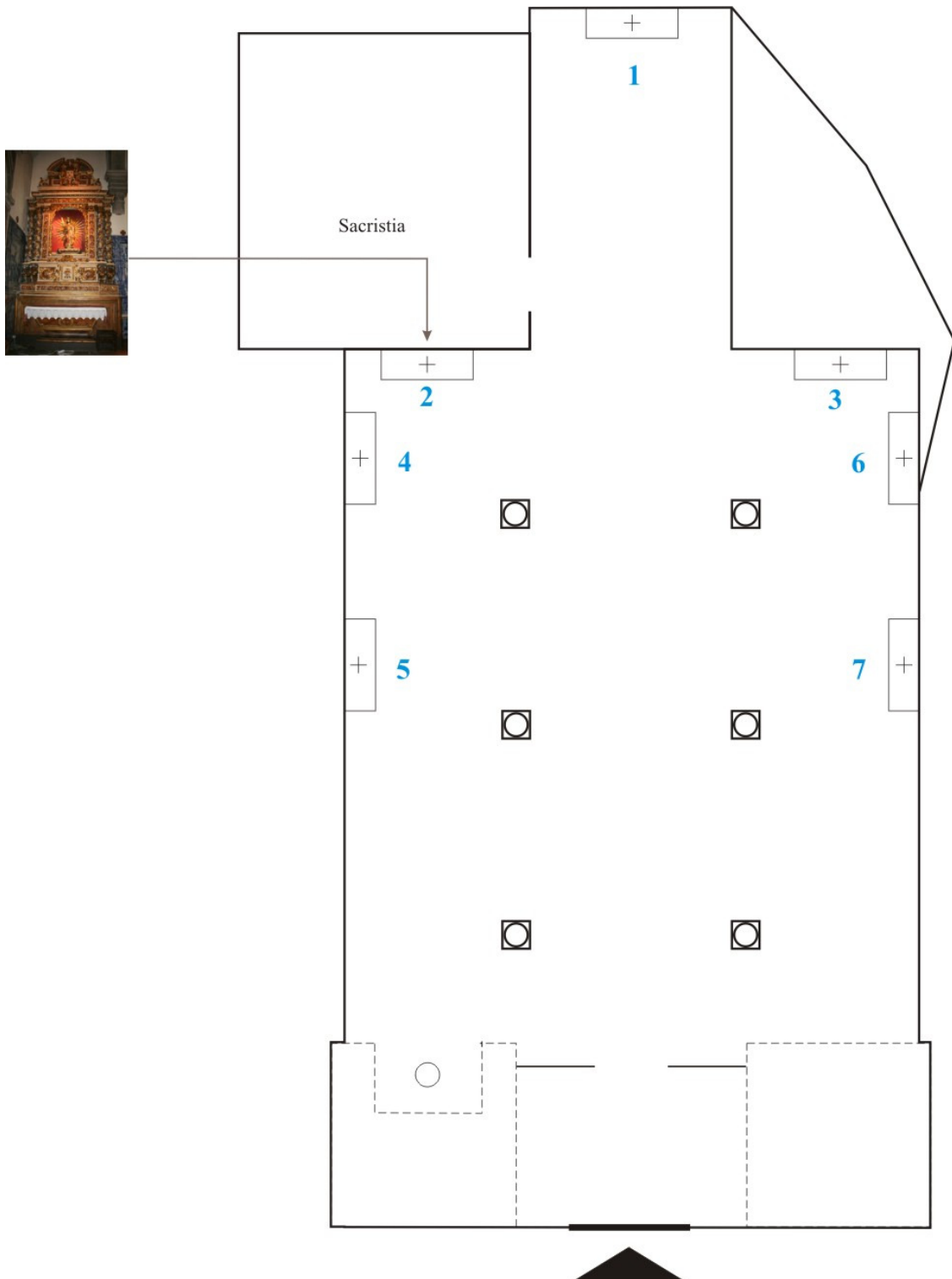
A Capela-mor abre para a nave principal por arco redondo, com a pomba do Espírito Santo no fecho. Encontra-se em bom estado de conservação.

---

<sup>174</sup> LUCAS, Francisco (2004) - O retábulo de S. Pedro na Igreja Matriz do Montijo. Breve notícia, in *ARTIS*, Revista do Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras de Lisboa, n.º 3, p. 372.

## 2 - Retábulo de Nossa Senhora da Piedade da igreja matriz do Divino Espírito

### Santo do Montijo





## **Retábulo de Nossa Senhora da Piedade da igreja matriz do Divino Espírito Santo do Montijo**

### **Entalhe: antes de 1701**

Localiza-se no frontispício da nave, do lado do Evangelho. Serviu de modelo ao outro retábulo colateral, ajustado em 1701. É possível atribuir o entalhe ao Mestre António Martins Calheiros, responsável pelo referido retábulo colateral.

Exemplar devocional a um único tema, que se integra na tipologia mais frequente: a de corpo único e um só tramo. Como especificidade, apresenta-se o ático cujo esquema compositivo é pouco usual; apresenta-se, ainda, o elemento decorativo presente nas duas pilastras, na parte inferior, cujo remate da folhagem de cardo aparece sob a forma de cabeça de animal - cão (?).

De madeira entalhada, dourada e com policromia, apresenta planta em perspectiva convexa, compondo-se de embasamento com duplo registo, corpo único, um só tramo e ático.

O banco, com porta de sacrário ao centro com representação do monograma de Cristo numa cartela, apresenta dois pares de mísulas decoradas com folhagem de cardo, que sustentam dois pares e colunas.

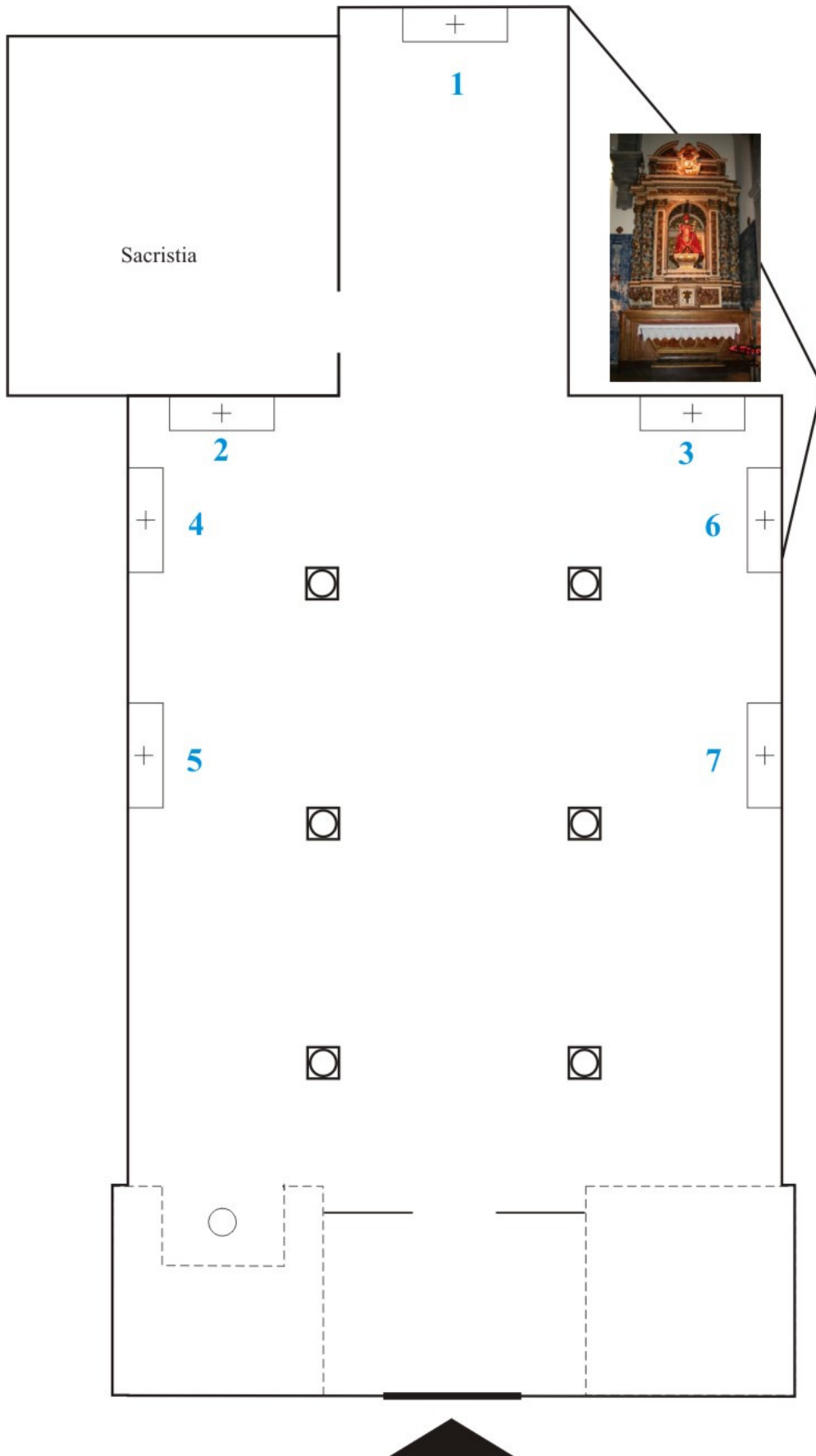
O corpo é definido por colunas torsas com sete espiras, revestidas por parras, cachos de uvas e fénix. Ao centro destaca-se uma tribuna emoldurada e ladeada por um par de pilastras decoradas com folhagem de cardo, com uma peanha onde se expõe a imagem de vulto perfeito do Sagrado Coração de Jesus (actual invocação) com resplendor dourado no interior do camarim.

O entablamento é contínuo e acompanha o dinamismo da planta do retábulo. Friso profusamente decorado com folhagem de cardo.

O ático é composto por segmentos de frontão curvo e ao centro sobressai uma cartela com as Cinco Chagas de Cristo, ornamentada com folhagem de cardo e rematada

por uma coroa de espinhos; apresenta, ainda, pintura com policromia com imitação de pedraria. Encontra-se em bom estado de conservação.

### 3 - Retábulo colateral da igreja matriz do Divino Espírito Santo do Montijo





## **Retábulo colateral da igreja matriz do Divino Espírito Santo do Montijo**

**Entalhe: 1701 – António Martins Calheiros; douramento: Santos Marques**

Localiza-se no frontispício da nave, do lado da Epístola. Foi mandado executar no dia 24 de Fevereiro de 1701 tendo sido feita a escritura de contrato da obra entre a Confraria do Bem-Aventurado São Pedro e o mestre António Martins Calheiros, morador na cidade de Lisboa.<sup>175</sup>

Exemplar devocional a um único tema, que se integra na tipologia mais frequente: a de corpo único e um só tramo. Como especificidades apresentam-se o ático cujo esquema compositivo é pouco usual e o elemento decorativo presente nos painéis que ladeiam o sacrário, cujo remate da folhagem de cardo surge sob a forma de um peixe – golfinho (?) – nos cantos inferiores dos painéis junto à porta do sacrário.

De madeira entalhada, dourada e com policromia, apresenta planta em perspectiva convexa, compondo-se de embasamento com duplo registo, corpo único, um só tramo e ático.

Segue a composição do já referido retábulo colateral, exceptuando a decoração da porta de um sacrário, ao centro, com representação de um pelicano alimentando os filhos, alusão à Eucaristia.

Ao centro, na tribuna, uma peanha onde se expõe a imagem de vulto perfeito de São Pedro, vestido de Pontifical. O interior é revestido por painéis entalhados decorados com flores e folhagem.

No ático, ao centro, medalhão representando «A Barca de Pedro» emoldurado por motivos vegetalistas e encimado por uma vieira.<sup>176</sup> Encontra-se em bom estado de conservação.

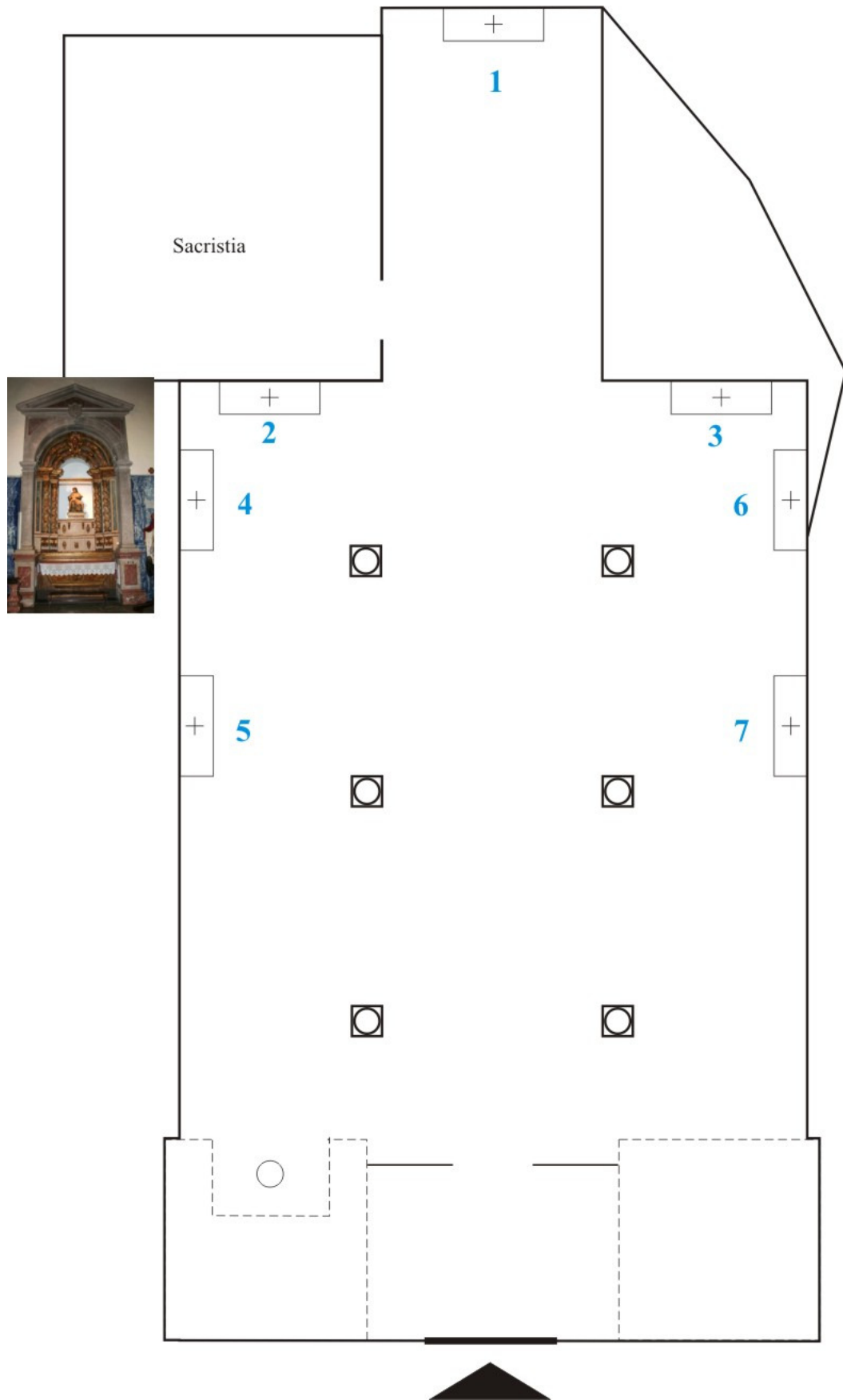
---

<sup>175</sup> LUCAS, Francisco (2004) - *O retábulo de S. Pedro na Igreja Matriz do Montijo*. Breve notícia, in *ARTIS*, Revista do Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras de Lisboa, n.º 3, p. 373.

<sup>176</sup> *Idem*, p. 375.



**4 - Retábulo lateral da igreja matriz do Divino Espírito Santo do Montijo**  
**(capela do Nome de Jesus)**





## **Retábulo lateral da igreja matriz do Divino Espírito Santo do Montijo**

### **Entalhe: primeiro quartel do século XVIII**

Localiza-se numa capela lateral, da nave, do lado do Evangelho.

Exemplar devocional a um único tema, que se integra na tipologia mais frequente: a de corpo único e um só tramo. De madeira entalhada dourada e pintada a fingir pedraria/marmoreados, apresenta planta em perspectiva côncava, compondo-se de banco, corpo único, um só tramo e ático.

O banco apresenta dois pares de mísulas decoradas com folhagem de cardo, que sustentam os dois pares de colunas.

O corpo é definido por um par de pilastras e dois pares de colunas torsas com sete espiras, rematadas por arcos salomónicos concêntricos. Ao centro uma tribuna com uma peanha onde se expõe a imagem de vulto perfeito de Nossa Senhora da Piedade, do século XVII.<sup>177</sup>

O entablamento restringe-se aos elementos arquitectónicos. O ático é composto por uma arquivolta plena e por dois arcos salomónicos concêntricos, cortados transversalmente por duas aduelas; ao centro sobressai uma cartela.

O retábulo está integrado numa capela definida por portal com arco de volta perfeita, com frontão triangular que exhibe, ao centro, uma cartela com a inscrição IHS.

Encontra-se em mau estado de conservação, necessitando de intervenção ao nível do banco, nomeadamente no suporte das colunas.

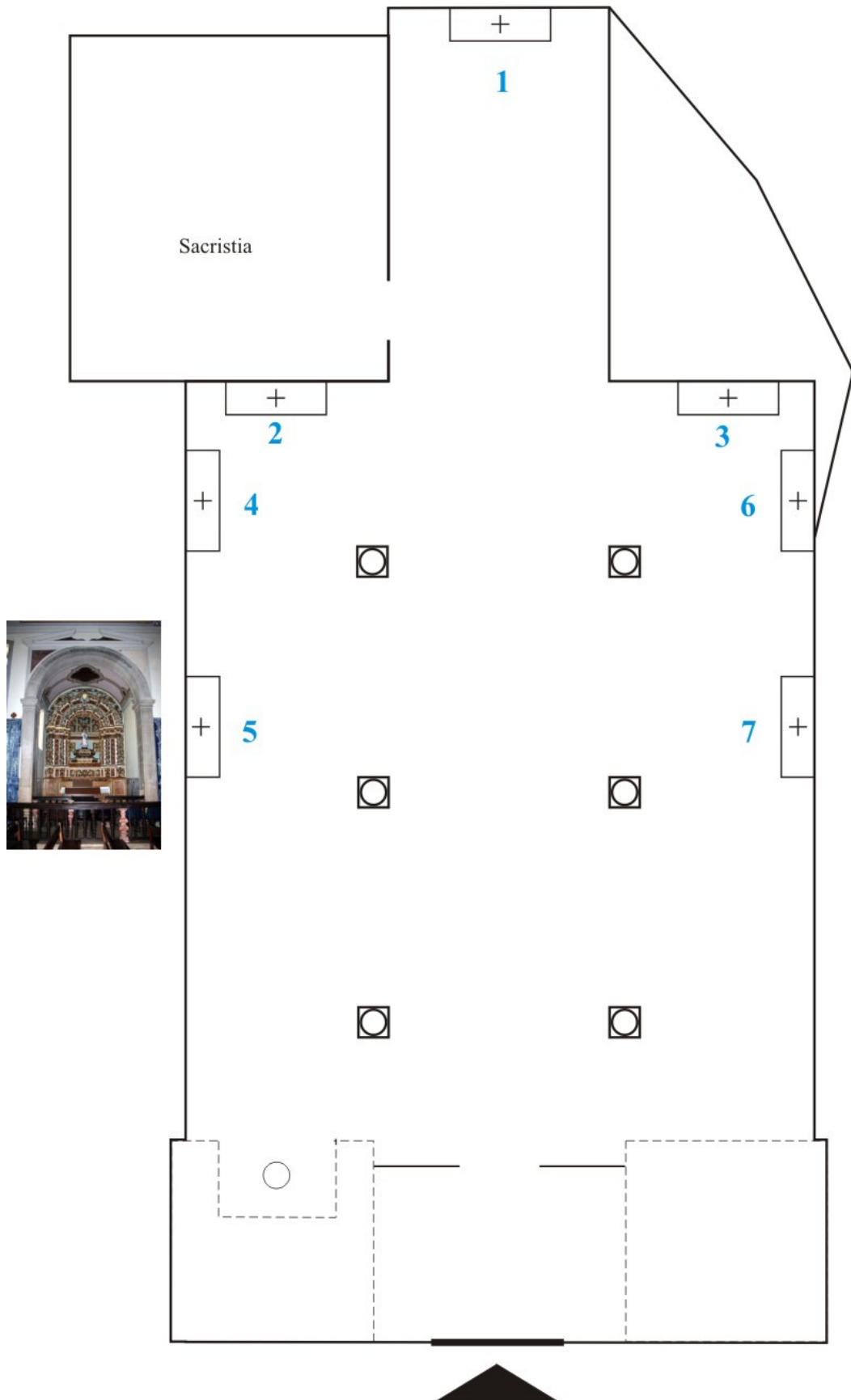
---

<sup>177</sup> CARVALHO, Rosário Salema de... [et al.] (2009) - *Património artístico-cultural do Montijo*, Lisboa, Ed. Colibri, Câmara Municipal de Montijo, p. 88.



## 5 - Retábulo lateral da igreja matriz do Divino Espírito Santo do Montijo

(capela da Madre de Deus)





## **Retábulo lateral da igreja matriz do Divino Espírito Santo do Montijo**

**Entalhe: cerca de 1695. Francisco Machado<sup>178</sup>**

Localiza-se numa capela lateral, da nave, do lado do Evangelho. Foi ajustada no dia 20 de Junho de 1695 a escritura de fiança de obra por parte do mestre carpinteiro Manuel Cardoso, ficando este por fiador do mestre Francisco Machado na obra deste retábulo.

Exemplar devocional a um único tema, que se integra na tipologia mais frequente: a de corpo único e um só tramo. De madeira entalhada, dourada e com policromia, apresenta planta em perspectiva côncava, compondo-se de embasamento com duplo registo, corpo único, um só tramo e ático.

O banco apresenta dois pares de mísulas decoradas com folhagem de cardo, que sustentam dois pares de colunas torsas com sete espiras, revestidas por parras, cachos de uvas e fénix e dois pares de pedestais que suportam as pilastras decoradas com folhagem de cardo.

Ao centro destaca-se um camarim, emoldurado por pilastras decoradas com folhagem de cardo e arquivolta plena, com um trono com dois degraus onde se expõe a imagem de vulto perfeito de Nossa Senhora da Conceição; o interior do camarim é em painéis, de madeira entalhada, decorados com folhagem de cardo.

O entablamento restringe-se aos elementos arquitectónicos sendo o ático composto dois arcos plenos, salomónicos, concêntricos e duas arquivoltas, cortados transversalmente por quatro aduelas decoradas com duas cabeças de anjinho; na parte central exhibe uma cartela suportada por dois meninos anjos, com o monograma de

---

<sup>178</sup> Arquivo Nacional da Torre do Tombo, *Cartório Notarial de Lisboa*, n.º 11 (actual n.º 3), caixa 91, Livro 362, fls. 30-30v.º. 20 de Junho de 1695; Escritura de fiança de obra por parte do mestre carpinteiro Manuel Cardoso, o qual fica por fiador de Francisco Machado na obra do retábulo de Nossa Senhora da Conceição da Igreja Matriz de Vila Galega.

Maria – MA – e uma estrela. O tecto da capela apresenta uma pintura do monograma de Maria – MA – encimado com uma coroa real.<sup>179</sup>

A data de 1575<sup>180</sup> aparece como a da edificação da capela, pelos homens mareantes da vila, conforme se lê na inscrição do arco.

Encontra-se em bom estado de conservação.

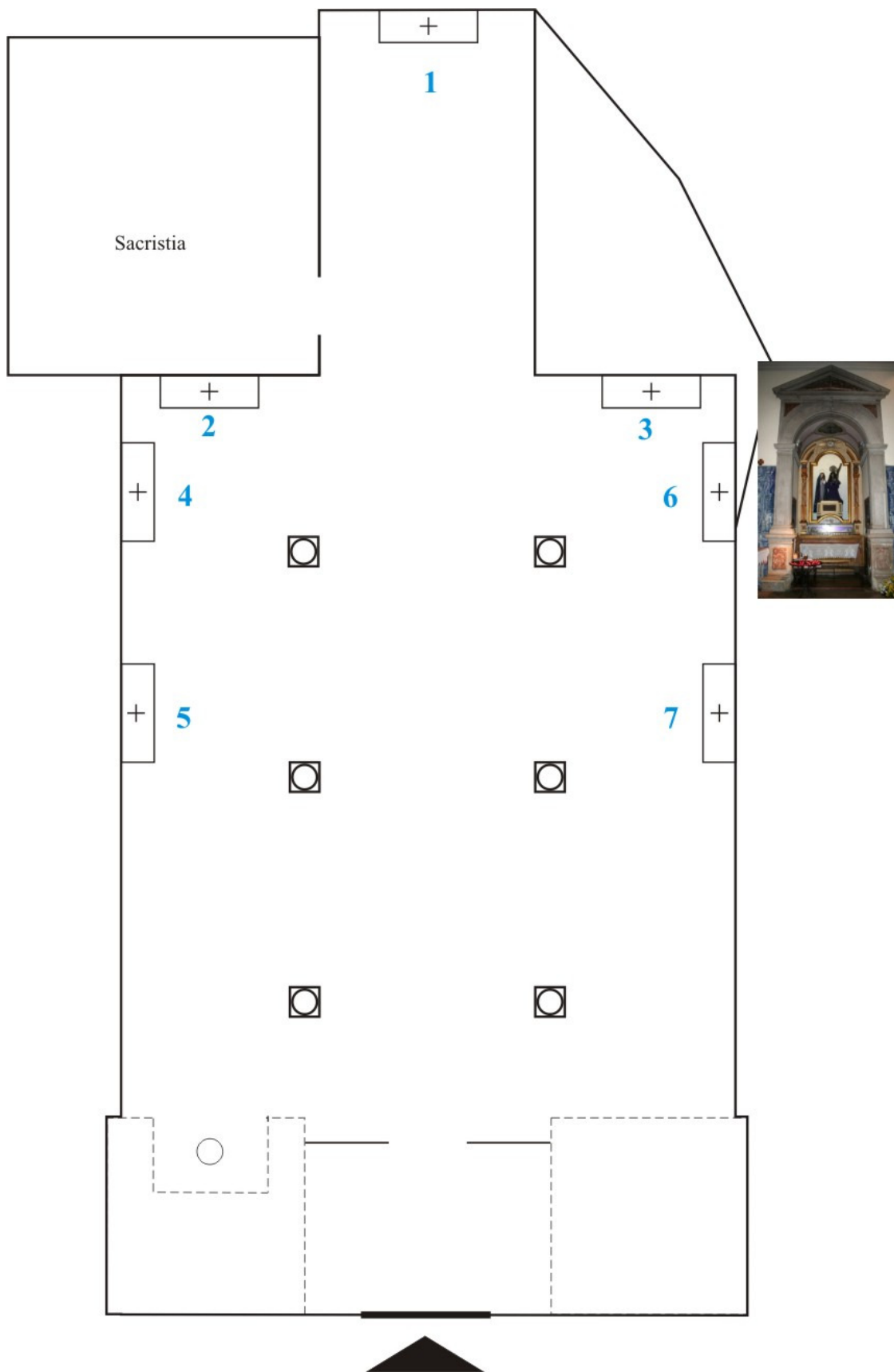
---

<sup>179</sup> “*Em Vila Viçosa D. João IV, filho dedicado e obediente da Santa Igreja e devotíssimo da Virgem da Conceição, perante a imagem de Nossa Senhora da Conceição ofereceu Portugal à Mãe Imaculada de Jesus, depondo a coroa real aos pés da Rainha do Céu que, doravante, seria também a Rainha de Portugal. A que era somente Padroeira de Vila Viçosa passou a ser Padroeira de Portugal.*”. <http://www.cm-vilavicosas.pt>

<sup>180</sup> “*Apesar da data, cremos que esta capela tenha sido construída apenas no contexto da reforma seiscentista, uma vez que, em 1575, não existiam ainda as naves laterais.*”. CARVALHO, Rosário Salema de... [et al.] (2009) - *Património artístico-cultural do Montijo*, Lisboa, Ed. Colibri, Câmara Municipal de Montijo, p.35.

**6 - Retábulo lateral da igreja matriz do Divino Espírito Santo do Montijo**

**(anteriormente: capela de Nossa Senhora do Rosário)**





## **Retábulo lateral da igreja matriz do Divino Espírito Santo do Montijo**

**Entalhe: século XIX**

Localiza-se numa capela lateral, da nave, do lado da Epístola.

Exemplar devocional a um único tema, que se integra na tipologia mais frequente: a de corpo único e um só tramo. De madeira entalhada, dourada e com imitação de pedraria, apresenta planta plana, compondo-se de embasamento com duplo registo, corpo único, um só tramo e ático.

O banco apresenta um par de pedestais, decorados com cartelas vazias, que sustentam um par de colunas em pedraria fingida, com o terço inferior diferenciado – com caneluras douradas. Ao centro, um cenotáfio onde se exhibe uma escultura de vulto perfeito do Senhor Morto.

O corpo é definido pelo par de colunas. Ao centro destaca-se um nicho, com moldura dourada simples, com pedestal onde se expõem as imagens de vulto perfeito do Senhor Jesus dos Passos e de Maria, sua mãe.

O entablamento restringe-se aos elementos arquitectónicos, sendo o ático composto dois arcos interrompidos pelo elemento que exhibe ao centro: a inscrição INRI em resplendor.

Este altar, anteriormente dedicado a Nossa Senhora do Rosário, aparece sob a invocação do Senhor Jesus dos Passos, em 1 de Outubro de 1818.<sup>181</sup>

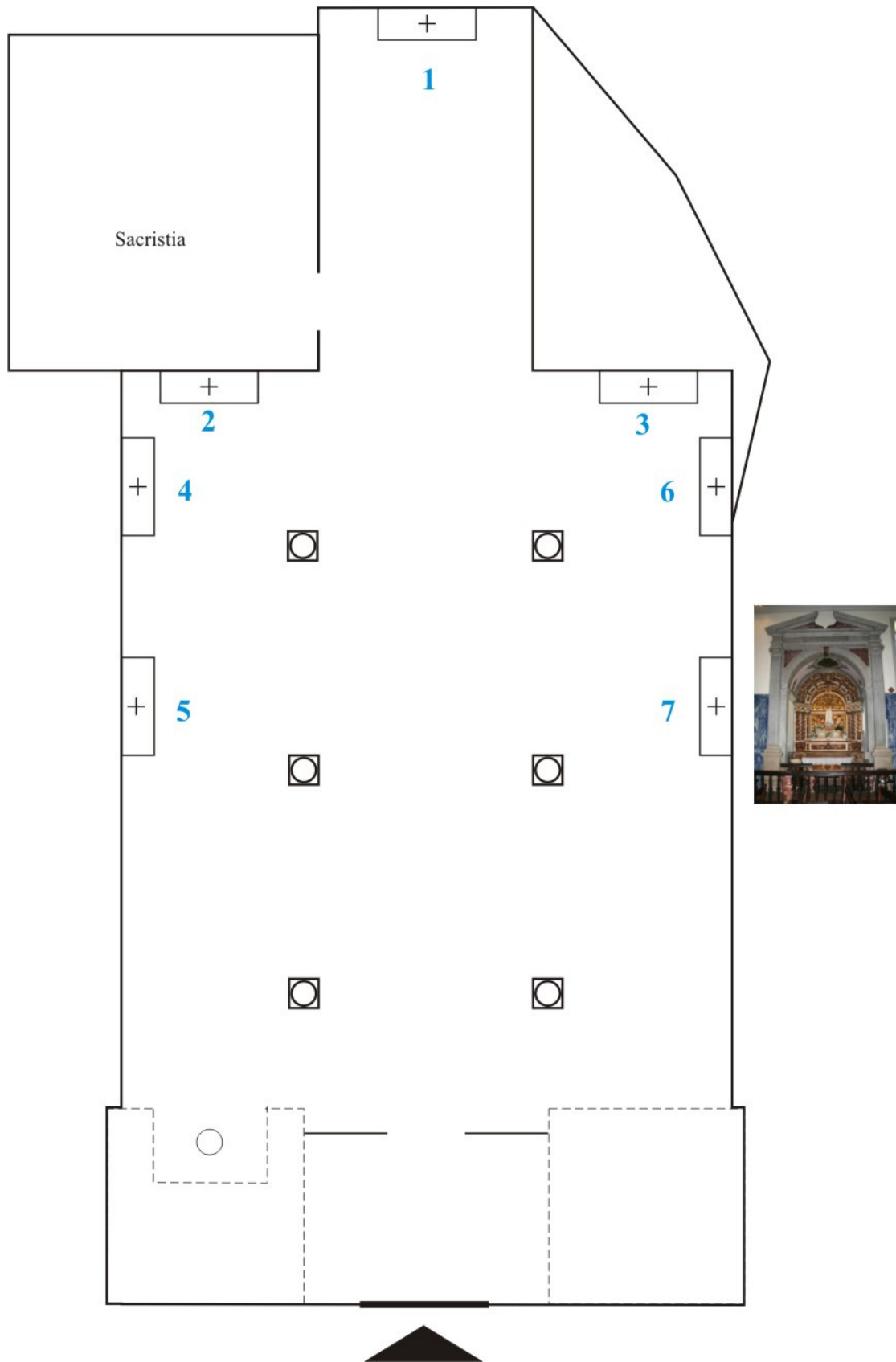
O retábulo integra-se numa capela com portal em arco de volta perfeita, com frontão triangular.

---

<sup>181</sup> LUCAS, Francisco (2004) - O retábulo de S. Pedro na Igreja Matriz do Montijo. Breve notícia, in *ARTIS*, Revista do Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras de Lisboa, n.º 3, p. 370.



**7 - Retábulo lateral da igreja matriz do Divino Espírito Santo do Montijo**  
**(capela de Nossa Senhora da Purificação)**





## **Retábulo lateral da igreja matriz do Divino Espírito Santo do Montijo**

**Entalhe: cerca de 1695**

Localiza-se numa capela lateral, da nave, do lado da Epístola. É contemporâneo do retábulo de Nossa Senhora da Conceição.

Exemplar devocional a um único tema, que se integra na tipologia mais frequente: a de corpo único e um só tramo. De madeira entalhada, dourada e com policromia, apresenta planta em perspectiva côncava, comendo-se de embasamento com duplo registo, corpo único, um só tramo e ático.

O banco apresenta dois pares de mísulas, decoradas com cabeças de anjinho e cartelas, que sustentam dois pares de colunas torsas com sete espiras, revestidas por parras, cachos de uvas e fénix; exhibe um par de pedestais que suportam as pilastras.

O corpo é definido por um par de pilastras decoradas com folhagem de cardo e florões. Ao centro destaca-se um camarim, emoldurado pelas pilastras, com dois degraus onde (actualmente) se expõe a imagem de vulto perfeito de Nossa Senhora da Fátima; o interior do camarim em painéis de madeira entalhada, decorados com folhagem de cardo.

O entablamento restringe-se aos elementos arquitectónicos sendo o ático composto dois arcos plenos salomónicos concêntricos e uma arquivolta, cortados transversalmente por quatro aduelas decoradas com pequenas cartelas; ao centro exhibe uma cartela, decorada com folhagem de cardo, com um sol – atributo de Maria – encimada por coroa real. O tecto da capela apresenta uma pintura do monograma de Maria – MA.

A capela foi edificada em 1607, pelos *homens trabalhadores desta vila*, conforme se lê na lápide existente no friso do frontispício da capela.

Encontra-se em bom estado de conservação.



## 7 - Conclusões

A importância deste trabalho reveste-se no seu contributo para um estudo integrado da igreja matriz do Divino Espírito Santo, a par dos estudos existentes orientados para determinadas matérias e expressões relativas a este mesmo templo; sobretudo, no interesse da abordagem direccionada aos retábulos e da realização do respectivo inventário, com o objectivo de dar a conhecer e cooperar na valorização e salvaguarda deste património que ainda é pouco 'estimado'.

A igreja matriz do Divino Espírito Santo do Montijo encerra uma história tão rica quanto a própria cidade, ora não estivessem elas (as histórias) tão intimamente ligadas, quer ao nível da estruturação do espaço urbano/físico, quer na edificação do imóvel, quer nas vivências (profissionais e espirituais) da comunidade.

Em terras da Ordem de Santiago foi edificado entre finais do século XV e inícios do século XVI o primitivo templo, a expensas da população, devido ao então mestre da ordem ter recusado o projecto.

A importância de Aldeia Galega no contexto da região veio a consolidar-se com o estatuto de matriz alcançado pela igreja do Espírito Santo.

O primitivo modesto templo erguido a expensas da população, entre finais do século XVI e a década de 30 do século XVII, tendo em vista dar o prestígio e dignidade que convinha á matriz de uma vila com a importância e o desenvolvimento económico que então se fazia sentir, foi transformado num dos mais importantes e eruditos monumentos do território da Ordem de Santiago.

Apresentam-se seguidamente as conclusões a que se chegou, relativamente aos retábulos, no decurso da realização deste trabalho.

No que respeita aos usos e funções, os retábulos da igreja matriz do Divino Espírito Santo do Montijo apresentam um espécimen com usos e funções eucarísticas - o retábulo da capela-mor e os restantes seis exemplares são devocionais a um só tema: localizam-se no corpo da igreja, três no lado do Evangelho – um cristífero (Chagas de Cristo) e dois marianos (Nossa Senhora da Piedade e Nossa Senhora da Conceição) - e os outros três no lado da Epístola – um hagiográfico (São Pedro), um cristífero (Senhor Jesus dos Passos) e um mariano (Nossa Senhora da Purificação).

Em relação à encomenda, as confrarias foram as responsáveis pelas encomendas dos retábulos, sendo comprovadas pela documentação o exemplar da capela-mor (Confraria do Santíssimo Sacramento), o dedicado a São Pedro (Confraria do Bem-Aventurado São Pedro), o de Nossa Senhora da Conceição (Irmandade de Nossa Senhora da Conceição). O que hoje está sob a invocação do Sagrado Coração de Jesus (primitivamente dedicado a Nossa Senhora da Piedade) e o inicialmente de dedicado ao Nome de Jesus que, actualmente, sob a invocação da Nossa Senhora da Piedade, poderão ter sido encomendados pelas confrarias de Nossa Senhora da Piedade e dos Fiéis de Deus, respectivamente, surgindo sedeadas na matriz em meados do século XVI, na relação de confrarias efectuada.

Quanto ao retábulo dedicado ao Senhor Jesus dos Passos (exemplar do século XIX) o menos significativo, desconhece-se qualquer informação sobre a encomenda ou que permita avançar algum potencial responsável. Anteriormente esta capela tinha um retábulo sob a invocação de Nossa Senhora do Rosário e em meados do século XVI esteve sedeadada na matriz uma confraria com a mesma denominação, devendo esta ter sido a responsável pela encomenda do anterior retábulo.

A tipologia utilizada nos retábulos da igreja matriz do Divino Espírito Santo do Montijo, quer no exemplar de função eucarística, quer nos de funções devocionais a um só tema, é a de corpo único e um só tramo.

Verifica-se em todos os retábulos da igreja matriz do Divino Espírito Santo do Montijo o uso privilegiado da madeira entalhada. Em relação às técnicas o douramento e a pintura a fingir pedraria/marmoreados são as presentes nos exemplares. Ao nível da imaginária verifica-se a aplicação de técnicas de pintura: carnação (pintura a imitar as carnes, sendo sobretudo utilizada no rosto e nas mãos) e o estofamento (com o objectivo de imitar os tecidos das vestes).

No que respeita às artes utilizadas para complementar o retábulo, na igreja matriz do Divino Espírito Santo destacam-se as seguintes modalidades artísticas: o azulejo, a pintura a fingir pedraria, a pintura sobre tela, a imaginária e o uso de pinturas parietais.

Os sete retábulos recenseados inserem-se no Barroco Pleno (seis exemplares) entre o final do século XVII e o início do século XVIII, com datas documentadas de 1689, 1695 e 1701, e no Revivalismo (um exemplar) datado de 1818.

Na questão da produção artística foram identificados e documentados trabalhos da autoria de Francisco Machado – mestre originário de Lisboa entretanto fixado em Évora – e António Martins Calheiros – com oficina activa em Lisboa. Foi ainda documentado o douramento da capela-mor executado pelo José de Sousa de Figueiredo, dourador e morador na cidade de Lisboa e o douramento realizado por Santos Marques do retábulo dedicado a São Pedro, também este profissional de Lisboa.

A presença de mão-de-obra exclusivamente do grande centro produtivo – cidade de Lisboa – nas diferentes fases de execução da obra e acabamentos, deve-se, por um lado à proximidade geográfica de Aldeia Galega (Montijo) com a cidade de Lisboa, por outro reforça o esforço de fazer da igreja matriz do Divino Espírito Santo um espaço com o prestígio e dignidade que convinha à matriz, actualizando-a esteticamente à luz dos paradigmas da época, situação empreendida ao longo das campanhas de obras e decorativas desde o início da edificação do templo.

Esta realidade verifica-se, ainda, ao nível da azulejaria e da pintura sobre tela, cujas autorias e atribuições recaem sobre nomes de artistas/profissionais de qualidade que desenvolveram muito trabalho ao serviço do reino.

## 8 - BIBLIOGRAFIA

### Fontes manuscritas

#### Arquivo Nacional da Torre do Tombo

Memórias Paroquiais de 1722/1832, Dicionário Geográfico de Portugal, Tomo 42, Suplemento 1722/1758, *Aldeia Galega* (de Ribatejo), Ribatejo 1758, n.º 11, p. 5

*Cartório Notarial de Lisboa*, n.º 11 (actual n.º 3), caixa 91, Livro 362, fls. 30-30v.º.

#### Arquivo Distrital de Setúbal

*Cartório Notarial de Aldeia Galega*, Livro de Notas n.º 11.

*Cartório Notarial de Aldeia Galega*, Livro de Notas n.º 12.

*Secção Notarial de Aldeia Galega (Montijo)*, Livro 13, 1.º Ofício.

### Fontes impressas

COSTA, A. C. (1706) – *Corografia Portuguesa e descrição Topográfica do famoso Reyno de Portugal*, Lisboa, Oficina Valentim da Costa Deslandes.

DIAS, Mário Balseiro (2006) – *Visitações e Provimentos da Ordem de Sant'Iago em Aldeia Galega de Ribatejo - Volume I, 1486-1537*, Ed. Autor, Montijo.

DIAS, Mário Balseiro (2006) – *Visitações e Provimentos da Ordem de Sant'Iago em Aldeia Galega de Ribatejo - Volume II, 1553-1571*, Ed. Autor, Montijo.

## **Bibliografia geral**

- AA.VV. (1989) – *História da Arte em Portugal*, 15 vols, Lisboa, Alfa.
- ALMEIDA, F. A. (2004) – *Roteiro do Concelho de Montijo: História, Património, Percursos*, Câmara Municipal de Montijo.
- AFONSO, Patrícia Cristina dos Reis Fonseca (2009) – *O Retábulo em Setúbal*, Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em História da Arte – especialização em História da Arte Portuguesa, Universidade do Algarve, Faro.
- ALMEIDA, Álvaro Duarte (Coord.); BELO, Duarte (Coord.) (2007) – *Portugal Património|Guia – Inventário*, Vol. VII, Círculo de Leitores, Lisboa.
- ALMEIDA, José António Ferreira de (Coord.) (1976) – *Tesouros Artísticos de Portugal*, Selecções do Rider's Digest, Lisboa.
- BALDRICO, J. & LUCAS, I (s.d.) – *Património Arquitectónico Religioso e Civil do Concelho de Montijo*. Texto Policopiado, Câmara Municipal de Montijo.
- CÂMARA, Maria Alexandra Trindade Gago da (Coord. Cient.); CARVALHO, Rosário Salema de; PIRES, Isabel (2008) – *O património azulejar no concelho de Montijo*, Lisboa, Ed. Colibri, Câmara Municipal de Montijo.
- CARVALHO, Ayres de (1962) – *D. João V e a arte do seu tempo*, Vol. II, Lisboa.
- CARVALHO, Ayres de (1974) - *Documentário Artístico do Primeiro Quartel de Setecentos*, Exarado nas Notas dos Tabeliães de Lisboa, Braga. 1974.
- CARVALHO, Rosário Salema de... [et al.] (2009) – *Património artístico-cultural do Montijo*, Lisboa, Ed. Colibri, Câmara Municipal de Montijo.
- CORREIA, José Eduardo Horta – “A arquitectura – Maneirista e estilo chão”, *História da Arte em Portugal*, Publicações Alfa, Vol. 7, Lisboa, 1986.
- CORREIA, José Eduardo Horta – *Arquitectura Portuguesa. Renascimento. Maneirismo. Estilo Chão*, Editorial Presença, Lisboa, 1991.

- CORREIA, Francisco (2001) – *Aldeia galega do Ribatejo: séculos XIII a XV*, Câmara Municipal de Montijo.
- ESPANCA, Túlio (1966) - *Inventário artístico de Portugal*, Concelho de Évora, Vol. 7º, Academia Nacional de Belas Artes, 1947-1966, Lisboa.
- FERREIRA, Sílvia Maria Cabrita Nogueira Amaral da Silva (2009) – *A Talha Barroca de Lisboa (1670 - 1720). Os Artistas e as Obras*, Doutoramento em História (Especialidade Arte, Património e Restauro), Departamento de História, Faculdade de Letras Universidade de Lisboa.
- GIL, Júlio (1989) – *As mais belas igrejas de Portugal*, vol. II, Lisboa.
- GRAÇA, Luís Maria Pedrosa dos Santos (2000) - *Montijo: festas populares do concelho*, Câmara Municipal do Montijo.
- LAMEIRA, Francisco – *O Retábulo em Portugal – Das origens ao declínio*, Promontoria Monográfica – História da Arte 01, Departamento de História, Arqueologia e Património da Universidade do Algarve e Centro de História da Arte da universidade de Évora, Faro, 2005.
- LAMEIRA, Francisco (2006) – *O Retábulo da Companhia de Jesus em Portugal: 1619-1759*, Promontoria Monográfica – História da Arte 02, Departamento de História, Arqueologia da Universidade do Algarve, Faro.
- LAMEIRA, Francisco (2007) – *O Retábulo no Algarve*, Promontoria Monográfica – História da Arte 03, Departamento de História, Arqueologia e Património da Universidade do Algarve e Região de Turismo do Algarve, Faro.
- LAMEIRA, Francisco (2009) – *Retábulos das Misericórdias Portuguesas*, Promontoria Monográfica – História da Arte 04, Departamento de História, Arqueologia e Património da Universidade do Algarve e União das Misericórdias Portuguesas, Faro.

- LAMEIRA, Francisco e SERRÃO, Vítor (2003) – “O Retábulo Protobarroco”, *Promontoria*, Vol. I, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve, Faro, Ano 1, nº 1.
- LAMEIRA, Francisco e SERRÃO, Vítor (2004) – “O retábulo em Portugal: o Barroco Pleno (1668-1713) ”, *Promontoria*, Vol. II, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve, Faro, Ano 2, nº 2.
- LUCAS, Francisco (2004) – O retábulo de S. Pedro na igreja matriz do Montijo. Breve notícia, in *ARTIS*, Revista do Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras de Lisboa, n.º3.
- LUCAS, Isabel Maria Mendes Oleiro (1992) – *Subsídios para a História do Concelho do Montijo: Cronologia Geral*, Câmara Municipal de Montijo.
- MANGUCCI, António Celso (2007) – Francisco Machado e a Oficina de Retábulos do Arcebispo de Évora, in *Cenáculo*, Boletim on-line do Museu de Évora, n.º 2, em Dezembro de 2007, em [www.museudevora.imc-ip.pt](http://www.museudevora.imc-ip.pt), Outubro de 2008.
- MECO, José (1980) – O pintor de azulejos Manuel dos Santos - Definição e análise da obra, *Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa*. Lisboa, 3.ª Série, n.º 86.
- MENDONÇA, R. (1956) – *Vila de Montijo: Estudo Histórico-Monográfico e Social*, Montijo.
- MOURA, Carlos (1993) – *História da Arte em Portugal – O limiar do barroco*, Publicações Alfa, Vol. 8, Lisboa.
- OLIVEIRA, César de (Direcção) (1996) – *História dos Municípios e do Poder Local I Dos finais da Idade Média à União Europeia*, Círculo de Leitores.
- PEREIRA, Paulo (Coord.) (1989) – *Dicionário da arte Barroca em Portugal*, Editora Presença, Lisboa.

- PEREIRA, E. & RODRIGUES, G. (1904) – *Portugal, Dicionário histórico, chorográfico, heráldico, biographico, bibliográphico, numismático e artístico*. Lisboa, Vol.1.
- RAMA, José de Sousa (2001) – *Coisas da Nossa Terra – Breves Notícias de Aldeia Galega do Riba-tejo*, Câmara Municipal de Montijo.
- SANTOS, Liliana Campeão dos (2008) – *Estratégias para o aproveitamento e valorização do Património de Montijo (Património Arqueológico, Construído, Industrial e Natural)*, Dissertação Final do Curso de Mestrado em Estudos do Património, Vols. I, II e III, Universidade Aberta.
- SERRÃO, Vítor (2002) – *História da Arte em Portugal: O Renascimento e o Maneirismo*, Vol. 3, Editora Presença, Lisboa.
- SERRÃO, Vítor (2003) – *História da Arte em Portugal: O Barroco*, Vol. 4, Editorial Presença, Lisboa.
- SIMÕES, João (2002) - *Arte e Sociedade na Lisboa de D. Pedro II: ambientes de trabalho e mecânica do mecenato*, Dissertação de Mestrado em História da Arte, Património e Restauro apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- SMITH, Robert (1962) – *A talha em Portugal*, Ed. Livros Horizonte, Lisboa.
- TEODORO, Miguel Ángel Vallecillo (1996) - *Retablística Alto Alentejana (Elvas, Villaviciosa y Olivenza) en los Siglos XVII-XVIII*, Universidad Nacional de Educación a Distancia, Centro Regional de Extremadura, Mérida.
- VALDEZ, José Joaquim d'Ascensão (coord.) (1909) - *Descrição da Igreja do Espírito Santo parochial da Villa de Aldeia Galega do Riba-Tejo*, Lisboa, Typ. da Casa da Moeda.
- KUBLER, George (1998) – *A Arquitectura Portuguesa Chã*, Vega, Lisboa.

## Fontes Electrónicas

AA. VV., *Inventário do Património Arquitectónico*, <http://www.monumentos.pt>

AA. VV., *IGESPAR*, <http://www.igespar.pt>

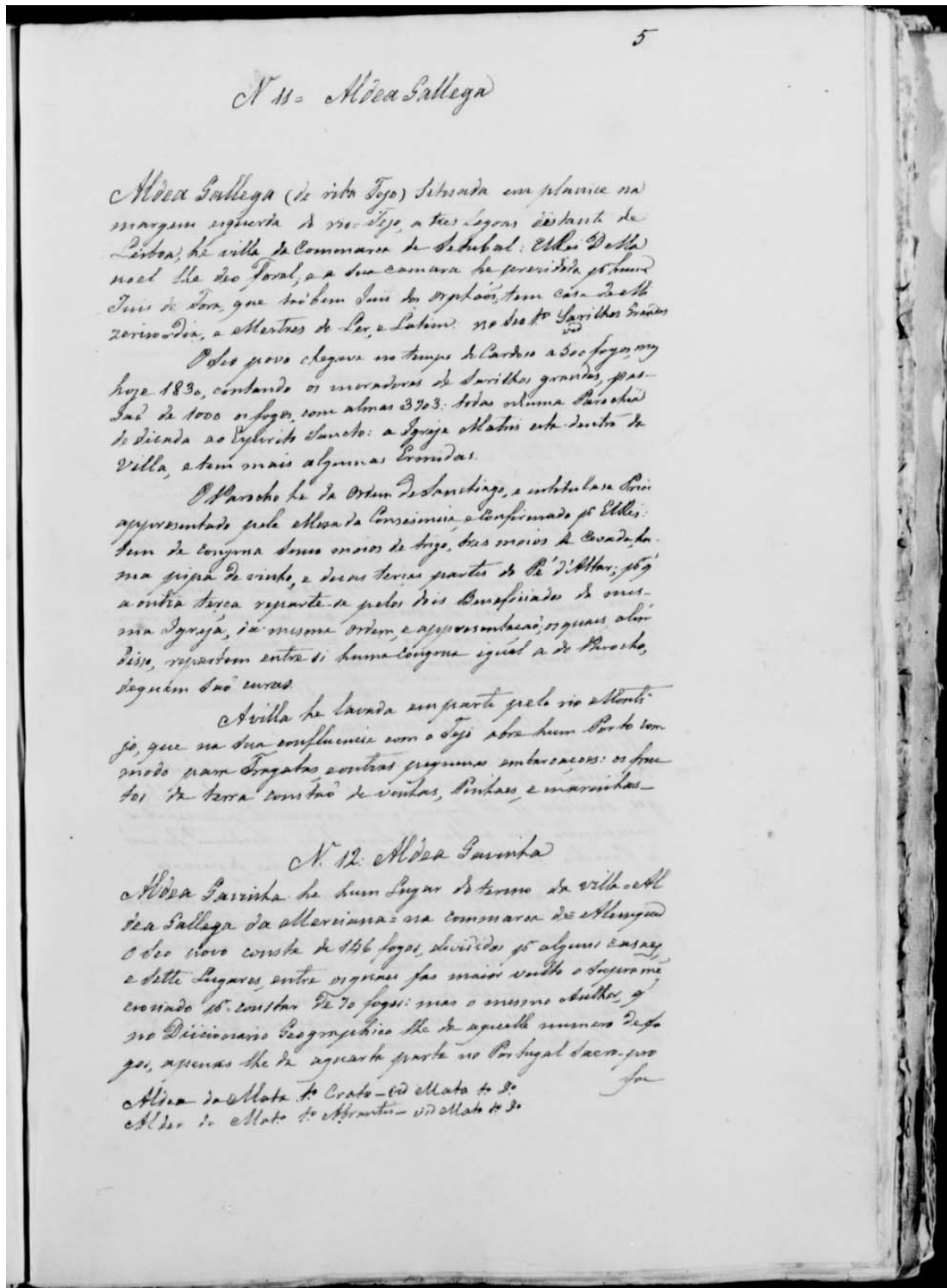
<http://www.mun-montijo.pt>

<http://www.paroquiadomontijo.com>

<http://www.infopedia.pt>

## **9 - APÊNDICE DOCUMENTAL**





N. 11. Aldeia Galega

Aldeia Galega (de Santa Fe) situada em planície na margem esquerda do rio Tejo, a tres legoas de Lisboa, he villa da Comarca de Setúbal. Ellea Villa noel He do Casal, e a sua camara he presidida por hum Juiz de Fora que tambem tem do Orçáo, tem casa de thezouraria, e allestros de Lei, e Letram. no He do Lavilho <sup>de</sup> <sup>de</sup>

Os seus povo chegou no tempo de Carlos a 500 fogos, no he 1830, contando os moradores de dous millos annos, passados de 1000 o fogos, com almas 3303. He de alguma Parochia de Santa do Espirito Santo: a Igreja Matriz esta Santa de Villa, e tem mais algumas Ermidas.

O Parochio he de Ordem de S. Domingos, e intitulado S. Maria apparellado pela allegata concessão e confirmado p. El Rey. tem de longura dous millos de he, das millos de Coad, ha ma igreja de vinho, e duas terras partes de de V. Alca. p. g. a outra terra reparte se pelo He Beneficiado de outra Igreja, de mesma Ordem e apparellado, e quasi alor disse, repartem entre si huma longura igual a de Parochio, seguem sua curas.

A villa he lavada em parte pela rio Alentejo, que na sua confluença com o Tejo abra hum Porto com modo para fragatas e outras pequenas embarcações: e ha for de terra com tno de vinhas, bexas, e marinhos.

N. 12. Aldeia Parisha

Aldeia Parisha he hum Lugar do termo da villa de Aldeia Galega da Aldeia de Alentejo: ora Comarca de Alentejo e deo povo consta de 156 fogos, divididos p. alguns casais e ditta lugares entre os quaes ha maior villa o deo nome cruzado de constar de 70 fogos: mas o mesmo ditta q. no Dicionario Geographico He de aquella munes deo go, apenas He de aqua parte no Portugal da m. pro

Aldeia de Alentejo de Crato - id Alentejo de de Alentejo de Alentejo - id Alentejo de de

## N 11 = Aldea Gallega

Aldea Gallega (de riba Tejo) situada em planicie na / margem esquerda do rio Tejo, a tres legoas distante de / Lisboa, he villa da Commarca de Setubal. El Rei D. Ma/noel lhe deo Foral, e a sua camara he presidida por hum / Juiz de Fora, que tão bem Suis dos orphãos; Tem Casa de Mi/zericordia, e mestres de Ler, e Latim. no s(...) 1.º(?) Sarilhos Grandes

O seu povo chegava no tempo do Cardoso a 500 fogos mas / hoje 1830, contando os moradores de sarilhos grandes, pas/são de 1000 os fogos com almas 3703: todas nhuma Parochia / dedicada ao Espirito Sancto: a Igreja Matris está dentro da Villa, e tem mais algumas Ermidas.

O Parocho he da Ordem de Santiago, e intitulase Prior / appresentado pela Mesa da Consciência e Confirmado por El Rei. / Tem de Congrua sinco moios de trigo, tres moios de cevada hu/ma pipa de vinho, e duas terças partes do Pé d'Altar; poq<sup>e</sup> / a outra terça reparte-se pelos dois Beneficiados da mes-/ma Igreja, da mesma ordem e appresentação os quais além / disso, repartem entre si huma Congrua igual a do Parocho, / de quem são curas.

A villa he lavada em parte pelo rio Monti/jo, que na sua confluência com o Tejo abre hum Porto com/modo para Fragatas e outras pequenas embarcações: os fruc/tos da terra constão de vinhas, Pinhaes e marinhas.

## **Documento 2**

Arquivo Distrital de Setúbal, *Cartório Notarial de Aldeia Galega*, Livro de Notas n.º 11, fl. 68 v.º.

Escritura de arrematação e obrigação que faz José de Sousa de Figueiredo, dourador e morador na cidade de Lisboa.

Resumo: No ano de 1689, aos onze dias do mês e Abril o Prior da Matriz, juntamente com os responsáveis da Confraria do Santíssimo, ajusta com o referido mestre a obra do douramento da tribuna da igreja matriz, pela quantia de 287 mil réis, pelo período de seis meses. Inédito.

## **Documento 3**

Arquivo Distrital de Setúbal, *Cartório Notarial de Aldeia Galega*, Livro de Notas n.º 12, fl. 232.

Escritura de obrigação e ajuste que faz o Prior, o Procurador dos Oficiais da Igreja, com Manuel Pinheiro, mestre pedreiro.

Resumo: Manuel Pinheiro, mestre pedreiro, morador na cidade de Lisboa, ajusta a feitura de pequenas obras de pedraria na Igreja Matriz, nomeadamente o arco da capela do Nome de Jesus e um lavatório, no ano de 1698 aos vinte e três dias do mês de Maio.



#### Documento 4

Arquivo Distrital de Évora, Livro 1026, fl. 32.

Contrato que fez o Arcebispo Dom Frei Luís da Silva com o entalhador Francisco Machado para execução do retábulo do altar-mor da igreja de Santo Antão de Évora.

*fl. 32*

*Contrato q[ue] fez o Ill.[ustríssi]mo S.[enh]or Arcbispo Dom frei Luiz / Da Sylva com Fran.[cis]co Machado Entalhador p.[ar]a fazer / o Retabollo do altar mor Da Igreiia de S.to Antao desta Cid.[ad]e [...]*

*No a/nno [...] de mil setecentos e hum annos / e o p.[rime]iro Dia do mês de Abril do d.[it]o anno nesta Cid.[ad]e de Evora nos pasos po/ntificais do Ill.mo e Ex.mo S.or D. frei Luiz da Sylva Arcbispo desta / d.[it]a Cid.[ad]e de Evora e todo seu Arcbisnado e do Conselho De El Rey N.[oss]o S.[enh]or / [...] onde eu t.ab[elião] adiante nomeado fui estando ahi prezente o d.[it]o / S.[enh]or e seo t.ab[elião] Reconheso e bem a fim estando mais prezente fr.[ancis]co / Machado Emtalhador e m.[orad]or nesta Cid.[ad]e na Rua do Raimondo [...] foi dito em minha prezensa e das tes.t[emunh]as adiante nomeadas e assignadas [...] estava ajustado avido e contratado [...] hum Retabolo p.[ar]a / o altar m.or Digo p.[ar]a a Capella mor Da Igreiia de St.o Antao com sua tribuna e / trono e Casa da tribuna forrada toda de entalhado e na mesma tribuna ha/de fazer huma coroa Empereal com seus Anjos E isso hade fazer tudo Comfor/me o Risco Delle d.[i]to Fran.[cis]co Machado havia apresentado ao d.[i]to Ill.[ustríssi]mo S.[enh]or Arci/bispo E no d.[i]to Risco ad.e acresemtar a d.[i]ta Coroa Emperial e os Anjos E ade fazer / hua porta na d.[i]ta tribuna E asim mais fara o acresentam[en].to q o d.[i]to S.[enh]or / Arcbispo mandou fazer e tudo por conta do d.[it]o Franc.[is]co Machado Entalhador [...] se obrigava como esse feito o obrigou a fazer o d.[it]o Retabolo [...] Conforme elle d.[i]to S.[enh]or tem ajustado / e isto sem falta [...] se obrigava fazer todo de pão de bordo desde / o prencipio [...] E se obrigava elle d.[i]to Arcbispo q fazendo o d.[it]o Fran.[cis]co Machado Entalhador a d.[it]a obra no d.[it]o / anno a lhe dar e bem pagar sinco mil Cruzados sob penna de nao fazen/do a d.[it]a obra Fran.[cis]co Machado dentro do tempo de hum anno perder / Duzentos e sincoenta mil Reis nao dando acabado no d.[it]o tempo [...]*

*fl. 32 v*

*[...] sendo prezentes M.[anu]el da Guerra port.ro da Casa do d.[it]o / S.[enh]or E amaro Dias [...] todos m.[orad]ores nesta Cid.[ad]e de Evora pe/soas q eu t.[od]as Reconheso e asinaram com o d.[it]o Ill.[ustríssi]mo e Ex.[celentíssi]mo S.[enh]or / e com o d.[it]o Fran.[cis]co Machado e eu D.[oming]os Nunes Moreno [...]*

[assinaturas] D. Frei Luis da Silva (?); Amaro Dias; Manoel da Guerra; Francisco Machado



## Documento 5

Arquivo Distrital de Setúbal, *Secção Notarial de Aldeia Galega (Montijo)*, Livro 13, 1.º

Ofício, Tabelião Francisco Cardoso e outros, de 14 de Julho de 1698 a 27 de Junho de

1701: fl. 242<sup>a</sup> fl. 243 v. in LUCAS, Francisco (2004) - O retábulo de S. Pedro na igreja matriz do Montijo. Breve

notícia, in *ARTIS*, Revista do Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras de Lisboa, n.º 3.

[fl. 242] *Escriptura de obrigaçam que faz António Martins Calheiros de fazer a tribuna de Sam Pedro desta Villa.*

*Em nome de Deos Amem. Saibam quantos este publico instrumento descriptura de obrigaçam e contrato virem que no anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil e settesentos e hum annos em os vinte e quatro dias do mês de fevereiro do ditto anno nesta villa de Aldagalega de Ribateio nos pousados de mim ahi compareceram presentes Antonio Martins Calheiros morador na cidade de Lisboa na Rua da boa viagem no chiado mestre entalhador isto de huma parte e de outra Manoel freire e Manoel Rodrigues Serrano e Manoel gomes Pombo escrivam e Procurador e thesoureiro de Confraria do bem aventurado Sam Pedro da Matrix desta ditto villa e em ella todos moradores e logo por elle ditto Antonio Martins Calheiros foi ditto a mim tabeliam presentes as testemunhas no fim desta assignadas que elle estava contratado com os dittos officiais da ditto Confraria de Sam Pedro desta ditto villa para lhe haver de fazer na Capella do ditto Santo huma tribuna de emtalho de madeira de Bordo por preço e quantia de sento e oitenta mil reis livres de todos os mais custos e com as mais obrigações seguintes a saber que elle ditto Antonio Martins Calheiros fará a ditto tribuna de emtalho em madeira de Bordo na forma ditto na forma de rascunho que os dittos officiais lhe derem que vem a ser na forma da tribuna da Capella de Nossa Senhora da Piedade da mesma Igreja acrecentandolhe dous palmos no pee direito*

*[...][fl. 242 v.] que o da tribuna da ditto Senhora e o pee direito passa assim o fará na forma do rascunho que lhe apresentaram os dittos officiais da ditto Confraria a qual tribuna se obrigava pôr antes de dia de natal do presente anno e isto pello ditto preço de sento e oitenta mil reis livres para elle ditto Antonio Martins Calheiros com tal condiçom que poria a ditto tribuna na ditto Capella a contento delles dittos officiais e Irmaos da ditto Confraria e na forma dos rascunhos que lhe apresentaram com tal condiçom que nam ficando a contendo delles dittos officiais na forma ditto se obrigava a desmontalla e fazella outra ves de novo a sua própria Custa e despaza sem por ipso pedir mais aos dittos officiais que a quantia acima declarada e com tal declaraçom que a madeira e obra da ditto tribuna seria somente obrigado elle Antonio Martins Calheiros a polla a borda dagoa na Ribeira da Cidade de Lisboa e o custo apsim de despachos como de carros que fizer na ditto cidade como para esta villa seria tudo por conta da ditto Confraria como apsim mais os mais custos que fizer apsim de por estas e mais couzas pertencentes a outros officios excepto a obra de madeira de Bordo da ditto tribuna apsim declarada a qual quantia dos dittos sento e oitenta mil reis*

*seriam elles dittos officiais obrigados a lhe entregar athe dia Natal próximo que vem deste prezente anno outropsim seriam obrigados elles dittos officiais a daremlhe caza em que se recolha quando vier a assentar a obra nesta villa e com estas condiçois e clauzullas nesta escriptura declaradas dizia elle dito*

*[fl. 243] Antonio Martins Calheiros [...] a ditta tribuna pello ditto tempo e preço de sento e oitenta mil reis pelo que prometia dar satisfaçam a ella e a todo o instramento desta escriptura se declara apsim por sua pepsoa e bens apsim presentes e futuros a que nada poria duvida alguma antes queria como ditto he se cumpra sempre e mantenha sua força e vigor em histo e fora delle e pondo alguma duvida o que nam faria queria e hera contente nam fopse ouvida em Juizo mas antes queira sempre dar satisfaçam agora para o que se desagrava depois de seu foro Leis e Liberdades o que se chamar popsa e queira responder em o Juizo geral desta villa e que outrossim que sendo cazo que elle obrigado nam acabe a ditta obra dentro no ditto tempo o Ter declarado os dittos officiais da ditta confraria a poderiam mandar fazer a custa delle ditto Antonio Martins Calheiros sem depois poder alegar por maior o custo do que a quantia atras declarada a que aonde obrigam os dittos senhores e pepsoa na forma ditta e pera mais segurança do que dipse me apresentou hua por seu fiador a santos Marques mestre dourador morador em o Campo de Santa Clara na cidade de Lisboa por hum escripto seu que apresentou que fica em poder dos dittos officiais que apsignaram em como o receberam o qual o theor delle he o seguinte // [...] por mim feito digo eu Santos Marques que eu abono ao Senhor Antonio Martins em todo o contrato que elle fizer o serviço da hobra de Sam Pedro cita na Igreja Matrix de Aldagallega e fico por fiador e principal pagador de todo o dinheiro que cobrou em Satisfaçam da hobra. Lisboa treze de fevereiro de mil settesentos e hum // Santos Marques // e nom dizia mais o ditto escripto a que me reporto e logo por estar presente o Capitam Antonio de Saa Carvalho e oliveira morador nesta villa por elle foi ditto perante mim tabeliam e a dittas testemunhas que elle se obrigava e abonava o ditto Santos Marques contheudo no ditto escripto e fiança apsim se obrigava a Cumprir tudo o que elle [...]*

*[fl. 243 v.] a cumprir tudo no dito escripto de fiança por elle declarado o que tudo obrigava psua pepsoa e promete responder no Juizo geral desta ditta villa sendo citados pello cumprimento desta escriptura a qual cumprira na forma ditta e por estarem presentes os dittos officiais da ditta Confraria Manoel freire mopço e Manoel Rodrigues Serrano e Manoel Gomes o Pombo por elles foi ditto que elles apceitavam a escriptura e condiçois e Clauzullas nella postos pello ditto Antonio Martins Calheiros são obrigaçam dos bens da ditta Confraria e apsim huns e outros outorgaram e mandarm fazer este instramento neste nothairo que desta se depsem os treslados necepsarios que o apsignaram sendo testemunhas presentes Joseph Lobo Pacheco escrivam nesta villa e Antonio Mendes Teixeira e Silvestre dos Reis André da Silva Alcaide moradores desta villa pepsoas conhecidas de mim tabeliam que dou minha fee serem os proprios aqui apsignados com o ditto Antonio Martins Calheiros que também reconheço e os dittos officiais e eu Antonio Mendes Pinheiro tabeliam de notas que o escrvi*

*[Assinaturas] Antonio Martins Calheiros – Manuel Gomes Pombo – Antonio Mendes Teixeira – Manuel Roiz Serrano – Silvestre dos Reis – António de Saa de Carvalho de Oliveira – Joseph Pacheco – Andre da Silva –.*



## Documento 6

Arquivo Nacional da Torre do Tombo, *Cartório Notarial de Lisboa*, n.º 11 (actual n.º 3), caixa 91, Livro 362, fls. 30-30v.º.

Data: 20 de Junho de 1695

Escritura de fiança de obra por parte do mestre carpinteiro Manuel Cardoso, o qual fica por fiador de Francisco Machado na obra do retábulo de N.ª Sr.ª da Conceição da Igreja Matriz de Vila Galega.

Resumo: Na cidade de Lisboa e Paço dos tabeliães, Manuel Cardoso, mestre carpinteiro, como fiador do mestre entalhador Francisco Machado, obriga-se por uma escritura de fiança a assumir os encargos que poderão advir do não cumprimento do contrato de obra que Francisco Machado ajustou com a Irmandade de Nossa Senhora da Conceição da igreja matriz de Vila Galega “da banda dalém”. O documento refere que a escritura de ajuste da obra de talha foi efectuada nas notas do tabelião Francisco Cardoso na Aldeia Galega.

Ficamos a saber que a irmandade referida não adiantaria nenhuma verba ao mestre entalhador enquanto este não apresentasse um fiador. É neste contexto que surge esta obrigação de fiança, como condição necessária para que o contrato de talha pudesse prosseguir e ter efeito.

Pormenores sobre a obra, duração da mesma ou custo não são referidos neste contrato. De facto, informa-nos por via indirecta da existência de um contrato para a obra de talha.



## **10 - APÊNDICE FOTOGRÁFICO**



## Índice de imagens

Fig.1 - Fotografia do Livro de Foral Manuelino concedido a Aldeia Galega em conjunto com Alcochete, de 17 de Janeiro de 1515. Fonte: SANTOS, Liliana Campeão dos (2008), Vol. I, Anexo I, p.9.

Fig.2 – Gravura de Aldeia Galega no século XVII. Fonte: *Subsídios para a História do Concelho do Montijo: Cronologia Geral*, p.83.

Fig.3 – Mapa de localização do Concelho do Montijo.

Fig.4 – Mapa com a divisão administrativa actual do Concelho do Montijo por freguesias. Zonas Oeste e Este. Fonte: <http://www.mun-montijo.pt>

Fig.5 – Vista aérea de Montijo. Fonte: <http://maps.google.pt>

Fig.6 – Vista aérea do enquadramento urbano e localização da igreja matriz do Divino Espírito Santo. Fonte: <http://maps.google.pt>

Fig.7 – Fotografia da igreja matriz (início século XX). Fonte: *Subsídios para a História do Concelho do Montijo: Cronologia Geral*, p.95.

Fig.8 – Vista geral da igreja matriz (Junho 2011). Fotografia: Jorge Manhita.

Fig.9 – Vista aérea da planimetria. Fonte: <http://maps.google.pt>

Fig.10 – Vista Sul. Volumes escalonados com coberturas diferenciadas. Fotografia: Jorge Manhita.

Fig.11 – Vista Oeste. Fachada principal. Fotografia: Jorge Manhita.

Fig.12 – Vista do portal principal. Fotografia: Jorge Manhita.

Fig.13 – Vista Sul. Fachada lateral com portal. Fotografia: Jorge Manhita.

Fig.14 – Vista do portal lateral Sul. Fotografia: Jorge Manhita.

Fig.15 – Pormenor do portal lateral Sul. Fotografia: Jorge Manhita.

Fig.16 – Vista geral interior. Fotografia: Jorge Manhita.

Fig.17 – Vista geral interior. Fotografia: Jorge Manhita.

Fig.18 – Vista geral interior. Fotografia: Jorge Manhita.

- Fig.19 – Vista geral interior. Fotografia: Jorge Manhita.
- Fig.20 – Vistas gerais do revestimento azulejar da nave. Fotografias: Jorge Manhita.
- Fig.21 – Vistas gerais do revestimento azulejar da capela-mor. Fotografias: Jorge Manhita.
- Fig.22 – Pormenor do remate dos arcos da nave – vieiras. Fotografias: Jorge Manhita.
- Fig.23 – Vista geral das abóbadas da nave. Fotografia: Jorge Manhita.
- Fig.24 – Azulejos hispano-mouriscos provenientes da igreja matriz do Divino Espírito Santo, actualmente no acervo do Museu Municipal do Montijo. Fonte: *O património azulejar no concelho de Montijo*, p.22.
- Fig.25 – Azulejos de esquema enxaquetado simples – escada de acesso ao coro da igreja matriz do Divino Espírito Santo. Fonte: *O património azulejar no concelho de Montijo*, p.30.
- Fig.26 – Azulejos de esquema enxaquetado – capela da Madre de Deus da igreja matriz do Divino Espírito Santo. Fonte: *O património azulejar no concelho de Montijo*, p.31.
- Fig.27 – Revestimento interior, em azulejo de padrão, do guarda-vento. Fotografia: Jorge Manhita.
- Fig.28 – Pormenor central do revestimento azulejar do interior do guarda-vento da igreja matriz do Divino Espírito Santo. Fotografia: Jorge Manhita.
- Fig.29 – Painel figurativo alusivo à *Fuga* da capela de Nossa Senhora da Purificação. Fotografia: Jorge Manhita.
- Fig.30 – Painel figurativo *Sagrada Família pescando* da capela de Nossa Senhora da Purificação. Fotografia: Jorge Manhita.
- Fig.31 – Painel figurativo da *Apanha do maná no deserto* na capela-mor. Fotografia: Jorge Manhita.

Fig.32 – Painel figurativo da *Serpente de Bronze* na capela-mor. Fotografia: Jorge Manhita.

Fig.33 – Perspectiva do revestimento azulejar da nave da igreja – lado do Evangelho. Fotografia: Jorge Manhita.

Fig.34 – Perspectiva do revestimento azulejar da nave da igreja no – lado da Epístola. Fotografia: Jorge Manhita.

Fig.33a – Painel do *Coração da Virgem* no guarda-vento – lado do Evangelho. Fotografia: Jorge Manhita.

Fig.34a – Painel do *Casamento da Virgem* no guarda-vento – lado da Epístola. Fotografia: Jorge Manhita.

Fig.35 – Painéis figurativos da nave da igreja – vista geral do fundo. Fotografia: Jorge Manhita.

Fig.36 – Painel do *Batismo* na capela baptismal. Fotografia: Jorge Manhita.

Fig.37 – Painéis com albarradas e vasos floridos na sacristia. Fotografia: Jorge Manhita.

Fig.38 – Painéis com albarradas e vasos floridos no coro alto. Fotografia: Jorge Manhita.

Fig.39, fig.40 e fig.41 – Composições de azulejos de «figura avulsa» da sacristia: lareira, escadas e na parede atrás da porta, respectivamente Fotografia: Jorge Manhita.

Fig.42 – Floreira com composição de azulejos de «figura avulsa» no guarda-vento. Fotografia: Jorge Manhita.

Fig.43 – *Descida do Espírito Santo sobre os Apóstolos* (c.1607), pintura que cobre (durante a maior parte do ano) a tribuna do retábulo da capela-mor. Fotografia: Jorge Manhita.

Fig.44, fig.45, fig. 46 e fig.47 – Painéis pintados do tecto da sacristia. Fotografia: Jorge Manhita.

- Fig.48 e fig.49 – Tribuna com trono piramidal em degraus e sacrário do retábulo da capela-mor. Fotografia: Jorge Manhita.
- Fig.50 – Retábulo da capela-mor. Pormenor da tribuna com trono piramidal em degraus e sacrário. Fotografia: Jorge Manhita.
- Fig.51 – Retábulo colateral do lado do Evangelho dedicado a Cristo com referência às Cinco Chagas de Cristo; pormenor da cartela. Fotografia: Jorge Manhita.
- Fig.52 – Retábulo lateral do lado do Evangelho dedicado actualmente a Nossa Senhora da Piedade e pormenor da cartela com alusão a Cristo no frontão da capela de anterior dedicação ao Nome de Jesus. Fotografia: Jorge Manhita.
- Fig.53 – Retábulo lateral do lado da Epístola dedicado ao Senhor Jesus dos Passos. Fotografia: Jorge Manhita.
- Fig.54 – Retábulo lateral do lado do Evangelho dedicado a Nossa Senhora da Conceição e pormenores iconográficos. Fotografia: Jorge Manhita.
- Fig.55 – Retábulo lateral do lado da Epístola dedicado a Nossa Senhora da Purificação e pormenores iconográficos. Fotografia: Jorge Manhita.
- Fig.56 – Retábulo colateral do lado da Epístola dedicado a São Pedro e pormenor do medalhão no ático. Fotografia: Jorge Manhita.
- Fig.57, fig.58 e fig.59 – Especificidades dos áticos dos retábulos da capela-mor, do colateral do lado do Evangelho e do colateral do lado da Epístola. Fotografia: Jorge Manhita.
- Fig.60 – Ático composto por dois arcos torsos, de volta perfeita e concêntricos, cortados transversalmente por aduelas – retábulo de Nossa Senhora da Conceição. Fotografia: Jorge Manhita.
- Fig.61 – Pormenor decorativo da pilastra do retábulo colateral do lado do Evangelho em forma de cabeça de animal – cão (?). Fotografia: Jorge Manhita.

- Fig.62 – Pormenor decorativo do retábulo colateral do lado da Epístola em forma de cabeça de peixe – golfinho (?). Fotografia: Jorge Manhita.
- Fig.63 – Pintura a fingir pedraria no retábulo lateral do lado do Evangelho dedicado actualmente a Nossa Senhora da Piedade. Fotografia: Jorge Manhita.
- Fig.64 – Imagem de vulto perfeito de Nossa Senhora da Piedade, do século XVII. Fotografia: Jorge Manhita.
- Fig.65 - Imagem de vulto perfeito de São Pedro, vestido de Pontifical. Fotografia: Jorge Manhita.
- Fig.66 e fig.66a – Púlpito redondo em mármore rosa com porta-voz. Fotografia: Jorge Manhita.
- Fig.67 – Lavatório, em mármore rosa, da sacristia. Fotografia: Jorge Manhita.
- Fig.68 - Retábulo da capela-mor. Fotografia: Jorge Manhita.
- Fig.69 – Tribuna do retábulo da capela-mor coberta com tela. Fotografia: Jorge Manhita.
- Fig.70, fig.71, fig.72, fig.73 e fig.74 – Colunas torsas com sete espiras com fuste totalmente revestido por cachos de uvas, parras, fénix. Fotografia: Jorge Manhita.
- Fig.75, fig.76 e fig.77 – Áticos de volta perfeita e concêntricos, cortados transversalmente por aduelas. Fotografia: Jorge Manhita.
- Fig.78 – Revestimento dourado aplicado na quase totalidade do retábulo. Fotografia: Jorge Manhita.
- Fig.79 - Aplicação nos retábulos de madeira de revestimentos pictóricos a fingir pedraria. Fotografia: Jorge Manhita.
- Fig.80 – Retábulo dedicado ao Senhor Jesus dos Passos. Fotografia: Jorge Manhita.





Fig.1 - Fotografia do Livro de Foral Manuelino concedido a Aldeia Galega em conjunto com Alcochete, de 17 de Janeiro de 1515.

Fonte: SANTOS, Liliana Campeão dos (2008), Vol. I, Anexo I, p.9.





Fig.2 – Gravura de Aldeia Galega no século XVII.

Imagem retirada de *Subsídios para a História do Concelho do Montijo: Cronologia Geral*, p.83.



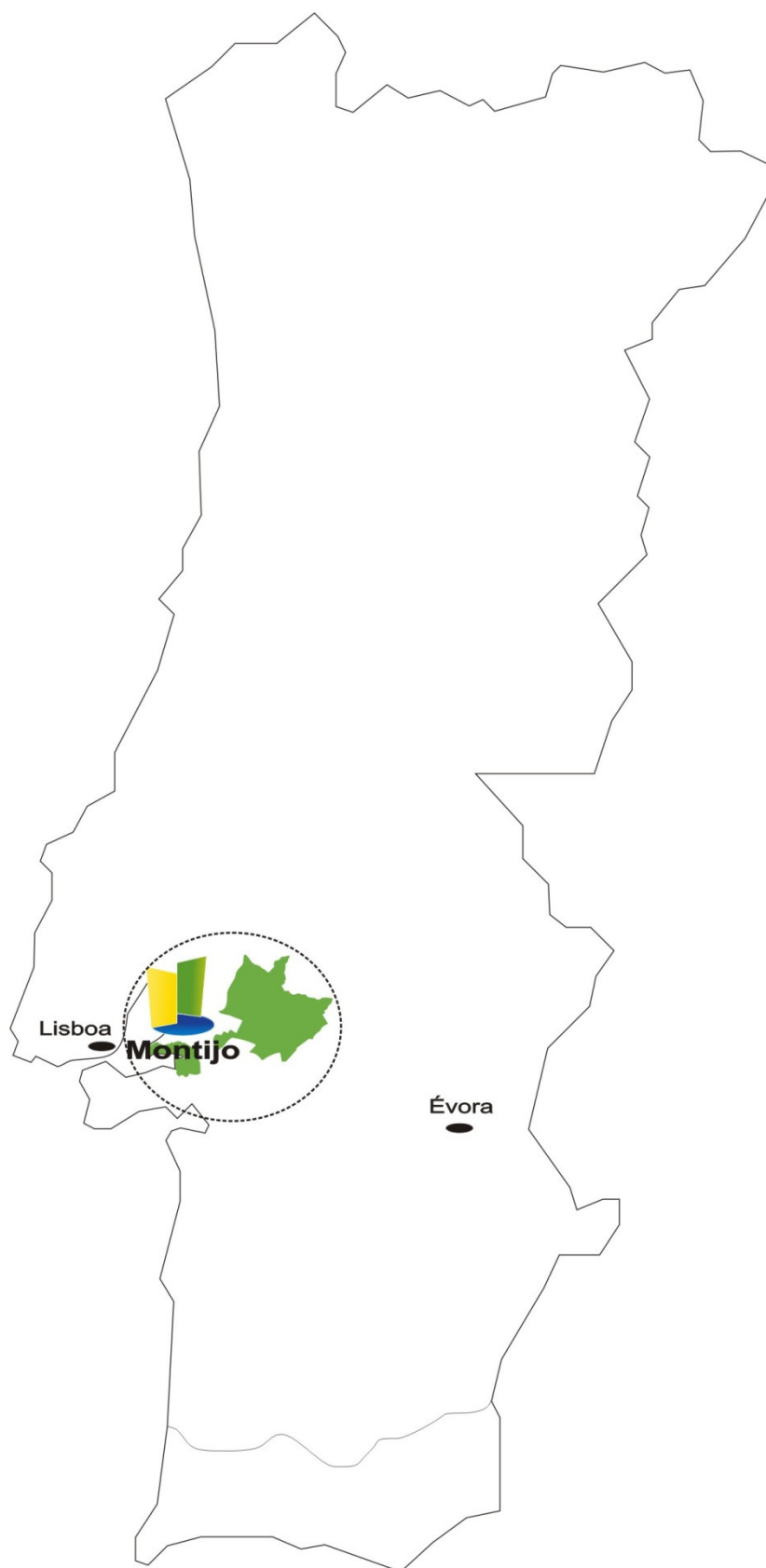


Fig.3 – Mapa de localização do Concelho do Montijo.



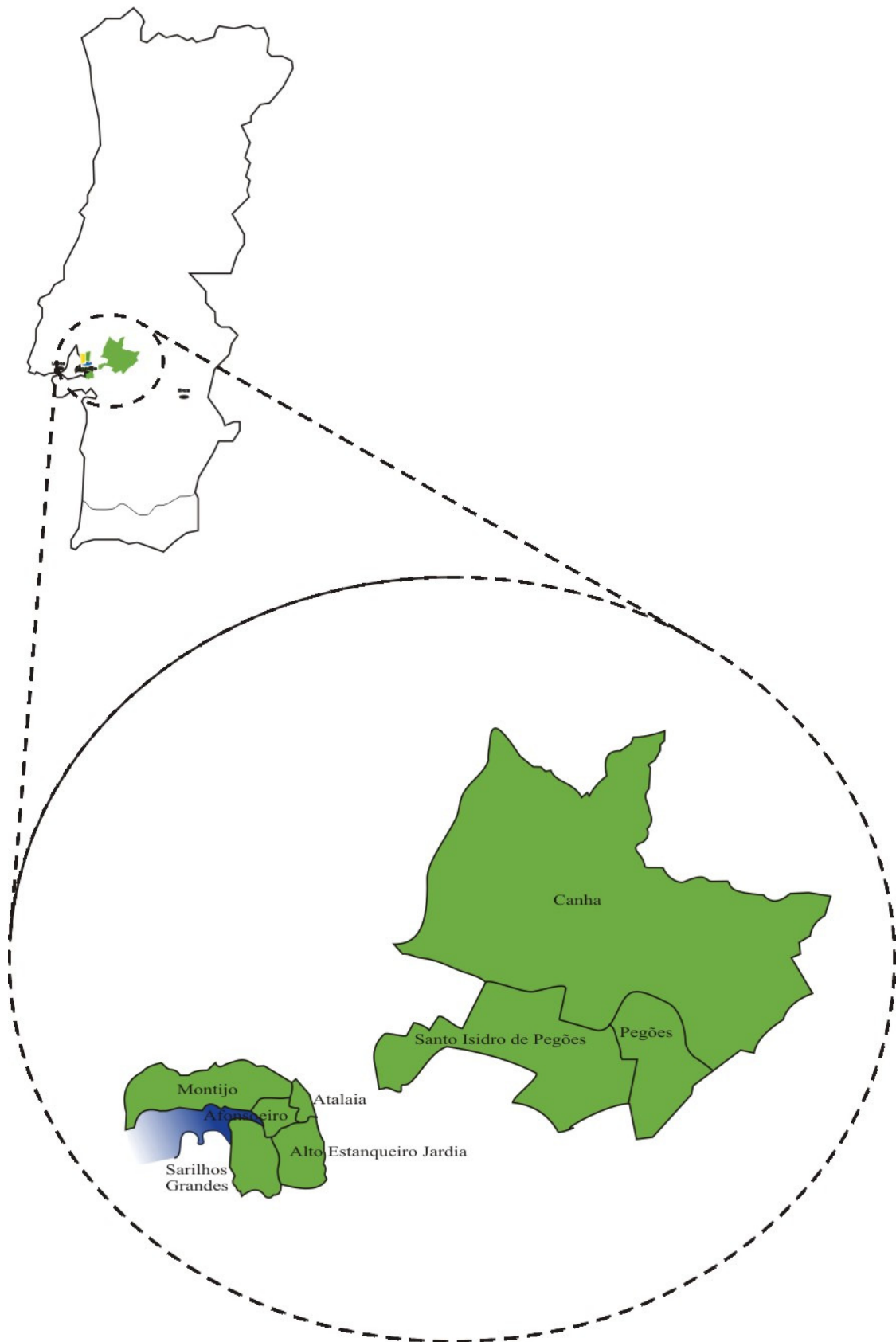


Fig.4 – Mapa com a divisão administrativa actual do Concelho do Montijo por freguesias. Zonas Oeste e Este.

Fonte: <http://www.mun-montijo.pt>





Fig.5 – Vista aérea de Montijo.

Fonte: <http://maps.google.pt>



Fig.6 – Vista aérea do enquadramento urbano e localização da igreja matriz do Divino Espírito Santo.

Fonte: <http://maps.google.pt>





PRAÇA DA REPÚBLICA – IGREJA MATRIZ – INÍCIO DO SÉC. XX

Fig.7 – Fotografia da igreja matriz (início século XX).

Fonte: *Subsídios para a História do Concelho do Montijo: Cronologia Geral*, p.95.



Fig.8 – Vista geral da igreja matriz (Junho 2011).

Fotografia: Jorge Manhita.



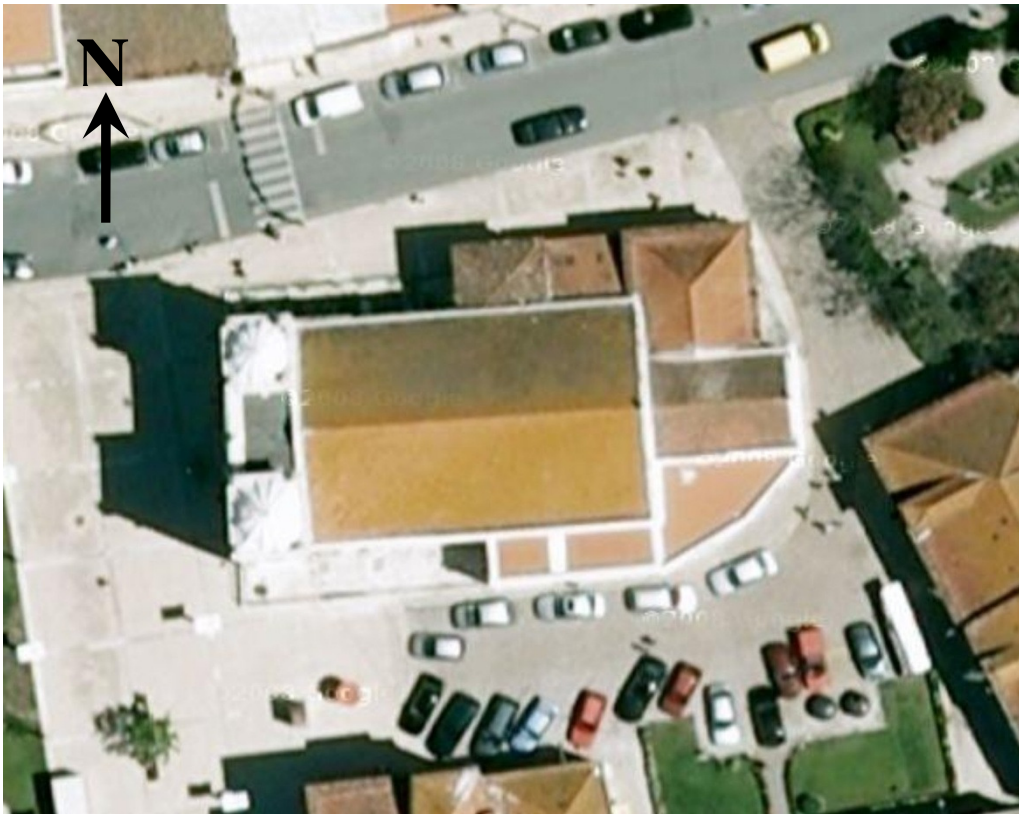


Fig.9 – Vista aérea da planimetria. Fonte: <http://maps.google.pt>



Fig.10 – Vista Norte. Volumes escalonados com coberturas diferenciadas.

Fotografia: Jorge Manhita.





Fig.11 – Vista Oeste. Fachada principal.

Fotografia: Jorge Manhita.





Fig.12 – Vista do portal principal.

Fotografia: Jorge Manhita.



Fig.13 – Vista Sul. Fachada lateral com portal.

Fotografia: Jorge Manhita.





Fig.14 – Vista do portal lateral Sul.

Fotografia: Jorge Manhita.



Fig.15 – Pormenor do portal lateral Sul

Fotografia: Jorge Manhita.





Fig.16 – Vista geral interior.

Fotografia: Jorge Manhita.



Fig.17 – Vista geral interior.

Fotografia: Jorge Manhita.





Fig.18 – Vista geral interior.

Fotografia: Jorge Manhita.



Fig.19 – Vista geral interior.

Fotografia: Jorge Manhita.





Fig.20 – Vistas gerais do revestimento azulejar da nave.

Fotografias: Jorge Manhita.





Fig.21 – Vistas gerais do revestimento azulejar da capela-mor.

Fotografias: Jorge Manhita.



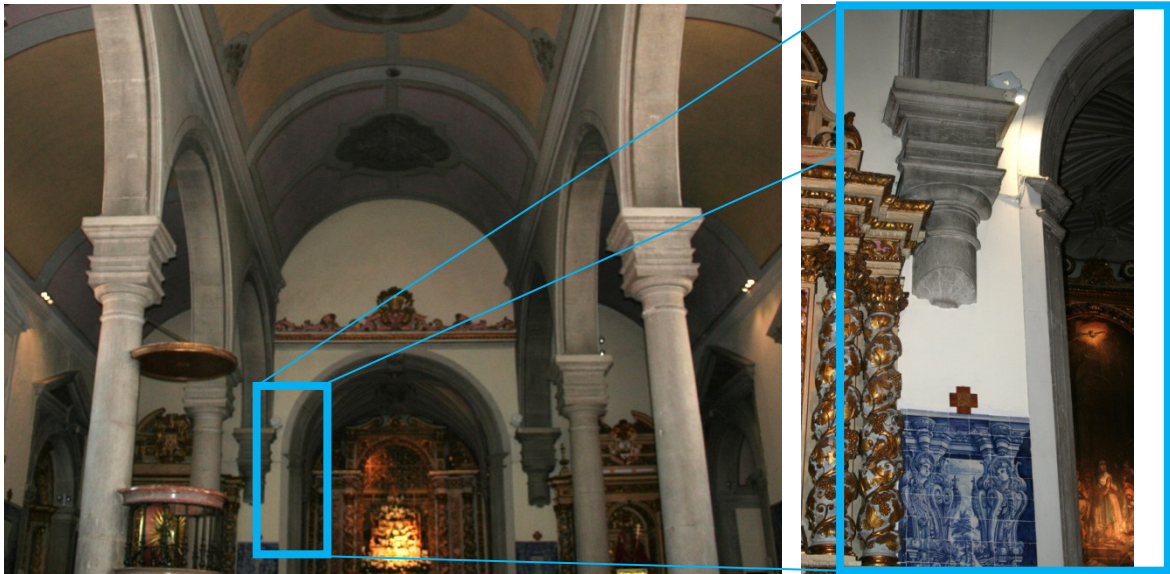


Fig.22 – Pormenor do remate dos arcos da nave – vieiras.

Fotografias: Jorge Manhita.



Fig.23 – Vista geral das abóbadas da nave.

Fotografia: Jorge Manhita.



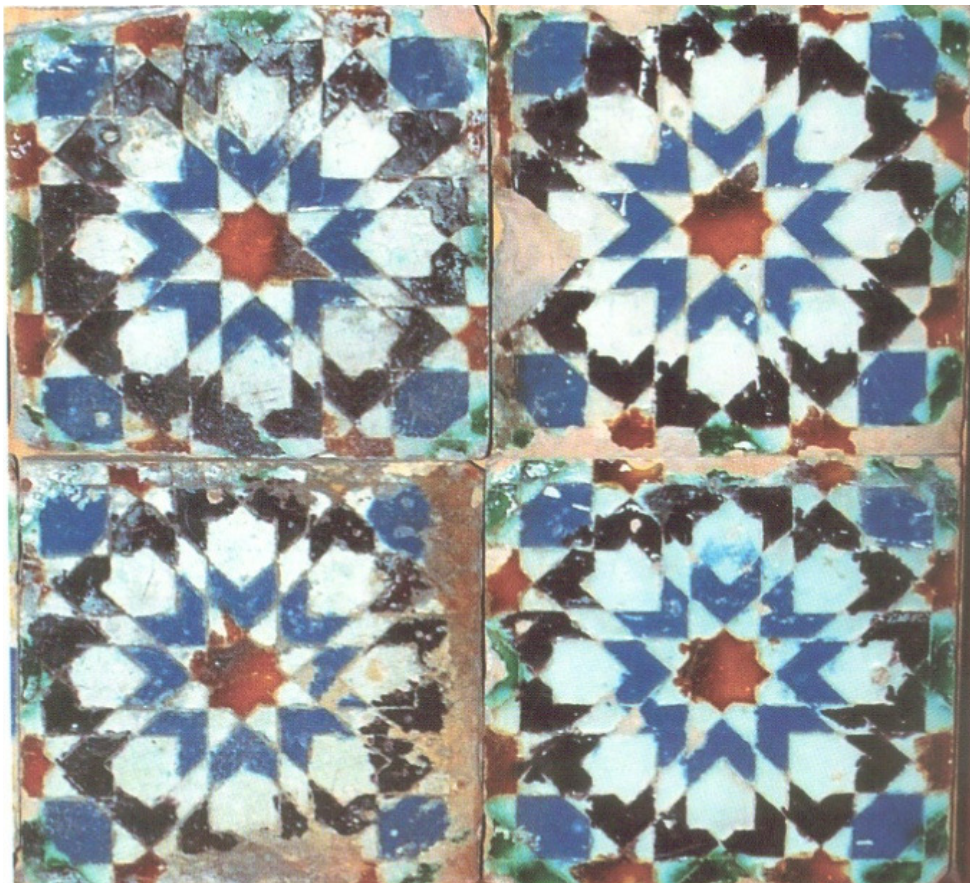


Fig.24 – Azulejos hispano-mouriscos provenientes da igreja matriz do Divino Espírito Santo, actualmente no acervo do Museu Municipal do Montijo.

Fonte: *O património azulejar no concelho de Montijo*, p.22.





Fig.25 – Azulejos de esquema enxaquetado simples – escada de acesso ao coro da igreja matriz do Divino Espírito Santo.

Fonte: *O património azulejar no concelho de Montijo*, p.30.



Fig.26 – Azulejos de esquema enxaquetado – capela da Madre de Deus da igreja matriz do Divino Espírito Santo.

Fonte: *O património azulejar no concelho de Montijo*, p.31.





Fig.27 – Revestimento interior, em azulejo de padrão, do guarda-vento.

Fotografia: Jorge Manhita.



Fig.28 – Pormenor central do revestimento azulejar do interior do guarda-vento da igreja matriz do Divino Espírito Santo.

Fotografia: Jorge Manhita.





Fig.29 – Painel figurativo alusivo à *Fuga* da capela de Nossa Senhora da Purificação.

Fotografia: Jorge Manhita.



Fig.30 – Painel figurativo *Sagrada Família pescando* da capela de Nossa Senhora da Purificação.

Fotografia: Jorge Manhita.





Fig.31 – Painel figurativo da *Apanha do maná no deserto* na capela-mor.

Fotografia: Jorge Manhita.



Fig.32 – Painel figurativo da *Serpente de Bronze* na capela-mor.

Fotografia: Jorge Manhita.





Fig.33 – Perspectiva do revestimento azulejar da nave da igreja – lado do Evangelho.

Fotografia: Jorge Manhita.



Fig.34 – Perspectiva do revestimento azulejar da nave da igreja no – lado da Epístola.

Fotografia: Jorge Manhita.





Fig.33a – Painel do *Coração da Virgem* no guarda-vento – lado do Evangelho.

Fotografia: Jorge Manhita.



Fig.34a – Painel do *Casamento da Virgem* no guarda-vento – lado da Epístola.

Fotografia: Jorge Manhita.





Fig.35 – Painéis figurativos da nave da igreja – vista geral do fundo.

Fotografia: Jorge Manhita.



Fig.36 – Painel do *Batismo* na capela baptismal.

Fotografia: Jorge Manhita.





Fig.37 – Painéis com albarradas e vasos floridos na sacristia.

Fotografia: Jorge Manhita.



Fig.38 – Painéis com albarradas e vasos floridos no coro alto.

Fotografia: Jorge Manhita.





Fig.39, fig.40 e fig.41 – Composições de azulejos de «figura avulsa» da sacristia: lareira, escadas e na parede atrás da porta, respectivamente.

Fotografia: Jorge Manhita.



Fig.42 – Floreira com composição de azulejos de «figura avulsa» no guarda-vento.

Fotografia: Jorge Manhita.





Fig.43 – *Descida do Espírito Santo sobre os Apóstolos* (c.1607), pintura que cobre (durante a maior parte do ano) a tribuna do retábulo da capela-mor.

Fotografia: Jorge Manhita.





Fig.44, fig.45, fig. 46 e fig.47 – Painéis pintados do tecto da sacristia.

Fotografia: Jorge Manhita.



Fig.48 e fig.49 – Tribuna com trono piramidal em degraus e sacrário do retábulo da capela-mor.

Fotografia: Jorge Manhita.





Fig.50 – Retábulo da capela-mor. Pormenor da tribuna com trono piramidal em degraus e sacrário.

Fotografia: Jorge Manhita.





Fig.51 – Retábulo colateral do lado do Evangelho dedicado a Cristo com referência às Cinco Chagas de Cristo; pormenor da cartela.

Fotografia: Jorge Manhita.



Fig.52 – Retábulo lateral do lado do Evangelho dedicado actualmente a Nossa Senhora da Piedade e pormenor da cartela com alusão a Cristo no frontão da capela de anterior dedicação ao Nome de Jesus.

Fotografia: Jorge Manhita.





Fig.53 – Retábulo lateral do lado da Epístola dedicado ao Senhor Jesus dos Passos.  
Fotografia: Jorge Manhita.



Fig.54 – Retábulo lateral do lado do Evangelho dedicado a Nossa Senhora da Conceição  
e pormenores iconográficos.  
Fotografia: Jorge Manhita.





Fig.55 – Retábulo lateral do lado da Epístola dedicado a Nossa Senhora da Purificação e pormenores iconográficos.

Fotografia: Jorge Manhita.



Fig.56 – Retábulo colateral do lado da Epístola dedicado a São Pedro e pormenor do medalhão no ático.

Fotografia: Jorge Manhita.





Fig.57, fig.58 e fig.59 – Especificidades dos áticos dos retábulos da capela-mor, do colateral do lado do Evangelho e do colateral do lado da Epístola.

Fotografia: Jorge Manhita.

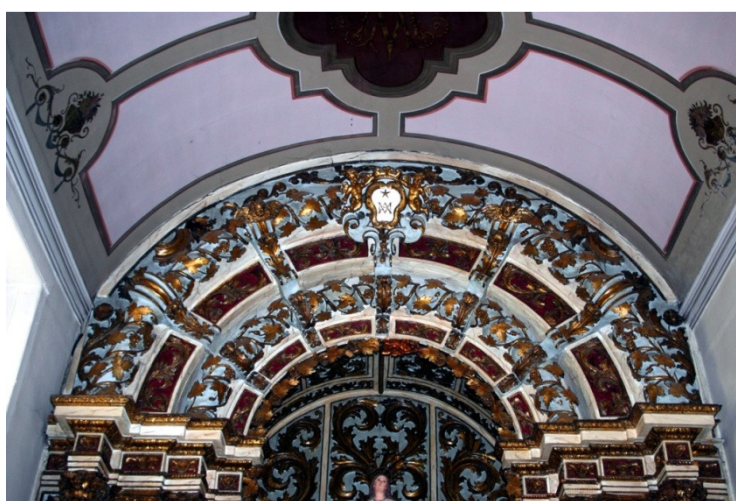


Fig.60 – Ático composto por dois arcos torsos, de volta perfeita e concêntricos, cortados transversalmente por aduelas – retábulo de Nossa Senhora da Conceição.

Fotografia: Jorge Manhita.





Fig.61 – Pormenor decorativo da pilastra do retábulo colateral do lado do Evangelho em forma de cabeça de animal – cão (?).

Fotografia: Jorge Manhita.

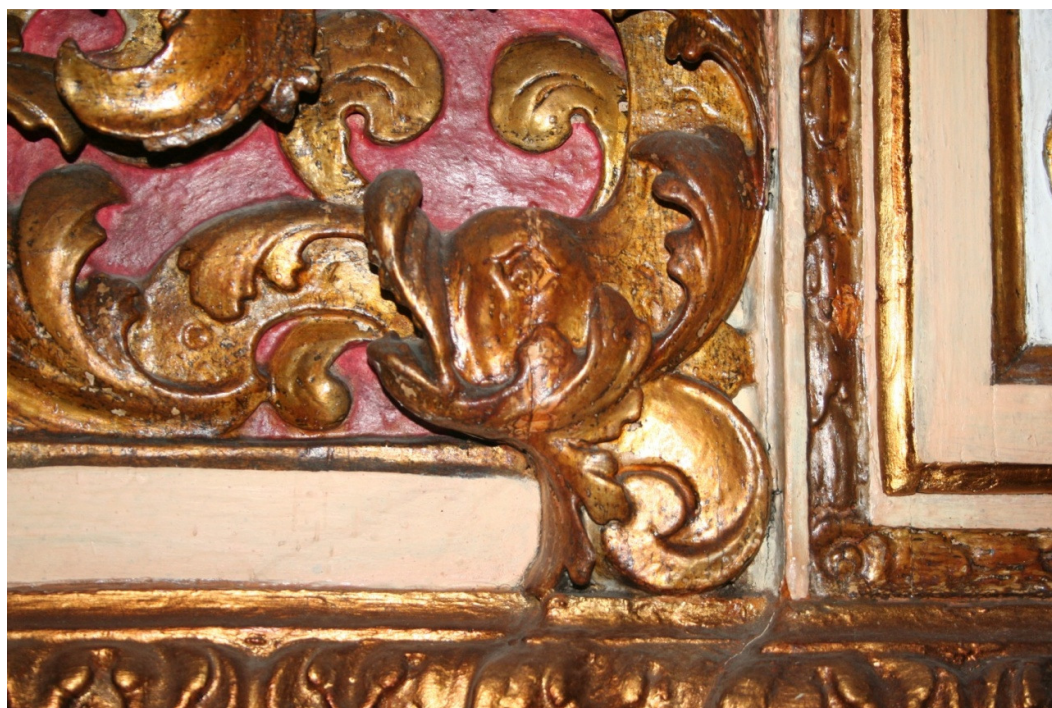


Fig.62 – Pormenor decorativo do retábulo colateral do lado da Epístola em forma de cabeça de peixe – golfinho (?).

Fotografia: Jorge Manhita.





Fig.63 – Pintura a fingir pedraria no retábulo lateral do lado do Evangelho dedicado actualmente a Nossa Senhora da Piedade.

Fotografia: Jorge Manhita.



Fig.64 – Imagem de vulto perfeito de Nossa Senhora da Piedade, do século XVII.

Fotografia: Jorge Manhita.





Fig.65 - Imagem de vulto perfeito de São Pedro, vestido de Pontifical.

Fotografia: Jorge Manhita.



Fig.66 e fig.66a – Púlpito redondo em mármore rosa com porta-voz.

Fotografia: Jorge Manhita.





Fig.67 – Lavatório, em mármore rosa, da sacristia.

Fotografia: Jorge Manhita.



Fig.68 - Retábulo da capela-mor.

Fotografia: Jorge Manhita.





Fig.69 – Tribuna do retábulo da capela-mor coberta com tela.

Fotografia: Jorge Manhita.





Fig.70, fig.71, fig.72, fig.73 e fig.74 – Colunas torsas com sete espiras com fuste totalmente revestido por cachos de uvas, parras, fénix.

Fotografia: Jorge Manhita.





Fig.75, fig.76 e fig.77 – Áticos de volta perfeita e concêntricos, cortados transversalmente por aduelas.

Fotografia: Jorge Manhita.





Fig.78 – Revestimento dourado aplicado na quase totalidade do retábulo.

Fotografia: Jorge Manhita.





Fig.79 - Aplicação nos retábulos de madeira de revestimentos pictóricos a fingir pedraria.

Fotografia: Jorge Manhita.



Fig.80 – Retábulo dedicado ao Senhor Jesus dos Passos.

Fotografia: Jorge Manhita.

